THEATRO

DE

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

THEATRO

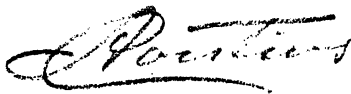
DE

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

SOCIO DA ACADEMIA REAL
DAS SCIENCIAS DE LISBOA, CONSERVADOR DA BIBLIOTHECA
E MUSEU NAVAL

FIGADOS DE TIGRE

LISBOA
TYP. UNIVERSAL DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES
Rua dos Calafates, 110

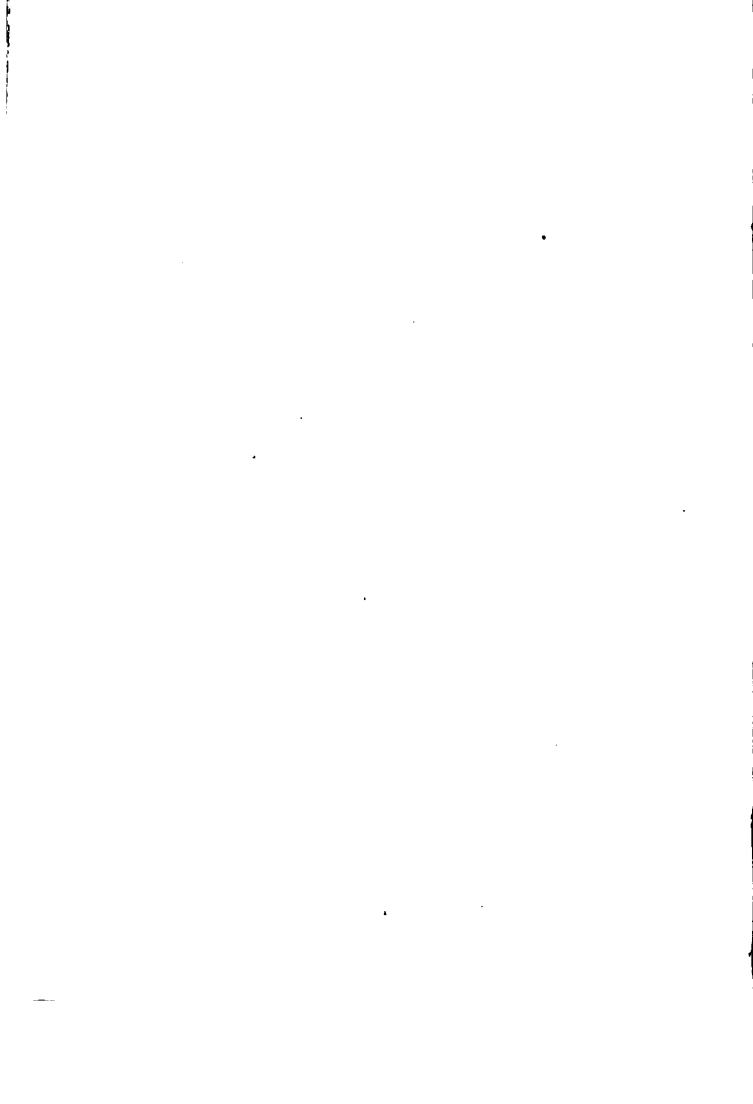
1869

FIGADOS DE TIGRE

A

JOÃO MANUEL DA SILVA COELHO

Meu amigo. Collocando n'esta pagina o seu nome honrado, cumpro um dever gratissimo ao meu coração, e mando-lhe, através do Oceano, esta humilde recordação da patria ausente. Desejaria que fosse menos modesta a offerenda e mais digna do meu reconhecimento; mas cada um dá o que póde — e por isso lhe peço, que a acceite apenas como testemunho da sincera amizade que lhe consagra o

Seu amigo do coração

F. Gomes de Amorim.

PROLOGO

A historia de qualquer trabalho artistico ou litterario, não é tão indifferente para a critica, que d'elle haja de fazer-se, como a algumas pessoas se afigura.

Quando eu escrevi o *Figados de Tigre* ainda não havia em Lisboa a paixão, nem talvez o conhecimento das operas de Offenbach. *A Grã-duqueza de Gerolstein*, o *Barba Azul*, a *Bella Helena*, e todas essas comedias ou farças, que hoje deleitam o publico dos theatros, teriam tido, provavelmente, menos assombroso successo — se houvessem apparecido ha doze annos. O gosto d'aquelles tempos era menos folgazão; as reminiscencias lacrimarias das antigas tragedias, não estavam ainda de todo apagadas então, e as mães de familia não iam para o theatro sem provisão de lenços, para enchugar

os olhos durante os esfaqueamentos dos galãs, e sem bôlos, para fazerem calar as creanças — assustadas com o berreiro dos tyrannos. Um homem distincto, que sabia tomar o pulso ás multidões, e cujo talento o levou muitas vezes adiante do seu tempo, prophetisava, que o unico acepipe de que estas se tornariam gulosas no porvir seriam peças sem senso commum, desconchavos e parvoices, em que nem faltasse uma misturasinha de indecencia, para alegrar os libertinos.

Este homem era o illustre actor Epiphanio Aniceto Gonçalves, mestre dos artistas dramaticos portuguezes.

Quando elle via os esforços heroicos, empregados por alguns escriptores, para formar o gosto das platéas, sorria-se, com um sorriso fino e intelligente, que poucas pessoas entendiam. Ensaiava as peças de actualidade e fazia-as representar conscienciosamente; mas, apezar de as ver ás vezes applaudidas, dizia por entre dentes:
— Hum... não é isto que elles querem; o que lhes convem sei eu!

E sabia, com effeito; mas não achava quem o comprehendesse. Quando se representou o *Templo de Salomão*, a novidade dos camellos attrahiu milhares de espectadores. Epiphanio, que via engrossar todos os dias as receitas do theatro, murmurava:

— Que faria se fosse o que elles querem!

Deu-se depois a *Casa Mysteriosa* e o publico applaudiu-a com furor; mas Epiphanio rosnava sempre: — Ainda não é isto!

Até que, um dia, levaram-lhe uma peça, cujo titulo me não lembro, e o artista exultou á vista d'ella. N'essa embrulhada, memoravel pela semsaboria que a dominava, appareciam homens-ursos, homens-leões, diabos, fadas, e um dragão, que deitava lume pelo umbigo! Não houve pessoa que não fosse assistir ás representações d'aquella obra prima! O theatro enchia-se todas as noites; Epiphanio andava jubiloso... e, comtudo, resmungava sempre: — Ainda não era bem isto! — Garrett, o proprio Garrett, dizia-lhe muitas vezes: — Ó sr. Epiphanio, aquella bicha maravilhosa, que esguicha fogo por todos os buracos, é a passa-

róla mais estupenda dos tempos modernos! O actor esfregava as mãos, e respondia:

— É d'aquillo que o publico gosta... mas ainda não é bem o genero, que eu tenho imaginado, e que deve salvar o theatro! — Elle queria pedir Offenbach: *Grã-duqueza*, *Barba Azul*, *Bella Helena*... mas, ignorando que estas obras existissem, adivinhava-as simplesmente!

Eu, sem ter como elle o condão de ler no futuro, andava, desde muito tempo, com desejos de escrever uma peça, que, sem eu saber, rastejava pelos seus sonhos. Os theatros offereciam-me quotidianamente mais sarrabulho, do que ha em toda a provincia do Minho, durante a matança dos porcos. Inspirei-me, pois, n'esses assumptos sanguinolentos, escrevi o primeiro acto do *Figados de Tigre* e li-o a Epiphanio. O grande artista rugiu de enthusiasmo, logo ás primeiras scenas. Similhante ao cavallo arabe, que, perdido com seu dono nos desertos ardentes do Sahara, sente repentinamente debaixo dos pés a fresquidão de um veio de agua proximo, assim o illustre actor fare-

jára, no começo da minha obra, o genero que havia muitos annos acariciava a sua phantasia!

Imagine-se a minha estupefacção, vendo-o correr e saltar pela casa, com risco de me quebrar os trastes, depois de ter tentado quebrar-me as costellas com um abraço!

— Homem, toma juizo! Tu já não és criança e...

— Acaba isso! Acaba isso depressa, se queres ganhar dinheiro, e salvar o theatro!

— Pois julgas?...

— Se julgo?! o futuro da arte está n'esse genero, ou não está em coisa nenhuma.

— Não digas heresias! olha que insultas a arte e o senso commum; isto não passa de uma brincadeira, que eu escrevo por desenfado de outros trabalhos aborrecidos.

— Pois sim, seja brincadeira ou o que quizeres; porém, eu, que conheço a terra em que vivo, digo-te que tens debaixo das mãos o melhor elemento de receita, que póde haver para os theatros; e posso affirmar-te, que esta especie de obras ha de enriquecer algumas emprezas futuras.

Que propheta!

Atirou-se pela porta fóra, como um foguete; foi fallar ao commissario do governo, e voltou no dia seguinte, com o ar triumphante de quem trazia fechados na mão os destinos do mundo theatral!

— Estou auctorisado, pelo commissario regio, para pedir-te que acabes esse trabalho com a maior brevidade, afim de se ensaiar antes do proximo carnaval.

— Então já se podem dar d'estas peças no theatro normal? E a lei, que se oppõe?

— Fiz comprehender á administração, que a verdade existe sómente n'estas obras. Um camello vale mais que um dialogo de Garrett, de Rebello da Silva ou de Mendes Leal; uma parodia burlesca é superior a uma litteratura inteira.

— Admiravel! E se o publico me estoirar com uma pateada?

— Deixa-o patear; o theatro ha de encher-se todas as noites. É possivel que, emquanto não entendam bem o genero, se mostrem pouco satisfeitos; mas continuarão a

ir sempre, para comprehenderem melhor, e nós iremos tambem ganhando dinheiro.

— Esse racciocinio faria honra ao proprio Gotama, auctor da *Nyaya*, o mais antigo monumento que existe da logica indiana...

Epiphanio interrompeu a minha erudição, dizendo que ia mandar tirar os papeis do primeiro acto.

— Ainda não o li; precisa corrigido e...

— Arranja-te como podéres!—E saiu, levando-o e deixando-me abysmado com o seu injustificavel enthusiasmo.

No dia seguinte veiu buscar o segundo acto; no outro dia, o terceiro; e depois o quarto, sem me dar tempo de os rever e afinar. Quando acabei a peça já metade estava ensaiada!

O illustre artista andava n'uma rodaviva, a estudar o vestuario e a *mise-en-scène;* nunca em sua vida ensaiára coisa por que, com menos razão, mostrasse tanto amor! Se elle tivesse vivido assás para conhecer o general Boum, estou que faria a si proprio uma ovação, pelo ter adivinhado doze annos antes!

A peça, apezar de insignificante, deu bastantes enchentes ao theatro e alguns lucros ao auctor. Epiphanio tinha sido em tudo propheta; o publico applaudia os disparates; e as pessoas que não entendiam, murmuravam, mas voltavam na seguinte noite para ver se comprehendiam melhor! A unica falta que houve, e que nos impediu de obtermos um triumpho immenso, foi não ter eu feito o enredo um pouco mais immoral, mais de actualidade, e mais sem sabor ainda; se lhe tenho encaixado uns amores bem indecentes, como os das operas comicas francezas, que hoje são moda, ainda o *Figados de Tigre* andaria no reportorio. Mas eu nunca quiz acreditar, que a sorte de certas obras dependesse de tão pouco; e esse erro privou-me de ter ganho muito dinheiro e, talvez, muita popularidade! Paciencia. Consolo-me com a satisfação de haver conseguido, que me applaudissem sem eu ter recorrido a meios licenciosos; e de ter satisfeito os desejos do grande actor, a quem me tenho referido, e á memoria do qual me comprazo em dar aqui publico e solemne

testemunho de admiração e de saudade.

Parece-me haver demonstrado sufficientemente, historiando o modo porque se escreveu esta peça, que não aspiro a classifical-a em nenhum genero litterario, e que por isso a critica terá pouco que occupar-se d'ella. Foi começada como simples brincadeira, sem intenção de ser posta em scena; e concluiu-se para satisfazer o pedido de um artista, que honrava o auctor com sincera amizade. Não sei se é parodia, se farça ou comedia; creio que tem de tudo um pouco; e que, apezar dos seus gravissimos defeitos, não faz mal a ninguem nem usurpa nenhum logar. Deixem-n'a, pois, passar e viver; a sua existencia é um gracejo, inutil e inoffensivo, como muita gente que anda por esse mundo e cujo destino é um mysterio, que não vale a pena estudar.

FIGADOS DE TIGRE

PARODIA DE MELODRAMAS

Representada a primeira vez, em Lisboa, no theatro de D. Maria II, em 11 de fevereiro de 1857

PESSOAS

FIGADOS DE TIGRE — Imperador de um paiz desgraçado.
IMPERATRIZ LEOCADIA.
INFANTE DONA THOMAZIA.
JOANNA — Filha da princeza Theophila.
PEDRO CRU — Filho de paes incognitos.
LUIZ GREGORIO — Homem sem familia.
PILATOS — Ex-irmão do imperador.
GOLIAS — Não se sabe quem é.
PAE THOMAZ — Preto, que teve uma cabana.
SEIS VALETES DE CARTAS DE JOGAR.

ANTONIO FERRAGIO. MACBETH. LOPO DA SILVA. O MULATO DOMINGOS. LOURENÇO — O Cedro Vermelho. OTHELLO. TITUS ANDRONICUS.	Creaturas perdidas em diversas obras theatraes.

PLUTÃO — Governador dos infernos.
DONA PROSERPINA — Sua esposa.
A DISCORDIA — Pessoa de juizo, que vive á custa alheia.
O CRIME — Negoceia em venenos e armas prohibidas.

TANTALO. SISYPHO. ATREO.	Victimas de intrigas politicas.

PROMETHEO — Antigo fabricante de homens.

ORPHEO — Grande artista em gaita de folles.
EURYDICE — Sua ex-esposa.
MIGUEL DE CERVANTES SAAVEDRA — Auctor illudido.
D. QUIXOTE — Seu filho.
UM INGLEZ — Ex-soldado de Sebastopol.
CARONTE — Catraeiro no outro mundo.
UM CORNETA.
SOMBRAS DE GENTE, NAS MARGENS DO MUNDO.
DITAS (NÃO SE SABE DE QUEM), NOS INFERNOS.
DITAS DOS BEM-AVENTURADOS, NOS CAMPOS ELYSEOS.

UM ESCOCEZ. UM HOMEM DE CASACA AZUL E BOTÕES AMARELLOS. UM HOMEM DE CASACA AMARELLA E BOTÕES AZUES. UM JUDEU, VENDENDO TAMARAS. UM HESPANHOL. UM SENADOR ROMANO. UM CAVALLEIRO DA EDADE MÉDIA. UM ARABE DE ALBORNOZ BRANCO. MULHERES DE CAPOTE E LENÇO. HOMENS SEM LENÇO NEM CAPOTE. UM EMBUÇADO QUE SE DESEMBUÇA. SEIS EMBUÇADOS ANONYMOS. UMA PATRULHA MUNICIPAL.	Estes personagens não fallam; apparecem aqui por não terem que fazer em outra parte.
CONDEMNADOS ÁS PENAS ETERNAS. DOIS CABOS DE POLICIA. O CÃO CERBERO. O SOL. A LUA. AS ESTRELLAS.	Tambem estes são muito discretos; apenas alguns dão seu urro de vez em quando, para cortarem a monotonia infernal em que vivem.

Logar da scena: — Terra, Infernos e Campos Elysios.

EPOCA — perde-se na noite dos tempos.

ACTO PRIMEIRO

PRIMEIRO QUADRO

—

Sala forrada de preto, mobilada com trastes brancos de feitios caprichosos e extravagantes. Não ha portas nem janellas visiveis; todo o serviço é feito por portas falsas ou alçapões, que deitam para subterraneos. Ao fundo um throno, tambem de fórma extravagante, com tres degraus, e docél de panninho azul semeado de estrellas muito grandes. Do tecto pende, por uma cadeia de ferro, um lampeão enorme. Aos lados do throno ardem seis brandões de cera amarella.

SCENA I

Ao erguer do panno estão em scena TODOS os personagens da peça, e cantam o côro, que a orchestra acompanha tocando a introducção da opera *Rigoletto*.

TODOS, cantando

Não queiram n'esta farça
Achar moral patusca;
Quem pede olhos de garça
Á cara parda ou fusca?

Aqui, tudo é mentira,
E tudo brinco e riso;
A musa, que isto inspira,
Descanta ao som de um guizo:

2

« É curto sonho a vida...
Parodia e farça, em tudo
Folgae, que finda a lida
Tereis passado o entrudo! »

Se tudo é, pois, folguedo,
Dando urros d'alegria,
Começe aqui o enredo
Com esta berraria.

Acabado o canto, fogem todos pelas portas falsas e alçapões.

SCENA II

PEDRO, entra por um alçapão, espreitando para todos os lados, com ar assustado e andando nos bicos dos pés; depois de ter escutado á roda das paredes, desce a scena

Vamos a isto (Com um longo suspiro.) Elisa!... flôr que nasceste á beira do tumulo, com um sol em cada face, duas estrellas na testa, e a lua melancholica pendurada em teu peito de alabastro! Ai, luz do meu espirito; ámanhã, quando a aurora da minha esperança não raiar já por entre os descombros ardentes do teu ermo coração, chorarás com a fronte pendida, como nos alcantis da serra

o myrto derrubado pelos aquilões! Eu vou partir para as frias regiões da neve! Que será de ti, pomba da minha alma, só e errante no silencio da tua familia, onde tantas aves de arribação te véem arrastar a aza, com o olho no campo que has de herdar de teu pae! Ai!... de que me serve ser poeta, se a poesia é um dom fatal?... (Ouve-se repetir ao longe o côro.) Uns eccos saudosos e sinistros quebram o silencio das solidões; o ruido das saturnaes chega a este recinto, como vozear de mortos; o vento da noite brinca, entre os cyprestes, com os craneos brancos e polidos dos sabios e dos ignorantes, dos reis e dos pastores! oh philosophia! — Se ao menos eu tivesse aqui uns filetes de vitella?... A poesia é sempre modesta nas suas aspirações... (Abrindo um armario.) A sobriedade é filha da sabedoria... (Pegando n'um pedaço de queijo. Desalmados! apenas me deixaram um pedaço de queijo, duro como as broncas penedías por onde vivem as zagallas! (Roendo o queijo e suspirando.) Elisa! Elisa! (Tira uma garrafa do armario e bebe sem ver o que é.) A abstinencia é uma qualidade das almas superiores. (Cuspindo.)

Oh diabo ! isto não é vinho !... é oleo de copahiba. — Elisa ! Ai, Elisa !... Oh ! ah !

Some-se por um alçapão ; a orchestra toca o coro da partida do templo de Salomão

SCENA III

FIGADOS DE TIGRE, IMPERATRIZ, INFANTE, seis VALETES DE CARTAS, entram todos por portas falsas e alçapões, e correm a casa nos bicos dos pés espreitando para todos os lados, por traz dos moveis, do throno e do docel. Finda esta pesquiza, Figados de Tigre senta-se no terceiro degrau do throno, a Imperatriz no segundo, e a Infante no primeiro. Os Valetes collocam-se tres de cada lado.

FIGADOS DE TIGRE

Arrancadas sejam as orelhas ao primeiro inventor de melodramas e mais bugiarias theatraes ! Depois que se descobriu esse rival do chouriço de sangue, não ha segurança nem no interior das familias ! Até em sua casa se vê um homem obrigado a andar acautelado, espreitando que não se lhe metta alguem debaixo das camas ! Para evitar ataques imprevistos, não uso portas nem janellas visiveis no meu palacio ; costumei-me a

bèber veneno como quem bebe agua, e mando enforcar todos aquelles de quem desconfio. (Os valetes riem-se, e um olha para elle.) Canalha de Valete, porque estás a olhar para mim d'esse modo?

VALETE

Eu? senhor! senhor! senhor!

FIGADOS DE TIGRE, aos outros

Esganem esse patife.

VALETE

Meu senhor!

Ajoelha.

FIGADOS DE TIGRE

Tenho dito.

IMPERATRIZ, levantando-se

Perdoa-lhe por esta vez.

INFANTE, idem

Ó papá, perdoe-lhe, por alma da tia Sebastiana!

FIGADOS DE TIGRE

Eu chamo-me Figados de Tigre; tenho assassinado setenta e cinco creaturas, incluindo seis agiotas, e quinze pessoas da mi-

nha familia; um homem que tem o meu nome, não póde perdoar a ninguem; necessita matar por honra da firma. Morra o traidor!

VALETE

Sou innocente!... Não deixeis triumphar a vil calumnia de uma victima opprimida.

FIGADOS DE TIGRE

Preciso beber o teu sangue! Morra! E não me tentem, se não mando tocar á degolla no meu imperio!

Os valetes esganam o companheiro e atiram com elle para um canto.

SCENA IV

FIGADOS DE TIGRE, IMPERATRIZ, INFANTE, VALETES, PEDRO

PEDRO, vindo de um alçapão

Tyranno!

FIGADOS DE TIGRE, erguendo-se

Ah!

IMPERATRIZ

Oh!

INFANTE

Ui!

OS CINCO VALETES

Ai! ai!

PEDRO, avançando

O culpado sou eu.

Á Infante.

Por ti, Elisa, por ti...
Porque depois que te vi
Nunca mais me conheci;
E não sei o que senti
(Pondo a mão no coração) Aqui!

Ai de mi!
Soffri,
Carpi,
Gemi,
Vivi,
Morri;
Mas não fugi
De ti...
(Cantando como gallo) Kikiriki!...

INFANTE, com ternura, indo para Pedro

Meu bem!... sou tua... és meu... somos nossos!

PEDRO, lançando-se-lhe nos braços

Oh! perola pescada nos mares delirantes da minha phantasia! Não te entregues d'esse modo aos delirios da paixão, por que póde ferir-nos a ira d'esses que vegetam a teu

lado, e romper a cadeia doirada que nos prende, por sobre lividos escarpamentos, onde luz o sol negro do destino!

FIGADOS DE TIGRE, aos Valetes

Ponham esse pedaço d'asno lá fóra com dois pontapés.

INFANTE, correndo para o Imperador

Imperador... pae, senhor, monarcha excelso!... mas ah! não... sim... que digo?...

Primeiro que o seu peito a ferir chegues,
Hão de ser-me as entranhas arrancadas;
Ha de em rios correr todo o meu sangue,
E o teu sangue tambem, se fôr preciso!

Tira uma navalha enorme da algibeira, abre-a e ameaça com ella Figados de Tigre.

A sua vida é a vida da minha vida; a sua alma é a alma da minha alma; o seu corpo é o corpo do meu corpo... Emfim, elle é meu e eu sou d'elle!

FIGADOS DE TIGRE, descendo do throno

Desgraçada! ousas contra teu pae?!

INFANTE

Delirios funebres dos grandes infelizes,

descei ao meu cerebro e fazei com que eu desmaie!

Desmaia nos braços de Pedro.

FIGADOS DE TIGRE, batendo o queixo com raiva

E não se abre a terra para engolir esta vibora, que eu acalentei no meu seio?!... (Cruzando os braços ante a filha desmaiada, e rindo ferozmente.) Filha indigna! usas de navalha contra teu pae?!... Ah! ah! ah! ah!... (Tetricamente.) Pois bem! eu te...

A Infante levanta-se atterrada.

IMPERATRIZ, mettendo-se entre elles

Suspende!

FIGADOS DE TIGRE, solemnemente

Eu te amaldiçôo!

IMPERATRIZ, INFANTE, PEDRO

Ah!

Caem todos tres.

FIGADOS DE TIGRE, aos Valetes

Fóra d'aqui, patifes! não perturbem a dôr d'uma familia honesta.

Os Valetes somem-se pelos alçapões; o que estava morto, levanta a cabeça e vendo que ninguem repara n'elle, sae correndo atrás dos outros.

SCENA V

FIGADOS DE TIGRE, IMPERATRIZ, INFANTE, PEDRO

PEDRO, sentando-se no chão

Caia o sangue das victimas sobre a cabeça do assassino! É para isto que te sentas n'um throno de oiro e saphiras? Pois limpa as mãos á parede; fizestel-a bonita, não tem duvida!

FIGADOS DE TIGRE, lugubremente

Matei-as?

PEDRO

Mataste.

FIGADOS DE TIGRE, resignadamente

Paciencia; ellas tambem não haviam de viver sempre.

PEDRO

A mim me chamam Pedro Cru, mas cosido seja eu em azeite de purgueira, se tu não tens a alma negra como um tição!

Voltando-se para a Infante, com grande pieguice.

Rosa de amor, rosa purpurea e bella,
Oh leva-me comtigo á campa fria!

Separados em vida, pela tyrannia paterna, iremos reunir-nos nas eternas campinas, onde seremos coroados de myrtos e convertidos em estrellas de prata! Oh! pomba do casto amor, deixa-me n'esta hora suprema consagrar-te a alma n'um beijo de delicias! (Vae a beijal-a e ella dá-lhe uma bofetada.) Ai!... (Pondo a mão na face.) Paixões d'além da campa, sinto que sois tristes como a morte!

INFANTE

Não chores mais, que eu já vou tornando a mim.

FIGADOS DE TIGRE, vendo-a levantar-se

Sombra implacavel!... pavoroso espectro!... que queres aqui? Tu já não és da terra dos vivos.

INFANTE, como desvairada pela dôr

Adeus, para sempre adeus, ridentes plainos da minha alegre meninice! Adeus, esperança d'um porvir de gloria no throno de meus paes! Adeus, Pedro do meu coração... (Andando á roda da casa.) Adeus, adeus, adeus, adeus, adeus, adeus!... (Parando junto da mãe e

chorando.) Oh minha mãe, minha terna mãe!... tu, ao menos, não eras minha inimiga, por que uma mãe não mata seu filho, morre por elle! Ha! ha! ha!

PEDRO, chorando ruidosamente

Eu rebento, se ella parte! Ha! ah! ha!

FIGADOS DE TIGRE, chorando

Não me sinto com figados de a deixar partir!

IMPERATRIZ, sentando-se tambem a chorar

Coitadinha! coitadinha! Mas para onde vae ella?

FIGADOS DE TIGRE

Eu sei cá! Isto corta o coração de uma pedra. (Abrindo os braços.) Filha das minhas entranhas; vem aos meus braços.

INFANTE, pendurando-se-lhe ao pescoço

Oh meu rico paesinho!

IMPERATRIZ, abraçando-se a elles

Marido da minha alma! Filha do meu amor!

PEDRO, indo sentar-se no throno

Este quadro de familia é tocante de mais para mim! (Limpando os olhos.) Vou ver se durmo.

INFANTE, vindo á bocca da scena, canta tragicamente; musica do final da opera *Pega Ladra*

**Oh prazer! oh gozo, oh dita!
Perdoou-me o meu papá;
Por me ver bastante afflicta
A chorar com a mamã!**

**Sou feliz! sempre querida,
Como a abelha quer ás flores;
Côlho as rosas d'esta vida,
Variando os meus amores!**

PEDRO, desce do throno e canta; musica da opera *Lucia de Lamermoor:* oh bell alma innamorata

**Oh! mulher, que me arrebatas!
Oh infante da alma minha;
Eu não creio em pataratas,
Mas estou, que hasde ser minha.**

**Tu bem sabes se eu te adoro!
Se eu te quero por mulher!
Já comprei casa em que móro...
Para quando Deus quizer.**

FIGADOS DE TIGRE, cantando: marcha da opera *Fausto*

Eu cá por mim
Gostei da pinga;
Não era assim
Nenhum catinga!

Se tive amores,
Foi ao copasio,
Que aviva as côres
D'um olho gazeo.

Soube emborcar!...
Porém agora
Nem sei mostrar,
Quem fui outr'ora!

A minha adega,
Que jaz sem pinga,
Hoje é bodega
D'um vil catinga!

Estala um trovão; a orchestra toca o côro dos velhos da opera *Fausto*; Figados de Tigre canta

Ai, que susto! a minha fronte
Bate... bate... a repicar!

IMPERATRIZ, cantando a mesma musica

Não seria alli defronte?
Eu sinto-me arripiar!

Repetem os ultimos versos.

TODOS, cantam em côro a musica da cabaleta do duetto de barytono e soprano, da opera *Macbeth*

Sinto o meu coração a bater,
Tefe! tefe! pancadas de truz!

Agarram-se todos aos fatos uns dos outros, e cantam, pulando a compasso com a musica.

Toca, toca a fugir e a correr!
Catrapuz! catrapuz! catrapuz!

FIGADOS DE TIGRE, parando

Esperem todos. (Todos se suspendem; a orchestra pára.) A coisa é comigo; vossês não téem nada com o que vae passar-se.

IMPERATRIZ

Então que é?

PEDRO

Dize depressa, homem.

FIGADOS DE TIGRE

É horrivel!

TODOS

Horrivel?!...

FIGADOS DE TIGRE

Medonho, tenebroso, infernal!

INFANTE

Ó papá, não metta medo á gente!

FIGADOS DE TIGRE

Faz hoje quarenta e cinco annos, quarenta e cinco mezes, quarenta e cinco dias e quarenta e cinco horas...

PEDRO, interrompendo-o

A mim parece-me, que então faz quarenta e oito annos, dez mezes, e dezesete dias, e que era melhor...

FIGADOS DE TIGRE

Cala-te, pateta; isto assim é mais cabalistico, mais fatal (Rugindo), mais maldito!

INFANTE

Ui! ui!

PEDRO

Conta lá a coisa, anda.

FIGADOS DE TIGRE, pegando-lhe na mão e conduzindo-o para um canto, com ar de mysterio

Era um dia de noivado.

PEDRO

Maldição!

FIGADOS DE TIGRE

Minha mulher, que vinha a ser mãe de meus filhos...

PEDRO

Percebo.

FIGADOS DE TIGRE

Estava sósinha em casa; meu irmão Pilatos foi comigo á pesca das enguias...

PEDRO

Complica-se o enredo!

FIGADOS DE TIGRE

No meio do caminho fingiu uma dôr e sumiu-se; quando eu voltei, não encontrei minha mulher em casa. O traidor ardia por ella n'uma paixão de escaldar! Eu já o sabia; mas não tinha feito caso, esperando que lhe passasse com o inverno, que promettia ser de gelar!

PEDRO

E gelou-o?

FIGADOS DE TIGRE

Accendeu-o mais! — Depois de grandes pesquizas achei meu irmão escondido n'um subterraneo.

PEDRO

E tua mulher?

FIGADOS DE TIGRE

A virtude fôra respeitada; o perfido tinha aberto as veias de minha virtuosa esposa, para lhe introduzir o sangue d'elle, afim de se fazer amar! E esperava, no silencio do abysmo, a consummação das suas negregadas artes magicas!

PEDRO

E ella?

FIGADOS DE TIGRE

Pilatos não queria confessar onde a tinha sonegado ao meu amor. Comecei a cortal-o em bocadinhos, para obrigal-o a fallar...

PEDRO

E fallou?

FIGADOS DE TIGRE

Arranquei-lhe os dentes um por um; cortei-lhe as orelhas e os dedos; e começava já a cortar-lhe o nariz quando a lembrança de que ficaria privado do prazer de se assoar, fez com que me dissesse a verdade.

PEDRO

E depois?

FIGADOS DE TIGRE

Não achando em todos os melodramas an-

tigos e modernos nenhum genero de tormento, que fosse do meu gosto, mandei fazer um foguete monstro, amarrei-lhe meu irmão ao rabo e deitei-lhe fogo.

PEDRO

Ah!

FIGADOS DE TIGRE

Foi por esses ares e nunca mais o tornei a ver! Mas de vez em quando tenho uma visão pavorosa; um horror de metter medo ao diabo! Vejo uma caterva de tyrannos, que me perseguem e prophetisam uma morte de arrepiar os cabellos a um calvo!

INFANTE

Ó papá, então não nos conta a nós?

IMPERATRIZ

Filha, os segredos de um pae não se podem dizer aos filhos, porque os filhos são filhos... emfim, são filhos.

PEDRO

Virtuosa Imperatriz! Permitte que eu te beije essa mão augusta, porque minha mãe tambem fazia uso da mesma doutrina.

IMPERATRIZ

Como se chamava tua mãe?

PEDRO

Dona Ramiro Ramires, cognominada a dama Pé de Cabra.

IMPERATRIZ

A Pé de Cabra? Tu és filho da dama Pé de Cabra? Eu sou filha de D. Mendo Ansures, tio do cavalleiro negro...

PEDRO

Filha do cavalleiro azul? Então sois?...

FIGADOS DE TIGRE

E tu és Pedro Cru, irmão do trinca-espinhas?

PEDRO, a Figados de Tigre

Imperador, meu tio... eu sou teu sobrinho.

IMPERATRIZ

Meu sobrinho, meu querido sobrinho!

Abraçando-o.

INFANTE

Primo do meu amor... tu és meu primo!

Abraça-o.

FIGADOS DE TIGRE

Vejamos: é preciso que este negocio fique bem claro; dize lá, como és tu meu sobrinho?

PEDRO

O pae do cunhado da irmã do primo do tio da princeza Felisberta — a quem chamavam a Torta, era filho do sobrinho do marido da sógra do cavalleiro negro.

FIGADOS DE TIGRE

Que diabo de embrulhada é essa?!

PEDRO

Isto, cá na litteratura, chama-se demonstração logica.

FIGADOS DE TIGRE

Sim! pois eu antes quero acreditar que és meu sobrinho, do que ver-me obrigado a entender a tua logica.

PEDRO

Por tal preço, senhor, não quero o throno!

FIGADOS DE TIGRE

Agora vão-se todos; deixem-me com a minha visão, que ella não tarda.

Saem todos, menos Figados de Tigre.

SCENA VI

FIGADOS DE TIGRE, só; ouve-se outro trovão mais forte e a orchestra toca uma peça lugubre

Eil-a comigo! Com os diabos!... pois eu não poderei esganar quem quizer, sem que me appareça esta sucia de phantasmas?!... (Ouve-se um sino tocar lugubremente doze badaladas; Figados de Tigre conta das nove em diante.) Nove, dez, onze, doze... É a hora fatal! (Ouvem-se os sons d'uma gaita de folles.) Aguenta, Figados de Tigre! A coisa hoje é séria! (Gritos lastimosos, e gemidos continuados ao longe.) Pilatos! Pilatos! tu é que tiveste a culpa!... (Anda atterrado á roda da scena.) Para que diabo te havias de apaixonar pela minha Leocadia?! (Relampagos e trovões.) Venha toda a metralha!... (Gritando.) Póde apparecer a visão; estou prompto para tudo!

Sae um raio do chão e some-se pelo tecto; estala um enorme trovão: gritos, rugidos, e sons de gaita de folles. O theatro escurece completamente; caem as paredes da sala, e desapparece o throno com todos os moveis que ornavam a casa.

SEGUNDO QUADRO

Um extenso mar de sangue povoado de rochedos de fórmas phantasticas. Nos cimos dos rochedos, figuras de mochos, corujas, sapos enormes, gatos prêtos, aranhas monstruosas, dragões, caranguejos, etc. etc.

SCENA VII

FIGADOS DE TIGRE, arquejante no meio da scena. Do seio das aguas começam a surdir, como na apparição dos reis, na opera de *Macbeth*, os seguintes personagens, que tornam a sumir-se logo que dizem as suas fallas. A orchestra toca a musica da referida opera na scena da apparição

ANTONIO FERRAGIO, do drama Ghigi, vestido como na sua peça e trazendo uma enorme garrafa em posição de quem vae beber. Apenas descobre todo o corpo, a orchestra pára

Ghigi! — As pyramides do Egypto gritaram ao pé de mim: Ghigi! As palmeiras atravessaram-se-me nas pernas e clamaram: Ghigi! No mar e na terra os homens e os brutos, todos urravam como possessos: Ghigi! Ghigi! sempre Ghigi!

FIGADOS DE TIGRE

Quem és tu?

ANTONIO FERRAGIO

Sou membro d'essa grande familia de patifes, que, besuntados de vermelhão e alvaiade, tem feito estremecer muitas vezes, com o seu berreiro, o publico pacifico dos theatros. Sou teu collega; assassino como tu, regalei-me a cortar as mãos e a lingua a um estupido, que me tinha dado agasalho, e depois bebi um frasco de veneno para evitar que me enforcassem. Mas cá no outro mundo embirram com os parvos, que se deixam apanhar pela justiça; e por isso condemnaram-me a beber veneno por toda a eternidade. Muito boa noite!

Põe a garrafa á bocca e desapparece.

MACBETH, trajando como na sua opera, canta, apontando com a espada desembainhada para Figados de Tigre; musica do duetto de barytono e soprano da opera *Macbeth*

Um papalvo, oh! vista horrivel!
Não te julgues mais do que eu;
Que, apesar d'esse ar terrivel,
Eu bem sei que és um sandeu.

Some-se.

FIGADOS DE TIGRE

Fóra, parlapatão! Cada um faz o que póde; eu não me gabo, e tenho dado cabo de mais gente n'um dia do que tu em toda a tua vida! (Apparece Lopo da Silva, do drama *Dois Renegados;* vem armado e com a vizeira calada.) Inferno e maldição! Quem será este! Armado!... todo armado!... e nem um som em seus labios!... nem um gesto em suas feições!...

LOPO DA SILVA, com voz lenta e ironica, mas terrivel

Queres um som de meus labios?... queres um gesto em minhas feições? (Ergue a vizeira.) Eu sou Lopo da Silva, o vil renegado... tive muitos amigos e admiradores no meu tempo... Diverti-os, enthusiasmei-os... mas passei e esqueceram-me! Elles para cá tornarão!...

FIGADOS DE TIGRE

Por essa estou eu.

LOPO DA SILVA, rindo convulsivamente

Ah! ah! ah! ah! (Com raiva.) Eu fui quei-

mado pela inquisição, mas tu hasde ser frito na caldeira de Pedro Botelho!

Some-se; apparece Lourenço, do drama *Cedro Vermelho*, e Domingos, do drama *Odio de Raça*. A orchestra toca um lundú; Lourenço trás um feixe de frechas ás costas.

DOMINGOS, comendo uma banana

Pae senhor, nós somos filhos da mesma terra, e tivemos o mesmo pae; aqui o meu irmão é um selvagem muito honrado, e negoceia em frechas; eu sou um tratante, que furtei quinhentos e sessenta mil réis ao Pae Cazuza, esfaqueei-o, e fui tambem esfaqueado por um bicudo pé de chumbo!

FIGADOS DE TIGRE

Entendo cá essas historias!

DOMINGOS

Não entende? Pois eu quero a sua filha para minha mulher.

FIGADOS DE TIGRE

Dois mil açoites n'aquelle cabra!

DOMINGOS, rindo ferozmente

Ah! ah! ah!... (Offerecendo-lhe a banana que estava comendo.) Queres comer bananas?

FIGADOS DE TIGRE, approximando-se-lhe

Dá cá.

DOMINGOS, arrancando um facão da bainha e brandindo-o contra elle

Queres tu seis facadas?

Figados de Tigre dá um salto para trás; Domingos come tranquillamente a banana.

FIGADOS DE TIGRE, a Lourenço

Agora falla tu.

LOURENÇO

Cabeça de jacaré! Eu sou filho de um grande chefe, e não amo a flor do lago nem o jasmin do mato, que andam a dizer pieguices atrás de mim. Creio que sou um grande pedaço d'asno?...

FIGADOS DE TIGRE

A mim tambem me parece.

LOURENÇO

O mulato quer a branca; a branca quer o gentio; o gentio quer matar o tapuio; o tapuio quer matar o filho da outra banda dos grandes lagos... é uma embrulhada de

todos os demonios! Eu quiz cortal-a, atirando uma frechada á barriga do tapuio e dando-lhe duas pauladas na cabeça; mas o patife era duro de roer, e poz-me as tripas ao sol! (Delirando.) Ah! um mar de vinho de cajú!... um ceo côr de papagaio!... um campo de farinha de pau!... Victoria! Victoria pelos jurunas!

Vão-se os dois.

FIGADOS DE TIGRE

Aquelle diabo é doido! Ainda virá mais alguem?

OTHELLO, vestido como na sua tragedia; a orchestra toca o lundú dos pretos

Desdemona, La mia cara Desdemona!...

FIGADOS DE TIGRE

Tu és o pae Thomaz ou o pae Cazuza?

OTHELLO

Sou Othello, o mouro de Veneza. A minha peça é uma sarrabulhada de fazer arrepiar os cabellos! Eu, só á minha parte, mato uns tres ou quatro; sou uma especie de dóninha esfomeada, que entrou n'um galli-

nheiro humano. E se não te esgano tambem a ti, é por que está aqui a empurrar-me um sujeito, ainda mais terrivel do que eu. Adeus, até outra vez.

Some-se.

FIGADOS DE TIGRE

Adeus, passe muito bem.

TITUS ANDRONICUS, da tragedia do mesmo titulo

Arreda tudo! Como eu, ainda não houve, não ha, nem haverá jámais exemplo de matança!

FIGADOS DE TIGRE

Quem é vossê?

TITUS ANDRONICUS

Sou Titus Andronicus, que a ignorancia dos criticos attribuiu ao grande Shakespeare.

FIGADOS DE TIGRE

Não conheço.

TITUS ANDRONICUS

Não? tambem não admira; na minha tragedia morrem apenas trinta e cinco pessoas...

FIGADOS DE TIGRE

Apenas?!...

TITUS ANDRONICUS

Ha pés e mãos cortadas; linguas arrancadas; violencias e patifarias de todo o calibre! O sangue corre como a agua nos chafarizes; e as entranhas das victimas espalhadas nos meus cinco actos, fazem lembrar um grande estabelecimento de fressureiras, em semana de grande azáfama! A coisa acaba comendo-se dois homens guisados, ou feitos em pastellão!

FIGADOS DE TIGRE

Irra!

TITUS ANDRONICUS

Creio, que posso ter presumpção de ser o primeiro no meu genero?

FIGADOS DE TIGRE

Certamente.

Estala um trovão, cae um raio, Titus Andronicus some-se.

FIGADOS DE TIGRE

Que diabo será isto agora?!

SCENA VIII

FIGADOS DE TIGRE, recúa até á bocca da scena. Continuam a surdir e a sumir-se com grande rapidez as seguintes figuras: Um ESCOCEZ; um HOMEM de casaca azul e botões amarellos; um HOMEM de casaca amarella e botões azues; um JUDEU com um cesto de tamaras; um HESPANHOL de jaleca de pelles, com uma guitarra na mão e um cigarro na bocca; um SENADOR romano; um CAVALLEIRO da edade média; um ARABE de albornoz branco; tres MULHERES de capote e lenço; tres HOMENS sem lenço nem capote; EMBUÇADOS, MASCARADOS, etc., etc., etc. A orchestra toca a musica do côro da opera *Norma:* guerra! guerra! e todos os personagens cantam em côro.

TODOS, menos Figados de Tigre, cantando

Vingança!
Vingança!
Rasguemos-lhe a pança!

SCENA IX

FIGADOS DE TIGRE, que vae para fugir das apparições, vê-se accommettido por seis EMBUÇADOS, que saem dos alçapões e o rodeiam, cantando o mesmo côro

EMBUÇADOS, cantando

Vingança!
Vingança!
Rasguemos-lhe a pança!

As primeiras figuras da apparição, surdem do chão, por todos os lados, mostrando-se até meios corpos e tornando a sumir-se, desencontradas umas das outras, assim como das que continuam a passar ao fundo; cantam sempre todos o mesmo côro, com os Embuçados.

FIGADOS DE TIGRE

Matem-me já por favor, que vou estando muito aborrecido com tudo isto.

TODOS, cantando

Vingança!
Vingança!
Rasguemos-lhe a pança!

A orchestra toca repentinamente a walsa da opera *Fausto*, e as figuras entram todas para a scena e walsam doidamente em torno de Figados de Tigre, cantando a mesma letra em côro, ao compasso da dança.

FIGADOS DE TIGRE, berrando

Maldição!... O meu estomago embrulha-se com esta barafunda infernal! O ar cheira-me a pederneira! Sinto a morte na barriga!

Um Embuçado tira um enorme bacamarte debaixo da capa e aponta-o á barriga de Figados de Tigre; este cruza as mãos no ventre, como para preserval-o, e fica arquejando emquanto o outro lhe aponta a arma com toda a pachorra. A musica e a dança param instantaneamente.

EMBUÇADO, imitando com a bocca o ruido do tiro

Pum!...

FIGADOS DE TIGRE, cae, grunhindo como um porco

Cuiiii!... cuiiii!... cuiiii!...

A orchestra toca a mesma walsa, a dança continua mais vertiginosa; cae o pano.

ACTO SEGUNDO

TERCEIRO QUADRO

Clareira de uma floresta de carvalhos. Ao centro um poço, e junto d'elle um poste com a seguinte inscripção: POR AQUI SE DESCE PARA OS INFERNOS.

SCENA I

JOANNA, occulta na floresta; grandes aves negras, de especies desconhecidas, andam esvoaçando por toda a scena, entram no poço e tornam a sair, dando pios longos e sinistros. A orchestra toca uma peça estridente, sacudida, e que se interrompe a espaços. Cada vez que soam as notas mais agudas da musica, ouvem-se gemidos dolorosos e saem do poço grandes labaredas. Pouco a pouco vão desapparecendo as aves, a musica esmorece e Joanna canta com voz plangente; musica da opera *Sapho*, no rondó final

Já meu pranto é sangue puro;
Chorei minha alma aos pedaços;
D'um traidor, d'um vil perjuro
Inda sinto os ferreos laços!

Busco em vão um refrigerio,
Contra a chamma abrazadora;
Mas, ai! só no cemiterio
Terei paz consoladora!

A musica céssa, Joanna apparece.

SCENA II

JOANNA, **com uma grande lyra na mão, vestida de tunica branca, os olhos em alvo e os cabellos soltos**

Sombra ensanguentada de Luiz Gregorio, porque me não deixas ao menos saborear as doçuras da minha dôr?! Ah!... que vejo além? No alto d'aquella montanha accendem o fogo sagrado! É a hora do sacrificio!...

Recitando.

Sobre a pira fumegante
Ardem ternos corações!

A maldição de meus paes feriu-me na alma... (Soluçando.) Perdão, Pedro Cru! ameite, como nunca ninguem amou na terra dos vivos!... mas ella é uma Princeza... e eu?... eu?... eu?... O meu coração sente-se opprimido, como se lhe tivessem posto em cima uma tonellada de chumbo!... a minha lingua escalda... os meus bofes estão assados! Mas no meu coração refervem, como em caldeira do inferno, todos os tormentos do ciume! Horror da natureza e de mim propria... eu quero morrer... Alli está um poço; pois vou-me deitar a elle. Quem será capaz de m'o impedir?

SCENA III

JOANNA, PEDRO, LUIZ

PEDRO e LUIZ saem ao mesmo tempo cada um do seu lado e gritam, batendo no peito

Eu!...

Ao verem-se em frente um do outro, recuam um passo e encaram-se enfurecidos

LUIZ, com raiva

Elle!

PEDRO, idem

Elle!

JOANNA, com admiração

Elles?

LUIZ

Não contavas comigo, porque me deitaste ao rio com uma pedra ao pescoço, não é verdade?

PEDRO

Quem foi o maldito que te arrancou á minha vingança?

LUIZ

Que te importa? Não me vês aqui para te pagar as minhas dividas? Caí na rede de um pescador, que em vez de se mostrar satisfeito por salvar um homem, cravou-me o

harpão quando viu que eu não era peixe; o choque fez-me recobrar os sentidos e dei oiro, muito oiro, ao meu salvador, pelo serviço que me tinha feito!

PEDRO

E que vens buscar aqui?

LUIZ

Venho para te matar, para te assassinar como um cafre!...

PEDRO, tomando uma posição tragica

Isso, ainda ha de ser o que disserem os livros!

LUIZ, avançando para elle

Ah! tu duvidas? Julgavas que eu desertaria das bandeiras da morte, simplesmente para te vir dizer: — «Fico-te muito obrigado por me teres assassinado, depois de me empolgares a minha amante; e aqui estou para que me assassines outra vez.» — (Rangendo os dentes.) Não; não será assim!

JOANNA, approximando-se

Por favor lhes peço, que não se rasguem as tripas na minha presença.

LUIZ, segurando-a pelo pulso

Mulher, mulher, para que me perdeste?! Para que fizeste de mim um condemnado? A minha vida corria serena, como um regato entre dois montes, e tu fizestel-a tumultuosa e revolta como as ondas temerosas do oceano immenso!

JOANNA

Deixa-me o braço!

LUIZ

E tu largaste-me o coração, antes de m'o teres feito em cisco? Chegou a minha vez de...

PEDRO, pegando n'um machado, que achou encostado a uma arvore

Exterminio e morte! Larga essa mulher, se não queres morrer outra vez.

LUIZ, largando Joanna

Pertendes defendel-a? Desejas ser esmagado com ella pela minha raiva? Intentas, vil bichinho da terra, affrontar o magestoso elephante?!...

JOANNA, esfregando os olhos

Elle! É elle!... És tu, Pedro? Meu Pedro!... Recobro a razão perdida... (Olhando para Luiz.) Quem é aquelle? A sombra do Luiz Gregorio! oh! foge, Pedro; foge, que a sombra d'aquelle homem é fatal, fatal, tres vezes fatal!

LUIZ, cruzando os braços no peito e rindo convulsivamente

Ah! ah! ah! Ahi vem o Figados de Tigre!

PEDRO

Meu tio!

Foge.

LUIZ

Seu tio?... Que diz elle?!

Foge tambem.

JOANNA

Mysterio! Trevas! Escuridade!

Foge.

SCENA IV

FIGADOS DE TIGRE, só, pallido, cabisbaixo e andando com passo lento

Dizia minha avó, que as aguas do Lethes apagam a memoria; e minha avó era mulher que sabia perfeitamente onde tinha o

nariz. O Lethes é o rio do esquecimento; se eu podesse apanhar um pucaro das suas aguas, nunca mais me lembraria da morte de Pilatos, nem tornaria a ter pesadellos como o de hontem á noite. Foi um sonho horrivel! (Olhando para o poste e para o poço.) Alli começa o caminho dos infernos. Se eu tivesse coragem para ir até lá?... Plutão era muito amigo de meu pae, e póde ser que me désse um bom conselho... Talvez que conseguisse aplacar a sombra ensanguentada de Pilatos!... E porque não hei de tentar?... Orpheu, Alcides e Eneas não tinham melhores barbas do que eu. Eram parentes dos deuses?... tambem eu sou; eram animosos?... (Vae-se approximando do poço) tambem me parece que tenho dado provas... (Olhando para dentro.) Ui! que enxofrada que vem lá de baixo! (Sae do poço uma grande labareda e elle salta para trás.) Safa! como esta lingua infernal me queria lamber! Cheirou-lhe a vivo!... Ah! é verdade; eu não tenho o ramo de oiro para levar de mimo a Proserpina; é por isso que me expulsam... Mas estes são os bosques do Cocyto, de que falla Virgilio; n'um d'es-

tes carvalhos deve estar o ramo encantado?!...

SCENA V

FIGADOS DE TIGRE e INFANTE

INFANTE, *apressadamente*

Papá? papá?... Está alli um estrangeiro, que lhe quer fallar.

FIGADOS DE TIGRE

Um estrangeiro!? Manda-o entrar... espera; cuidei que estavamos em casa! Mas eu tambem não lhe posso dizer que não entre... Por consequencia, dize-lhe que entre.

INFANTE

Entra, estrangeiro; aproveita a occasião em que o papá não está com os seus azeites.

SCENA VI

FIGADOS DE TIGRE, INFANTE, LUIZ

LUIZ

Eu te saudo, ó Imperador sublime! De longes terras venho, a contemplar a tua grandeza e a procurar a tua justiça.

FIGADOS DE TIGRE

Bem vindo sejas, se bem que em aziaga hora chegas á penumbra dos meus estados. Não te posso mandar sentar, por que não tenho aqui cadeiras; mas acredita que, se as tivesse, não faria cerimonia comtigo.

LUIZ, deitando a luneta á Infante

Deve ser esta a prima do meu assassino. (Ao Imperador.) Agradeço tanta franqueza; e, para corresponder a ella, vou tambem fallar-te sem rodeios.

INFANTE

Ó papá, quer açorda para o almoço?

FIGADOS DE TIGRE

Vai á tabúa mais a tua açorda. Não vês que estou com gente?! Estrangeiro, não repares n'estas minucias de familia.

LUIZ

Faze conta, ó Rei, que estás em tua casa.

FIGADOS DE TIGRE

Dize o que pertendes?

LUIZ

Pedro Cru é teu parente?

INFANTE

É meu primo.

LUIZ

E que mais?

INFANTE

E... mais nada.

LUIZ

Pois bem: Pedro Cru é um patife, porque me roubou minha prima para casar com ella!

INFANTE, desmaiando

Ah!

Cae.

FIGADOS DE TIGRE

Desalmado! não vês que me matas a minha rica filha?!

LUIZ

Tornai a vós, senhora, que eu ainda não acabei.

INFANTE, tornando a si

Então acaba.

LUIZ, deitando-lhe a luneta

Minha prima é uma bella cachopa... e es-

tava contractada para casar comigo, quando o tratante me assassinou.

FIGADOS DE TIGRE

Que diabo de tolice estás ahi a dizer, estrangeiro?

LUIZ

Eu tornei á vida por um processo novo; e sabendo que o meu assassino ia ser marido de tua filha, venho prevenir-te de que o vou matar a ferro frio, no campo ou na estacada.

INFANTE, ajoelhando aos pés de Luiz

Perdão! perdão para elle!

SCENA VI

FIGADOS DE TIGRE, LUIZ, INFANTE, JOANNA

JOANNA, correndo

Não o acreditem! Esse homem... esse homem está mentindo!

LUIZ

Ah!

FIGADOS DE TIGRE

Quem ês tu?

JOANNA

Sou Joanna Dulce, filha da princeza Theophila.

INFANTE, indo abraçal-a

Minha sobrinha!?

JOANNA

A senhora é?...

INFANTE

Sou a Infante Dona Thomasia, filha da Imperatriz Leocadia.

JOANNA

E aquelle é?...

INFANTE

O illustre Figados de Tigre, meu pae.

JOANNA, indo abraçal-o

Meu avô!...

FIGADOS DE TIGRE

Estes reconhecimentos tinham mais logar lá para o ultimo acto... mas, emfim, vá!

SCENA VII

FIGADOS DE TIGRE, INFANTE, LUIZ,
JOANNA, PEDRO

PEDRO

Minha bella Infante... ah!

JOANNA, approximando-se d'elle

Meu amor!

INFANTE, idem do outro lado

Meu bem!

Olham uma para a outra admiradas.

PEDRO

Oh! com a fortuna! metti-me em boa.

LUIZ, ás duas

Vai haver barulho e pancadaria de crear bicho! (Ao Imperador.) Estas duas mulheres são rivaes... este homem illude-as ambas...

INFANTE, a Joanna

Minha rival?! pois és tu! tu! tu! tu! tu! tu!? oh!

JOANNA, á Infante

Minha rival e minha tia! tu, tu, tu, tu, tu? oh!

Cobrem os rostos com as mãos; a orchestra toca a musica do côro no rondó final da opera *Lucia de Lamemoor*.

INFANTE, cantando

Talvez te julgues mais nova,
E queiras tirar-me o amante?

JOANNA, cantando, mesma musica

E vossê, por ser Infante,
Cuida talvez que me encova?

Duetto; depois d'elle cessa a musica.

LUIZ, a Pedro

Se apparecer mais alguma mulher na peça, tambem a queres para ti? uma figa!

PEDRO

Se quizer, estou no meu direito.

INFANTE

Meu pae: já não quero casar com este monstro; e, para me vingar d'elle, vou casar com o primeiro pedaço d'asno que me

apparecer. (Olhando para Luiz.) Anda cá, estrangeiro, queres casar comigo?

LUIZ

Oh! Infante da minha alma!

INFANTE

Queres ou não?

LUIZ

Se quero? — Isso não se pergunta!

INFANTE

Pois bem; sou tua.

LUIZ

E teu pae?

FIGADOS DE TIGRE

Casae-vos, meus filhos; tomara eu ver-me livre de todas estas massadas!

JOANNA, a Pedro

Oh! perfido! oh! ingrato. (Approximando-se de Luiz.) Luiz Gregorio, uma vez que tu não morreste, caso comtigo; perdoa-me haver-te deixado por elle! — O monstro escrevia umas cartas tão bonitas! E era poeta... fez-

me uma vez umas lôas... (Chorando mais.) Emfim, caso comtigo.

LUIZ

Oh! diabo! duas?...

INFANTE

Que diz ella! Então juraste deixar-me sem homem? Este é meu.

JOANNA

Seu! vejo que todos lhe servem?!

FIGADOS DE TIGRE

Que diabo de tramoia!... Sabem que mais? arranjem-se como podérem, que eu mudo-me.

Vae-se.

LUIZ

E eu faço o mesmo...

Vae para fugir, Pedro deita-lhe a mão.

SCENA VIII

INFANTE, PEDRO, JOANNA, LUIZ

PEDRO, com Luiz preso pelo pulso

Alto ahi, cão!

LUIZ, tirando uma faca muito grande de uma bainha de coiro

Deixa-me, se não queres que eu te faça fungar a venta com este facão?

PEDRO

Cuidavas que não era mais se não vir accusar-me diante de pessoas tão respeitaveis, lançar a desordem no interior de uma familia pacifica e depois dizer: — «Arranjem-se como podérem?» — Não, miseravel! só a morte de um de nós...

JOANNA, mettendo-se entre elles

Pedro! Pedro, olha que elle mata-te, e eu ainda te amo!

INFANTE, segurando-a por um braço e puchando-a para traz

Deixa-os; eu tambem morrerei se elle morrer; mas somos duas a querel-o, e, se eu não o apanhar, tambem não será para ti.

JOANNA, gritando

Deixa-me! deixa-me! soccorro!

INFANTE, gritando, tragicamente

Soffre, que eu tambem soffro! (Baixando a voz) Grita, que eu tambem grito! Morre, que eu tambem estou morrendo!

Começam ambas a arquejar muito.

LUIZ

Não me largas, Pedro Cru?

PEDRO

Não te largo, Luiz Gregorio; quero ter o prazer de te esganar com toda a pachorra.

LUIZ

Não? (Batendo-lhe com a ponta da faca na barriga.) Uma, duas, tres vezes, não?

PEDRO, rapidamente

Esconde a navalha, que ahi vem uma patrulha.

Partem todos a fugir, cada um para seu lado, e passa uma patrulha do infanteria municipal ao fundo

SCENA IX

IMPERATRIZ, só

Não vejo minha filha, nem o meu homem!... Pobre Imperador, coitado!... agora deu-lhe a mania de querer descer ao inferno

para pedir perdão á sombra do irmão!... E eu... Oh! Se elle soubesse toda a verdade! se soubesse que o homem que matou... que seu irmão... Oh!... vergonha! vergonha... e vergonha! Infeliz Pilatos!... foste para o ar amarrado a um foguete, emquanto a mãe occultava o seu crime e as suas lagrimas nos abysmos do seu remorso! Porém se elle vae ao reino das sombras, o irmão diz-lhe a verdade e estou perdida!... não; não o devo deixar ir; elle é cabeçudo e ha de teimar... Mas tambem não devo consentir que elle chame filha á sobrinha! Que horror!... este é o meu castigo... Figados de Tigre tem vizões!... E eu? Os mortos levantam-se das campas para me atormentar!... E um phantasma pavoroso, a sombra de Pilatos, aquella sombra terrivel, apparece-me em toda a parte... Eil-a que sae d'aquelle poço!

Pilatos sae do poço, com um enorme foguete amarrado á cintura; a orchestra toca a musica da opera *Semiramis* na apparição da sombra de Nino; a Imperatriz canta.

Tremem-me as pernas,
Tenho arrepios;
Bate-me o queixo
Com calefrios!

Serão remorsos?
Será pavor?
Respiro apenas
Com tanto horror!

Mas tu morreste,
Já não sou tua;
Não me caustiques;
Vae á tabua!

Céssa a musica.

E sempre com a sombra d'aquelle foguete fatal atrás de si! É o meu remorso... é o meu castigo!

Cobre o rosto com as mãos.

SCENA X

IMPERATRIZ e PILATOS

PILATOS

Não o duvides, mulher!

IMPERATRIZ

Ah! agora tambem me parece ouvir-lhe a voz! Vae-te! vae-te, não me persigas!

PILATOS

Não foi para te deixar assim, que eu pedi a Plutão para vir ao mundo.

IMPERATRIZ

Que oiço! Então és realmente a sombra do meu cunhado?

PILATOS

Sou.

IMPERATRIZ

E vens do outro mundo?

PILATOS

Alcancei quinze dias de licença registrada.

IMPERATRIZ

Que devo fazer para aplacar os teus manes?

PILATOS

É preciso que deixes ir teu marido ao reino das sombras; quero conversar com elle.

IMPERATRIZ

Tens tenção de me denunciar?

PILATOS

Talvez.

IMPERATRIZ

Isso seria uma indignidade impropria de

um cavalheiro como tu! Falla-lhe aqui mesmo, na minha presença.

PILATOS

Não tenho tempo.

IMPERATRIZ

Não me accuses; lembra-te que estás morto, e que pareceria muito mal um defunto denunciante!

PILATOS

Vês este foguete?

IMPERATRIZ

Vejo.

PILATOS

Os deuses infernaes deixaram-n'o ficar atado á minha sombra para todo o sempre; não posso entrar com elle nos campos Elysios, porque não cabe pela porta!

IMPERATRIZ

Ahi vem meu marido.

PILATOS, mettendo-se no poço

É preciso que elle desça ao inferno; toma sentido!

IMPERATRIZ

Tu queres dizer-lhe?...

PILATOS

Se elle não vier pedir-me perdão, comigo te has de haver!

Some-se.

SCENA XI

IMPERATRIZ e JOANNA

IMPERATRIZ

Estava escripto no livro da fatalidade, que se consummasse a obra negra da abominação e do crime!

JOANNA, trazendo um grande cofre

Mas não ha de consummar-se!

IMPERATRIZ

Quem és tu?

JOANNA, solemnemente

Ninguem!

IMPERATRIZ

Essa não está má! Eu vejo ahi alguem.

JOANNA

Talvez.

IMPERATRIZ

D'onde vens?

JOANNA

Eu não venho, vou.

IMPERATRIZ

Para onde?

JOANNA

Já não vou, fico.

IMPERATRIZ

Dize... falla... mas não... cala-te... anda... pára...

JOANNA, com commiseração

Desgraçada princeza! pois não t'o dizia o coração?

IMPERATRIZ

Confesso que o coração não me disse nada. Temos novas desgraças?

JOANNA

Vês este cofre?

IMPERATRIZ

Sim... parece-me que vejo.

JOANNA

Encerra um grande crime.

IMPERATRIZ

Então fecha-o bem!

JOANNA

Se não o abrir, o crime será consummado.

IMPERATRIZ

Sendo assim, é melhor abril-o.

JOANNA

Se o abrir, sairá d'elle a vergonha, a deshonra e o aviltamento... para ti, Leocadia!

IMPERATRIZ

Oh! Ceos... oh! terra... não sei o que me adivinha o pensamento!

JOANNA

Eu tambem sou mulher, por isso corri a salvar-te.

IMPERATRIZ

A minha gratidão será eterna.

JOANNA

Dentro d'este cofre estão quinhentas cartas.

IMPERATRIZ, atterrada

Tens tenção de m'as ler todas?

JOANNA

Prova-se n'ellas, que Pedro Cru...

IMPERATRIZ

Meu sobrinho?...

JOANNA

É teu filho.

IMPERATRIZ

Elle! É impossivel.

JOANNA, offerecendo-lhe o cofre

Queres a prova?

IMPERATRIZ, repellindo-o

Ler quinhentas cartas? não; prefiro acreditar o que me dizes.

JOANNA

E não te lembras que elle vai ser marido de sua irmã?

IMPERATRIZ

Ah! é verdade!... as provas?... dá-me as provas.

JOANNA, apontando para a plateia

Queres ler a correspondencia? Não vês que não estamos sós? que todos saberiam o teu segredo?

IMPERATRIZ

Tens razão.

JOANNA

Vou contar-te a historia em duas palavras; ficará aqui entre nós: A dama Pé de Cabra, depois de contratado o seu casamento com D. Moço Ansures, amou o cavalleiro negro.

IMPERATRIZ, arquejando

São destinos!

JOANNA

Chegou o dia das nupcias; a noiva estava vestida de branco, pallida como dois defuntos, coroada de goivos e saudades, como quem ia fazer do hymineu o tumulo das suas esperanças!

IMPERATRIZ, muito enternecida

Coitada! coitada da Pé de Cabra!

JOANNA, dando-lhe o cofre

Segura-o por um pouco, que eu já não posso com o braço. Quando estavam a pôr o véo á desposada, ella soltou um grito terrivel; a mão que lhe tocára a fronte era a mão de um finado! Ao mesmo tempo saiu das profundezas das catacumbas uma voz, que dizia assim: — « Dama Pé de Cabra, mulher desleal e perjura, que fizeste do meu amor? » —

IMPERATRIZ

E ella?

JOANNA

Estava para desmaiar, quando a mesma voz lhe disse ao ouvido: — « Poupo-te, por amor de meu filho. » — E ficou tudo em trevas para todo o sempre!

IMPERATRIZ

Pobres amantes!

JOANNA

Passados seis mezes a Pé de Cabra teve um filho, que D. Moço Ansures quiz afogar á nascença; a mãe, sabendo que tu tinhas tambem um da mesma idade, fez com que

a tua parteira os trocasse no berço, para que, se a raiva do marido continuasse, elle désse a morte ao teu e tu creasses o d'ella.

IMPERATRIZ

Que horror!

JOANNA

D'este modo, privava ella o filho do amor da sua verdadeira mãe, porém dava-lhe um throno!...

IMPERATRIZ

É infame!... perdôo-lhe, por que sou mãe.

JOANNA

A creança, que veiu para o teu palacio, morreu; e Pedro Cru chegou a ser adorado por seus paes... e por sua mãe supposta.

IMPERATRIZ

Pedro Cru é meu filho!? Corro a salval-o.

JOANNA

Espera.

IMPERATRIZ

Para quê?

JOANNA

Que lhe vaes dizer?

IMPERATRIZ, com orgulho

O que todas as mães que se estimam dizem a seus filhos. Isto é: que sou sua mãe, e que, em consequencia d'isso, elle é meu filho.

JOANNA, levando-a mysteriosamente para um lado

Só isso? (Rindo.) Ah! ah! ah! Pobre louca. Isso já se não usa.

IMPERATRIZ

Então que se usa?

JOANNA

Escuta.

Canta; musica da canção da cigana na opera *Trovador*: stride la vampa

O tempo, girando
Nas voltas da roda,
Transforma os costumes
Talhando-os á moda.

Outr'ora as mulheres,
Em Roma ou na Grecia,
Mostravam-se todas
Qual fera Lucrecia.

Fiavam, teciam,
Creavam os filhos;
Deitavam remendos
Até nos fundilhos!

Agora? Ás casadas
Parece horroroso
Saírem á rua
Com filhos e esposo!

Não deitam remendos,
Não cuidam da casa;
E só querem homens
Que arrastem a aza.

Quem pensa nos filhos?...
Se os dias são cheios
Com festas, jantares,
Theatros, passeios!

Taes são os exemplos
Que agora nos dão!
Mas, todas as regras
Téem sua excepção.

IMPERATRIZ, canta; mesma musica

Que tempos! Que horrores!
Quem póde dizer,
Com estes costumes:
— Não me heide perder?

JOANNA e IMPERATRIZ, mesma musica

O mundo está velho,
Rompeu-se-lhe o fundo!
Se não o concertam,
Adeus, pobre mundo!

IMPERATRIZ

Mas quem ės tu, que me vens tornar tão desgraçada?

JOANNA, pegando no cofre

Treme de o saber!

SCENA XII

IMPERATRIZ, JOANNA, FIGADOS DE TIGRE, INFANTE, PEDRO. Figados de Tigre, vem em trajo de viagem, trazendo um sacco de noite e um enorme guarda-sol de paninho encarnado. — Pedro, traz uma mala de garupa; e a Infante, uma caixa de chapéo de homem e um par de botas de canos muito altos

FIGADOS DE TIGRE

Ah! estás ahi, mulher? Custava-me partir sem te dizer adeus! Vou fazer uma viagem, da qual póde muito bem succeder que não torne a voltar.

IMPERATRIZ

Ai, que dizes! Pois sempre vaes?

FIGADOS DE TIGRE

Não tenho remedio; tornei a ter a visão;

e aquelle maldito foguete dá-me que scismar!

IMPERATRIZ

E tu sabes se elle já cairia?

FIGADOS DE TIGRE, olhando para o ar muito assustado

Lembras bem!... mas ha tantos annos... já deve ter caído.

INFANTE, chorando

Papá!... não o tornamos a ver!...

PEDRO

A Joanna aqui!

JOANNA, baixo á Imperatriz

Animo! e nem palavra.

IMPERATRIZ, a Pedro

Meu fi... meu querido Pedro... (Aparte.) Oh! eu não posso! e agora... n'este lance cruel! (Olhando ternamente para Pedro; baixo.) Necessito abraçal-o.

FIGADOS DE TIGRE, a Pedro e á Infante

Botem essa bagagem lá para baixo; eu não levo comigo senão o sacco de noite e o

guarda-chuva. Deitem a mala com geito, que vão ahi camisas engommadas. (Á Infante.) Tambem trouxeste o chapéo novo? eu sei... parece-me que não levo esse... aquillo por lá deve ser um fumo de todos os demonios, e vae estragar-m'o! Deita só as botas. (Abraça todos.) Adeus, mulher; adeus filha; Pedro, escuso de te recommendar que tomes conta d'ellas.

PEDRO, chorando

Vá descançado.

INFANTE, chorando

Oh!... papá!...

IMPERATRIZ

Adeus!... (Áparte.) Pilatos vae denunciar-me!... que me importa, se tenho aqui o meu filho?!

JOANNA, baixo á Imperatriz

Schiu, calluda!

FIGADOS DE TIGRE, descendo pelo poço

Ó Pedro, metteste o ramo de oiro na mala?

PEDRO

Metti, sim, senhor.

FIGADOS DE TIGRE, canta; musica da opera *Trovador*, na aria do tenor: Adio, Leonora

Adeus, minha mulher;
Adeus, oh filhos meus;
Lembrai-vos cá de mim;
Adeus, familia, adeus!

IMPERATRIZ, INFANTE, PEDRO, cantam; musica do côro do miserere da mesma opera

Adeus! choremos todos,
Que o pranto é de rigor...
Depois, console o fado
A nossa triste dôr.

A orchestra toca o fado, e Pedro dança com a Infante, batendo á moda dos fadistas do Bairro Alto. A Imperatriz anda em torno d'elles fazendo passos do fandango.

FIGADOS DE TIGRE, estupefacto, gritando

Oh! lá? oh? (Param a musica e a dança.) Que diabo de moda é essa de exprimir a saudade?! (Estala um grande trovão e faz um immenso relampago.) Ai! ai!... Ah!

Cae e desapparece.

PEDRO, querendo correr para o poço

Meu tio!

IMPERATRIZ, segurando-o

Meu amor!

Pedro, pára espantado a olhar para ella.

JOANNA, baixo e rapidamente á Imperatriz

Silencio!

SCENA XIII

PEDRO, IMPERATRIZ, INFANTE, JOANNA, LUIZ, seis MASCARADOS, FIGADOS DE TIGRE

LUIZ, vem da matta, seguido pelos Mascarados, andando nos bicos dos pés e sendo visto sómente por Joanna, á qual mostra uma grande navalha e aponta-lhe para Pedro: baixo

Se queres casar com elle, cala o bico!

Os Mascarados apoderam-se da Infante, e amordaçam-n'a; Joanna faz um movimento como para gritar, Luiz mostra-lhe a navalha, com a qual lhe impõe silencio emquanto os Mascarados arrastam a Infante á força. Ao mesmo tempo a Imperatriz vae approximando a bôca da face de Pedro, que olha para ella com terror e espanto.

FIGADOS DE TIGRE, deitando a cabeça fóra do poço

As saudades que me devoram...

IMPERATRIZ, apenas ouve a voz do Imperador dá um empurrão em Pedro

Ai! Credo!

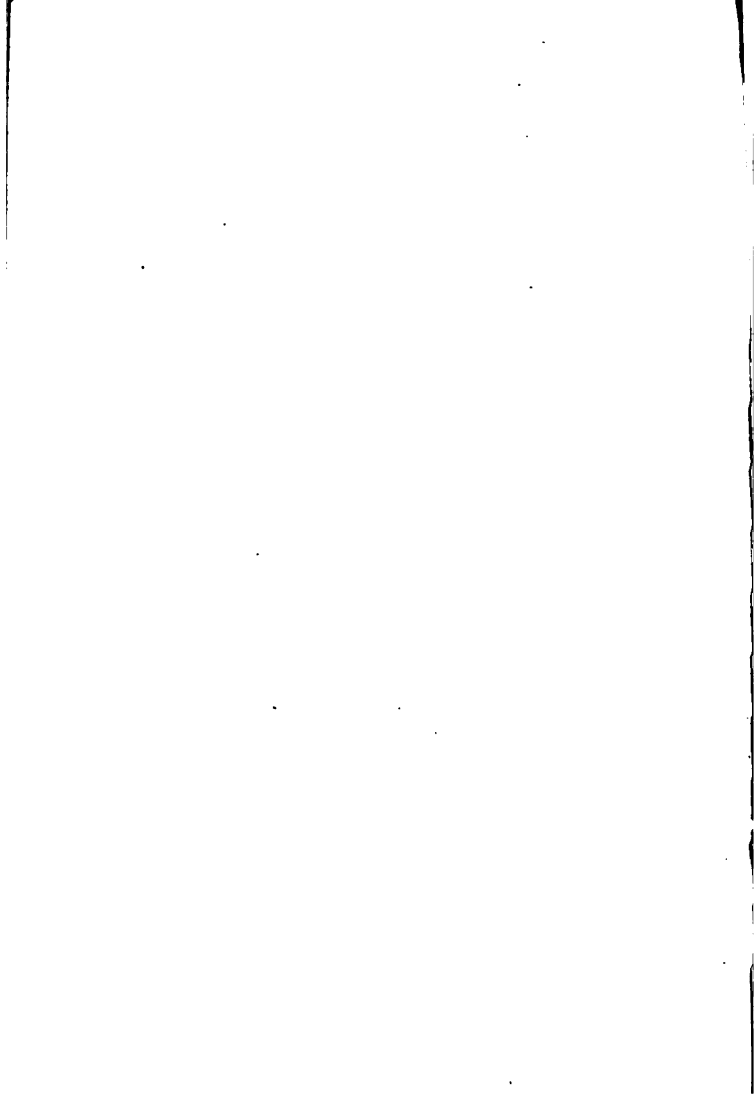
LUIZ, ia para fugir, suspende-se e agarra na mão de Joanna; baixo

Está quêda sem tugir nem mugir; aliás, côso tudo ás facadas!

Beija-lhe a mão repetidas vezes.

FIGADOS DE TIGRE, vendo todos perturbados

Parece-me que não vim a proposito e que já me devia ter ido ha mais tempo?! (Pedro e Luiz medem-se com ar ameaçador; Luiz torna a beijar a mão de Joanna; a Imperatriz olha para Pedro com amor; Figados de Tigre corre os olhos pela scena e pelos actores: olhando para cima) Caia o pano, antes que me aconteça mais alguma desgraça.

A orchestra toca rapidamente o fado; Luiz dança com Joanna e Pedro com a Imperatriz, o pano cae.

ACTO TERCEIRO

QUARTO QUADRO

Subterraneo humido e sombrio; paredes caídas a um lado; o tecto rachado e ameaçando ruina. Armas pendentes da parede. Um armario pintado de preto. Um esqueleto, de pé, com uma grande espada na mão, em posição de quem se defende de uma estocada e acorrentado á parede com grossas cadeias de ferro.

SCENA I

PEDRO, só, sentado a um canto a roer as unhas; tem a barba e o cabello muito crescidos; está pallido e vestido de preto.

Oh philosophia alemã! oh poesia transcendente e nebulosa! só tu és grande, incommensuravel, immensa! Inspira o teu adepto, oh Diva!

Levanta-se e recita com enthusiasmo.

Era já alta noite e o sol pairava
Por sobre ás ínvias trevas do futuro;
A hieratica luz nos céos poisava
Com lividos chrystaes seu dedo escuro;

E lá por essa Europa
Andava immensa tropa!
Uns saíam de casa, outros entravam;
Estes iam calados,
Aquelles conversavam...
Alguns, comidos de desejo ardente,
Pretendiam roer os cotovelos;
Outros, cravavam o aguçado dente
Na taça impura dos damnados zelos!
Oh! quem tal diria!
N'essa hora fatal,
A minha pobre tia
Vagava á toa pelo seu quintal!
Ai! ai!
Passarinho trigueiro,
Coitadinho!
No fragil myrto onde fizeste o ninho
Silva o uivo feroz d'um carniceiro!
Dos teus abrís, as pallidas auroras,
Na escarpa da montanha
Relatam a façanha
Do bruto, que abysmou prole a quem choras!
Adeus, oh aguas de prata
Do meu Tejo de chrystal,
Onde a lua se retrata
Do céo do meu Portugal!
Oh! sol,
Dá-me um arrebol,
Quando nas aguas azues
Baterem os ventos sues!...

Adeus, adeus, Philomela,
Pomba do meu coração !
Adeus, andorinha bella,
Tu só não fazes verão !
Eu comtigo era só teu,
Mas, sem ti, já não sou eu,
Sou outro ;
Que o outro eu, morreu
E já não é teu nem meu !
Adeus, oh ! flôr d'esta existencia solta ;
Raio de estrella, que tombou nos mares ;
Perola, que esmagou vaga revolta ;
Imagem, derrubada dos altares !
Onde estás, onde vives, que fizeste ?
Thomazia amada, a quem eu chamo Elisa,
Para vestir com mais gentil camisa
O feio nome que no berço houveste ? !
Alma errante n'um pelago sem fundo,
Condemnei-me a chorar-te a sós comigo !
Flôr, que arrebata o turbilhão do mundo,
Canto e choro por ti ! — eis meu castigo.

Oh poesia ! oh consolação das almas sublimadas ! que serias tu sem este sabor de obscuridade alemã, que faz com que sejas amada e cultivada, até pelos que menos te comprehendem ? ! Não me desampares, poesia ! Cantei, e já me sinto outro ! Não se me dava até de comer agora alguma coisa, para

matar as saudades da minha Infante! Que será feito d'ella e do seu infame roubador? Oh! hei de descobril-os!

> Ainda que no inferno vão sumir-se,
> Lá mesmo, ardendo em raiva, irei buscal-os!
> Será tal meu furor, minha vingaça,
> Que o mundo tremerá de ouvir meu nome!

Jurei-o! prometti não cortar mais as barbas d'esta cara e os cabellos d'esta cabeça; não comer, não beber, não descalçar as botas, nem dormir em povoado, emquanto não encontrar o meu rival, o roubador covarde da minha Elisa... ou Thomazia... que ella chama-se Thomazia, mas eu embirrei em chamar-lhe Elisa, que é mais poético. Por onde andarão elles? Eu aqui estou, fechado com este pobre esqueleto, para ver se os encontro por acaso. Metti-me n'este lugubre subterraneo, para preparar a minha vingança com socego; isto aqui é mais seguro; eu não quero que o patife do Luiz Gregorio me assassine, antes de eu o matar a elle. (Olhando para o esqueleto acorrentado.) Este infeliz talvez amasse tambem como eu?... Hei de

pôr o Luiz Gregorio no logar d'elle? oh lá se hei de!

SCENA II

PEDRO e JOANNA

JOANNA, com um cesto

Bons dias, Pedro.

PEDRO

Adeus, Joanna.

JOANNA, pondo o cesto no chão

Ainda pensas n'ella?

PEDRO

Sempre! Eternamente! perpetuamente!

JOANNA

Não queres fazer a barba?

PEDRO

Não me assanhes com essa pergunta!

JOANNA

Que amor que elle lhe tem!

PEDRO, pegando-lhe nas mãos

Não é verdade? (Cantando, sem musica.) Oh!

tanto amor! Oh! tanto amor! Oh! tanto amor! (Joanna faz um movimento de despeito.) Perdôa, Joanninha, perdôa. Eu bem sei que me amas; porém, já te disse tudo: só te posso consagrar a ternura de um irmão... a de amante, jámais!

JOANNA, cantando; musica da aria do tenor na opera *Somnambula:* Ma perche no posso odiar-te

Mas eu não, não posso odiar-te,
Infiel, por me deixares!
Se mal comigo ficares,
Queixar-me-hei por toda a parte!

Deixas-me sem que eu te deixe!
Não temes o meu ciume?
Cantando e chorando.
Mas quem te ha de accender lume
Para frigir o teu peixe?!

PEDRO, cantando; musica da opera *Beatrice di Tenda:* soffri, soffri tortura

Não fallemos em ciume;
Quem tem no peito um fogão,
Todo em brazas de paixão,
Não precisa de outro lume!

Nem torno a provar fritura,
Antes de comer um bife,
Da carne d'esse patife
Que me pôz n'esta tristura!

JOANNA

Pois sim, cruel! Trago-te aqui uns biscoitos deliciosos e espero que me farás o favor de os comer todos?

PEDRO, sentando-se e tirando biscoitos do cesto

Visto fazeres tanto empenho!... para te obsequiar... lá vae um.

Come.

JOANNA, apresentando-lhe uma garrafa

Agora esta pinga de velho Porto. (Pedro pega na garrafa e bebe.) Bebe, bebe sem receio... d'este já se não encontra facilmente, depois que deu o mal nas vinhas; mandou-m'o o Antonio Moutinho, que é moço delicado e sabe o que é bom.

PEDRO, saboreando

Realmente!... é dò fino... Hei de escrever ao Moutinho, pedindo-lhe tambem uma duzia de garrafitas. Já que elle não vem ver o seu amigo, ao menos faça-se lembrado com uma pinga! Sinto-me agora mais alliviado. E... tremo perguntar-te por minha tia... Como vae ella?

JOANNA

Melhor; muito melhor.

PEDRO

Coitada! Vi-a no outro dia com o começo dos seus achaques, e fez-me dó!

JOANNA

Dize-me cá: não lhe achas nada de extraordinario?

PEDRO

Acho; até muito!

JOANNA

Suspeitas?

PEDRO

Suspeito que ella...

JOANNA

Que ella?...

PEDRO

Vou dizer-te um horror, um absurdo, uma abominação... desconfio que...

JOANNA

Desembucha!

PEDRO

Creio que minha tia está apaixonada por mim!

JOANNA

Desgraçado! Sabe que ella é tua... tua... tua... tua...

SCENA III

JOANNA, PEDRO, IMPERATRIZ

IMPERATRIZ, entrando

Tua mãe!

PEDRO, correndo para ella com alegria

Minha mãe! (Suspende-se.) Minha mãe?!

IMPERATRIZ

Ai, meu filho! bem sei quanto essa exclamação tem de reprehensiva; e quanto é pungente uma reticencia, em certas occasiões! Mas, perdôa á minha cegueira!

Canta, musica da opera *Traviata:* il tuo vechio genitore

Não faças grande barulho;
Eu bem sei que não és tolo;
Mas se a coisa é sem remedio,
Cala-te e come outro bolo.

Dá-lhe um biscoito do cesto; Pedro come-o.

Se bebes mais uma pinga,
Posso até ser tua avó.
Anda, bebe, filho, bebe;

Dá-lhe a garrafa, e Pedro bebe.

Bota abaixo, vá, sem dó!

PEDRO, depois de comer e beber

Minha mãe... minha mãe! D'esse modo, aquelles que me criaram?... Inferno e desventura! Thomasia é minha irmã, e nunca mais posso dar-lhe o nome poético de Elisa!

Cobre o rosto com as mãos.

IMPERATRIZ

Consola-te, filho; eu te contarei como isto foi; mas consola-te, por favor.

PEDRO

Sim, é o que os felizes dizem sempre aos desgraçados, quando o mal é sem remedio! Não está má consolação, essa! Consola-te, se te roubaram a amante ou se te deram duas facadas! É boa doutrina, mas não a seguem os que a prégam!

IMPERATRIZ

Tu julgas-me feliz?!

PEDRO

Eu não sei o que heide julgar de todas estas historias? O enredo vae-se complicando de tal modo, e vão-me apparecendo tantos

e taes parentes, que estou em riscos de chegar a não saber quem sou!

JOANNA

Que modos são esses com tua mãe, Pedro?

PEDRO

Tens razão, rapariga; ella, por fim de contas, sempre é minha mãe; e, uma vez que já era minha tia, não tenho nenhuma razão para me desgostar agora.

Abraça a Imperatriz.

IMPERATRIZ

Perdão! peço-te perdão!

PEDRO, *comendo um biscoito*

Não ha de quê. Ó Joanna manda recado á loja do Chico, alli á rua Augusta, para que venha fazer-me a barba.

JOANNA, *pulando de alegria*

Elle come sem lh'o pedirem! e quer cortar as barbas? Tenho homem.

PEDRO, *á Imperatriz*

Já recebeu noticias do inferno?

IMPERATRIZ

Não; meu marido não tem escripto.

JOANNA

Para lá não ha correio, nem telegrapho electrico.

Sae de braço dado com Pedro.

SCENA IV

IMPERATRIZ e LUIZ

IMPERATRIZ

Quantos crimes não pesam já sobre a minha fronte ainda joven! Tenho horror de mim propria... E, comtudo, não posso dizer que sou criminosa. É tudo engano; as apparencias mentem, como ao diante se verá!

LUIZ, *vem a saír da parede e fica entallado no pano pintado, que finge pedra; depois de alguns esforços, estende os braços para a Imperatriz*

Maldição! não caibo por este buraco!

IMPERATRIZ

Ah!

LUIZ

Não tremas!

Forceja para passar e canta ao mesmo tempo; musica da opera *Rigoletto:* La donna é mobile

O teu miolo
De catavento,
Não tem assento
Nem póde ter;
É como penna
Que o vento leva...
Cabeça d'Eva
Sempre hasde ter!

IMPERATRIZ

Covarde, que insultas a desgraça! quem és e que vens fazer a esta mansão da morte?

LUIZ, approximando-se-lhe com um pedaço de parede pendurado nas costas

Quem sou? Que venho cá fazer? (Rindo.) Ah! ah! ah! ah! Eu sou o encarregado de tornar as situações mais dramaticas; vinha aqui para te metter um susto, mas não pude entrar a tempo.

IMPERATRIZ

N'esse caso pódes retirar-te.

LUIZ

Obedeço; porém conta que voltarei e que

para a outra vez não ha de falhar a peripecia.

Abre o buraco com as mãos e sae, tornando a fechal-o.

IMPERATRIZ

Um crime! ainda mais um crime?!... não; este, hei de impedil-o!

Encosta o armario ao buraco.

SCENA V

IMPERATRIZ e PEDRO

PEDRO, de barba feita e cabello cortado

Minha mãe... (Áparte.) Dessimulemos. (Alto.) A Joanna precisa de um bocado de casimira para deitar uns fundilhos.

IMPERATRIZ

Eu lá vou.

Sae.

SCENA VI

PEDRO depois GOLIAS

PEDRO

Esta mulher não é minha mãe; inventou um romance para me enganar... mas com que fim? Ah!... seria ella connivente no roubo da filha? Quem sabe! Ha no sepul-

chro segredos, que a sciencia humana tenta debalde penetrar! Haverá n'isto um mysterio?

GOLIAS, saindo do chão

Adivinhaste, mancebo!

PEDRO, dando um salto para o lado

Filho da terra, sombra do averno, ancião escapado do catafalco, dize-me quem és.

GOLIAS

Sou o quinto avô de varias pessoas. Esse esqueleto, que ahi está acorrentado, é o meu.

PEDRO

Horror!

GOLIAS

É verdade; eu era poeta, e a princeza Dona Brites pediu-me por favor que a amasse; amei-a com delirio; o Imperador soube-o e encerrou-me n'este abysmo; amarrou-me a essa corrente de ferro, deu-me aquella espada, e disse-me que defendesse a minha vida como podesse.

PEDRO

Que traição!

GOLIAS

Durante um anno lutei com desespero contra os meus inimigos; o tyranno divertia-se todos os dias deitando contra mim seis soldados da sua guarda, que me atiravam estocadas de morte!... Mas eu era dextro e moço, por isso os matava a elles. Costumei-me de tal modo a estar sempre em guarda, que quando morri de fome fiquei na posição de varrer uma estocada!

PEDRO

É de abysmar!

GOLIAS

Depois que morri não tornou a entrar gente n'este subterraneo; tu foste o primeiro mortal, que penetrou na morada dos mortos; oxalá que não tenhas que arrepender-te!

PEDRO

Oxalá! Mas tu és morto ou vivo?

GOLIAS

Sou um mysterio! Ha cento e oitenta an-

nos que passeio com os vermes, que me sugam a carne.

PEDRO

E como podeste resistir, no silencio do aniquilamento, sem ter ao menos uma pitada de tabaco para alliviar as saudades da familia?

GOLIAS

Mysterio!

PEDRO

Como rompeste alfim as prisões, que te algemavam ao nada?

GOLIAS

Mysterio! Mysterio! Tudo é mysterio!

Senta-se ao pé do cesto, que Joanna deixára; tira d'elle biscoitos, que vae comendo, e bebe de vez em quando pela garrafa que está ao pé.

SCENA VII

PEDRO, GOLIAS, LUIZ

LUIZ, entra, rasgando a porta do armario com um pulo e vindo caír ao meio da scena

Até que emfim!... Ah! quem é este ancião?

GOLIAS, cobrindo-se com uma grande toalha, que tapava o cesto

O filho do crime !? A virtude vela o rosto, e a innocencia cobre a face com as azas candidas.

PEDRO

Acho que fazem muito bem, tanto a virtude como a innocencia; mas eu vou aviar este patife, se me não der conta da minha... da... Que fizeste d'ella?

LUIZ, ajoelhando

Assassina-me, por piedade!

PEDRO

Que fizeste d'ella, miseravel? Que fizeste da tenra e mimosa flor, que se ostentava na haste côr de rosa aos soes ardentes do estio queimador, quando o ceifeiro recolhia os fructos agrestes de Pomona, que...

LUIZ

Já te disse, que tivesses a bondade de me assassinar; poupa a tua poesia e acabemos com isto!

PEDRO, agarrando-o pelo pulso

Queres que te assassine immediatamente? Bem te percebo! É para levares comtigo o teu segredo? É para que ninguem possa descobrir o logar mysterioso e fatal onde a escondes-te? Enganas-te, Luiz Gregorio! Não se rouba assim uma Infante, nem se diz depois ao juiz implacavel: «—Assassina-me por favor!» — Porque se tal se fizesse, diriam que a justiça te tinha assassinado; e a justiça enforca, mas não mata.

LUIZ

Pois bem! N'esse caso assassinemos-nos um ao outro. Vê se te convem este ajuste?

Cantam; musica do duetto da opera *Os Puritanos:*
Suona la tromba intrepido

LUIZ, cantando

Se tens o figado intrepido,
Pucha lá pela navalha;
Eu não sou nenhum canalha,
Que deixe de responder.

Tira do bolso uma grande navalha, que mostra a Pedro.

Nas tuas tripas, impavido
Vou mettel-a até ao cabo!

Se te levar o diabo,
Mau negocio hade fazer!

PEDRO, cantando

Arrotas d'animo intrepido?
O valor ás vezes falha!

Puchando por um facão muito grande.

Este facão atrapalha
E faz os pimpões tremer!
Reteza a barriga, impavido,
Que eu não sou homem de gabo;
Mas, como quem fura um nabo,

Brandindo o facão.

Na pança t'o vou metter.

INFANTE, dentro, logo que finda o duetto

Pedro? Pedro? meu Pedro?!

PEDRO

Ella?! é ella!

Sae a correr.

LUIZ, dirigindo-se á toalha com que se cobriu Golias

Respeitavel ancião, qual é o vosso modo de vida? (A toalha sóbe para o tecto; Golias tem desapparecido por um alçapão.) Que diabo é isto? O velho desfez-se?! (Olhando para todos os lados.) Parece-me que a coisa vae-se tornando séria?!

Estou embirrando solemnemente com aquelle esqueleto e, se não fosse sacrilegio, desfazia-o com dois pontapés!

SCENA VIII

LUIZ, PEDRO, INFANTE, IMPERATRIZ

INFANTE

Porque me foges, alma da minha vida?

PEDRO

Deixa-me! Entre nós está um oceano de crimes.

INFANTE

Quem o fez?

IMPERATRIZ, entrando

Eu!

INFANTE

Vós? ah! oh!... mas vós não sois minha mãe.

PEDRO

Que diz ella?

LUIZ, approximando-se

A verdade.

IMPERATRIZ

É possivel?

PEDRO

Não é minha irmã?! Ella não é?... As provas? dou dez annos da minha vida, dou todo o meu sangue, dou a minha alma a quem me der as provas de que ella não é minha irmã!

Ouve-se uma grande badalada n'um sino e todos estremecem; abre-se o chão e entra Pae Thomaz com um rolo de pergaminho muito grande.

SCENA IX

LUIZ, PEDRO, INFANTE, IMPERATRIZ, PAE THOMAZ

PAE THOMAZ

Acceito os dez annos da tua vida.

TODOS

Ah!

PAE THOMAZ

Serás escravo; irás plantar mandioca e canna d'assucar; comerás por mim farinha de pau com pirarecú secco; levarás surras de criar bicho! Eu sou o Pae Thomaz, e já não tenho cabana.

PEDRO

Mas tens as provas?

PAE THOMAZ, dando-lhe o rolo

Aqui as tens.

PEDRO

É tudo isto?!

PAE THOMAZ

E não acaba ahi a historia; depois te darei o segundo volume.

PEDRO

Ella não é minha irmã? com certeza?

PAE THOMAZ

Não; ella é...

TODOS, com grande anciedade

É?...

PAE THOMAZ, a Pedro

É tua filha.

Some-se.

PEDRO, dando um grande grito

Ah!!!

Desmaia.

INFANTE, idem

Eh!!!

Idem.

LUIZ, idem

Ih ! ! !

Idem.

IMPERATRIZ, idem

Oh ! ! ! E uh ! ! !

Idem.

Sentam-se todos no chão olhando uns para os outros; a orcheetra toca a musica do miserere da opera *Trovador*.

TODOS, cantando, sentados no chão

Oh ! que peça ! que peça ! que peça !
Que embrulhada de filhos e paes !...

Apertando as cabeças com as mãos.

Ai ! ai ! ai ! minha pobre cabeça !
Vou-me embora e não volto aqui mais !

Levantam-se e fogem ; ouve-se repetir o coro ao longe
o pano cae.

ACTO QUARTO

QUINTO QUADRO

Ao fundo do theatro montanhas de rocha esbranquiçada, que terminam á borda do rio Acheronte, onde ha um caes de embarque. Rara e infezada vegetação nos montes, que formam a margem do mundo. Varios caminhos tortuosos, ingremes e estreitos, conduzem ao rio. Ao meio d'este o barco de Caronte, que deve ser movido a vapor. Á esquerda uma torre de diamante, terminando em feitio de funil, onde se acham prezos os condemnados ás penas eternas. Á direita uma barca de banhos. Na margem do rio, opposta á do mundo, ha um caes corrido, tendo a muralha rematada com fundos de garrafa e outros vidros quebrados. D'este lado são os infernos da mythologia grega. Á esquerda um edificio de fórma phantasiosa, que figura ser o palacio de Plutão, tendo junto da entrada principal a casinhola onde habita o Cão Cerbero, que vigia o caes de desembarque. O terreno é coberto de vegetação, das especies proprias das regiões vulcanicas. Á direita um monte e ao pé d'elle uma grande pedra redonda. No primeiro plano uma tina de banho, e uma bananeira com um cacho de bananas maduras. Alguns vulcões apagados; um chafariz, deitando agua por differentes bicas.

SCENA I

CARONTE, vestido de palhaço, com uma comenda ao peito, está abanando o lume na fornalha do vapor. Na

margem do mundo immensa multidão de SOMBRAS passeando pelo caes e olhando para o lado dos infernos. Trajos variados e de phantasia; modas de todos os povos antigos e modernos.

SOMBRAS, cantando em côro; musica da *Barcarola*, d'Auber

Ó tu que as almas conduzes,
Catraeiro, meu amor,
Leva-me aos campos Elysios
No teu barco de vapor.

Não ouves como eu suspiro?
Encosta depressa o barco;
Attende quem por ti chora,
Se não atiro-me ao charco.

CARONTE, recitando e abanando o lume; o vapor começa a mover as rodas e a vogar lentamente para a margem do mundo

Calae-vos lá, pataratas!
Cuidaes que é tonto o barqueiro
E engole d'essas batatas?
Manos, sou velho matreiro.
Fui embaçado ha um mez
Por um certo marralheiro,
Que tomei por bom freguez
E elle não tinha dinheiro!
Estivemos quasi á briga
Quando vi a paga em zero;

E agora, se me lubriga,
Pernas, para que vos quero ! ?
Mas tambem fiquei curado ;
Já ninguem cá põe os pés,
Sem pagar adiantado
O seu logar no convez.
Se do inferno sou barqueiro,
Só levo de obrigação,
Cada vez um passageiro,
Por ordem de dom Plutão ;
Os outros vão por dinheiro,
Aliás...

UMA SOMBRA

O quê ?

CARONTE

Não vão.
Embora eu não seja avaro,
Não posso fazer franquezas ;
Pois tenho grandes despezas
E tudo está muito caro.
Eu tambem sou empregado...
E gemo todos os dias,
Victima de economias
Que me deixam depenado.
Chamam decimas ao fructo
Da lei que nos vae ao pello ;
Mas são em verso tão bruto,
Que leva coiro e cabello !

E essa gente, que remenda
Os fundilhos da nação,
Escolheu a occasião
E impingiu-me esta comenda!
Modos de arranjar dinheiro!...
Eu paguei a brincadeira,
Só porque haja na ribeira
Um commendador barqueiro.

Encosta o barco ao caes do mundo.

SOMBRAS, approximando-se

Tio Caronte? Mano? Amigo Caronte? Primeiro eu! primeiro eu! Eu estava aqui ha cem annos; acabei o meu tempo... Eu! Eu! Eu!

Cantam em côro a mesma musica da *Barcarola*, d'Auber

Sou eu, sou eu, sou eu!...

CARONTE, recitando

Para traz, sombras errantes!
Eu não levo mais que um só,
Nem que o peça minha avó;
Entre Miguel de Cervantes.

SCENA II

CARONTE, SOMBRAS, CERVANTES, um INGLEZ

SOMBRAS, cantando

Sou eu, sou eu, sou eu!

CARONTE, a uma Sombra, que ia subindo para o barco

Não queira fazer batòta!
Ou pague ou saia da praça;
Que vossê foi grande agiota
E eu não o levo de graça.

A SOMBRA

Eu nunca abusei...

CARONTE

Malvado!
Mente com descaramento!...
Quarenta e oito por cento
Levou a um pobre empregado!

INGLEZ

How do yo do, master Caronte? How is all your family?

CARONTE

Ora vejam este inglez
Com ares de protector!
Pois amigo, d'esta vez
Não entras no meu vapor.
Cheirava-te a companhia?
Julgas talvez que eu sou gente?
Debalde aguças o dente;
Cá não apanhas fatia.
Aqui não tens alliados
Como os de certa nação,

Que te engordou com presentes
E agora deve-te o pão!
Bem sabes de quem eu fallo...
É d'um paiz sem miolo,
Que dá tudo aos estrangeiros
Para que lhe chamem tolo!
Qualquer charlatão o embaça
Com dois ou tres palavrões!
É Por... mas não; chamo-lhe antes
Terra de parlapatões.

INGLEZ, querendo jogar o socco com elle

Maldita Caronte! You insulta me? Oh! but me estar morta in Sebastopol, and if you la estava me quebrar as tuas costellas, por que tu estar uma grande burra!

CARONTE

Passa fóra!

CERVANTES, approximando-se do barco

Mi querido amigo, yo soy Cervantes; me dê usted la mano.

CARONTE

Quem falla ahi castelhano?

CERVANTES

Yo soy, Don Caronte; le regalo hablando la lengua de mi pays; no queda usted contente?

CARONTE, dando-lhe a mão e ajudando-o a subir

Olhe que o metto no fundo!
Saiba que já não é gente;
Falle em lingua do outro mundo.

CERVANTES

Beso a usted la mano.

SCENA III

CARONTE, CERVANTES, SOMBRAS,
na margem do mundo

CARONTE, volta o barco para o lado do inferno, abana o lume da fornalha, as rodas movem-se lentamente

Agora sente-se, que eu vou cantar.

CERVANTES, sentando-se

Bueno! Me alegro mucho.

CARONTE, cantando; musica de recitativo

Corre ó barco, sem temor,
Por estes rios
Esguios.
As rodas do meu vapor
Parecem dois corropios
Dando assobios.

Vendo parar o barco.

Como elle corre! na rapidez
Parece mesmo que é portuguez!
Oh!... famoso paiz

É um que eu sei, lá da terra,
Onde toda a gente berra
E ninguem sabe o que diz!
Mas não julguem que o invejo,
Porque tambem tem marinha,
Como a minha,
Com andar de caranguejo!...

Pára de cantar e grita.

Quem vae a Cacilhas?! (*A Cervantes*) Vê vossê este bote? pois os inglezes tinham-n'o deitado fóra, por estar podre; e eu comprei-o muito depressa, antes que os sujeitos, do tal paiz que eu dizia, lhe deitassem o olho e o arrematassem por seiscentos contos! É uma tal gente, que em lhe cheirando a vapor sorvado, querem-n'o logo para si! São monopolistas de navios velhos e, para que ninguem lh'os tire do lance, pagam-n'os como novos!

CERVANTES

Homem, vossê tem má lingua!

CARONTE

Isso é o que elles dizem por lá, a quem lhes falla verdade!

Canta.

Acorda,
Cerbero;
Na margem
Te quero.
Ó dom Plutão?
Acorda o cão!
Hão!
Hão!
Hão!
Aqui vae um!
Pum!
Pum!

Gritando.

Larga o milhano!

CERVANTES, vendo sair da casinhola um goso, que representa de cão Cerbero

Que bicho é aquelle?

CARONTE

É o cão Cerbero.

CERVANTES

Mas eu sempre ouvi dizer que o Cerbero tinha tres cabeças. Cão trifauce, dizem os poetas.

CARONTE

É verdade; porém o correr dos tempos modifica muito as coisas e os individuos. O

cão, tendo tres cabeças, tinha naturalmente tres boccas; e não sei se por isso devia tambem ter tres estomagos; o que é certo é que, attendendo á carestia dos generos e ás decimas e economias, que agora são moda para esfollar todos a torto e a direito, entendeu-se, que tão Cerbero era elle com uma como com tres cabeças, e supprimiram-se-lhe as outras duas.

CERVANTES

A resolução foi discreta. Parece-me que até se poderia prescindir do cão, visto que ninguem póde atravessar o rio senão por meio d'este barco?

CARONTE

Coisas da mythologia! Isto hoje está muito mudado. Cerbero tem decahido com a idade; já não ladra, nem morde; e foi necessario pôrem-se aquelles fundos de garrafa na muralha, para evitar que venha alguem a nado encaixar-se no inferno.

CERVANTES

Pois ha tanta afluencia de gente para este sitio?

CARONTE

É mais a mim, mais a mim! No mundo quasi que se não trata já se não de preparar as coisas, para obter aqui um cantinho.

CERVANTES

Eu para que sitio vou?

CARONTE

Os juizes o dirão.

CERVANTES

Os juizes! Tambem ha d'isso no inferno?

CARONTE

Essa é boa! tão poucos para cá véem? Que se lhes havia de fazer, se não occupal-os?

CERVANTES

Tem razão (Ouvem-se muitos gritos saindo da prisão dos condemnados.) Que gritos são estes?

CARONTE

São os dos condemnados. (Apontando para a prisão.) Estão n'aquella prisão de diamante. Fizeram-se às paredes assim fortes e boni-

tas por puro luxo; com qualquer empenhosito sae-se hoje d'alli, a pretexto de ir tomar ares ou banhos.

CERVANTES

Vejo além uma barca de banhos, que parece a Deusa dos Mares!

CARONTE

Aquella é onde dona Proserpina vae refrescar o seu nervoso.

CERVANTES

E porque gritam agora os condemnados?

CARONTE

Plutão lançou-lhes umas décimasitas, para accudir ás despezas d'aquelles vulcões, que alli vê apagados por falta de combustivel.

CERVANTES

Oh diabo! A coisa tambem está assim por cá?

CARONTE

Estamos desgraçados! E agora obrigam-n'os a sermos todos commendadores, afim de nos apanharem os direitos de mercê

para as urgencias do estado! Quem não quer acceitar a commenda é demittido!

CERVANTES

Que tal! E eu que julgava que era só lá por cima!... De que ordem é vossê commendador?

CARONTE

Do Medjiid-Sidrak-Effendi-Plutão; é a que está menos sevandijada; por ora ainda não se dá se não aos barqueiros e aos gallegos.

CERVANTES

Gallegos! Pois tambem ha gallegos aqui?

CARONTE

É do que ha mais em toda a parte... eu fallo em estylo figurado.

CERVANTES

E aquellas sombras, que estão da outra banda? Porque não as passam para cá? Uma decima sobre aquelle immenso povo é que valia a pena!

CARONTE

Já se pensou n'isso e tem-se discutido

muito; mas oppõe-se os regulamentos. As almas das crianças, dos guerreiros, dos assassinados e dos suicidas não podem ser julgadas senão passados cem annos depois da morte. E ha outros, que só mil annos depois de terem estoirado poderão pôr o pé nos campos Elysios; mas ainda assim não serão completamente bem aventurados, porque de vez em quando far-se-lhes-ha fungar a venta com uma surra.

CERVANTES

Quaes são esses?

CARONTE

São as almas dos que não queriam união iberica, nem escravatura branca e preta, nem moeda falsa; dos que gritavam contra os meetingueiros, contra os grandes ladrões publicos, contra os falsificadores... emfim contra tudo que lá fóra se chama infamia ou crime. Esses parvos apostolos levam cá pancadaria medonha.

CERVANTES

Acho justissimo; só faria uma excepção

em favor dos ibericos, porque sou hespanhol.

CARONTE

Não diga tolices; a Hespanha não precisa de Portugal, assim como Portugal não precisa da Hespanha. O que lhes falta a um e a outro...

CERVANTES

Não diga, que eu bem sei o que é!

CARONTE

O que vossês chamam homem de bem lá em cima, é cá em baixo synonimo de tolo; e dá-se-lhe com um chinello velho por despreso.

CERVANTES

E os homens a quem chamamos traficantes politicòs, patifes, ladrões, seductores, canalhas, trapaceiros, infames, e tudo quanto ha de affrontoso nos diccionarios?

CARONTE

Isso é tudo gente muito bem vista no inferno.

CERVANTES

N'esse caso estou bem arranjado! Não só me parece que serei condemnado ao chinello velho, mas creio até que me tirariam a pelle... se eu ainda a tivesse!

CARONTE

Poetas, romancistas, dramaturgos, litteratos, tambem cá são tratados conforme os seus merecimentos... de prégadores de má morte!

CERVANTES

Oh diabo!...

CARONTE

Não se assuste; vossê tem bom padrinho; e por isso fui logo buscal-o.

CERVANTES

Tenho padrinho?! Quem é?

CARONTE

D. Quixote

CERVANTES

Pois cá no outro mundo tambem se lêem romances?

CARONTE

Elle está cá.

CERVANTES

Quem?

CARONTE

O fidalgo da Mancha.

CERVANTES

D. Caronte! vossê zomba comigo?

CARONTE

Fallo sério.

CERVANTES

Falla sério, e diz que D. Quixote?!... Um sonho, um ente imaginario!... Ora adeus!

CARONTE

Verá.

CERVANTES

Digo-lhe, que não existiu nunca tal D. Quixote! Fui eu, Miguel de Cervantes Saavedra, que o inventei.

CARONTE

Alli vae elle.

CERVANTES

D. Quixote!...

SCENA IV

CARONTE, CERVANTES, D. QUIXOTE,
SOMBRAS, na margem do mundo

D. QUIXOTE, vestido de armadura, com a lança em riste e um barril de aguadeiro ás costas; dirige-se ao chafariz, põe alli o barril a encher em uma das bicas, e, emquanto espera, canta; musica hespanhola

Soy un hombre enamorado
que suspiro noche y dia;
de mi suerte dura, impia,
renegando sin cesar.
El dolor, la pena mia
nadie logra consolar.
Aburrido, sofocado,
Sin asomo de esperanza,
imagino una venganza,
espantosa, singular.
Medio mundo con mi lanza
voy en breve á acribillar.

Depois de cantar, põe o barril ás costas e apregôa como os aguadeiros gallegos

Áaaúúúú!

Entra no palacio de Plutão.

SCENA V

CARONTE, CERVANTES, SOMBRAS,
na margem do mundo

CARONTE

Então?

CERVANTES

É elle! Confesso que não percebo!... Fui eu que o fiz?

CARONTE

Não; mas adivinhou-o. Vossês, lá no mundo, são uns grandes patetas, quando escrevem romances ou comedias; cuidam que inventam? É engano; o que lhes parece filho da imaginação, existe realmente n'outra parte.

CERVANTES

Essa agora!

CARONTE

Creia o que lhe digo. Isso a que chamam phantasia, não é se não o véo, mais ou menos transparente, que separa o espirito dos homens da immortalidade...

Ouvem-se gritos no palacio de Plutão.

CERVANTES

Que vem a ser isto?

CARONTE

É um folhetinista, que está apanhando uma duzia de palmatoadas.

CERVANTES

Porquê?

CARONTE

Pelas tolices que tem dito e por não fazer uso da grammatica, escrevendo em lingua de preto.

CERVANTES

Então cá tambem ha jornaes?

CARONTE

Era o que faltava, um inferno sem politica! Como haviamos de passar a eternidade?

CERVANTES

É que não percebo a utilidade da politica, nem mesmo no inferno! Para que serve ella aqui?

CARONTE

Boa pergunta! para o que serve em toda a parte; é a alavanca das revoluções... e das maroteiras.

CERVANTES

E tambem precisam de revoluções?

CARONTE

D'onde diabo sae vossê com essa inno-

cencia? As revoluções são sempre utilissimas. Sem ellas era impossivel conhecerem-se os grandes mestres da tranquibernia, os pescadores das praças publicas, os negociantes de patriotismo, que vendem a sua confiança aos governos a tanto por mez, e que téem a condescendencia de salvarem a patria... depois de se terem salvo a si.

CERVANTES

Visto isso tambem cá se mudam a miudo os ministerios?

CARONTE

Certamente.

CERVANTES

Mesmo quando governam bem?

CARONTE

É quando se mudam mais depressa. Está provado, que logo que um governo faz alguma coisa boa, deve ser posto na rua, para não ter tempo de retroceder. O progresso não pára; cada dia se deve ensaiar uma nova politica para satisfazer as exigencias do povo... meetingueiro. Hoje pedem-se economias, porque nós estamos desemprega-

dos; ámanhã berramos contra ellas, para defendermos o osso, que já apanhamos; e pômos na rua o ministro que nos despachou — a fim de o ensinarmos a ser mais esperto para outra vez, não empregando independentes. Isto é que se chama caminhar, progredir — *progredior* — dizem os sabios. As idéias envelhecem como as coisas; se as não mudarem, apodrecem e caem. Os ministros velhos não podem ter se não idéias caducas. É preciso mecher, agitar, transformar, fundir, refundir as doutrinas e os systemas, para melhorar tudo; e isto só póde fazer-se por meio das revoluções. A paz, a ordem, o trabalho honrado e assiduo, tudo isso é estupido e não deixa brilhar as pessoas, que se sentem inspiradas — para apanharem alguma posta e representarem o seu papel nas danças e visualidades politicas. O paiz, que não respeitar os palhaços politicos, nunca poderá fazer fortuna, e ha de ser sempre um paiz de caranguejos.

CERVANTES

D. Caronte, vossê é um grande sabio; e

as suas theorias são proprias do inferno. Passe muito bem! Se todos cá pensam d'esse modo, eu não chego com juizo aos Campos Elysios.

O barco approxima-se do caes e Cervantes desembarca.

SOMBRAS, na margem do mundo, cantando; musica do côro do 3.º acto da opera *Baile de Mascaras*

Volta o barco sem demora,
Oh negregado barqueiro!
Quem levarás tu agora,
Quem será teu passageiro?

SCENA VI

CARONTE, CERVANTES, PLUTÃO, SOMBRAS, na margem do mundo

PLUTÃO, sae de casa fumando n'um grande cachimbo; Cervantes tira o chapéo e cumprimenta-o

Ó Caronte?

CARONTE

Patrão?...

PLUTÃO, baixo

Empresta-me cá dois pintos; estou hoje sem vintem e preciso ir a uma patuscada. Ámanhã dou-te outra commenda e descontam-se nos direitos de mercê.

CARONTE, áparte

Esta só pelo diabo! Descobriu uma mina! Cada vez que elle estiver sem fundos, tenho eu de me aguentar com uma condecoração! Paciencia! Antes isso do que perder o emprego, que é dos mais rendosos!

Dá os dois pintos.

CERVANTES, a Caronte

Quem é este senhor?

CARONTE

É o pae Tartaro — vulgò Plutão — rei dos infernos.

Cervantes torna a cumprimental-o.

PLUTÃO

Vae á outra banda esperar um mortal chamado Figados de Tigre, e, logo que elle chegue, conduze-o a minha casa. Hoje não recebo nem fallo a mais ninguem.

CARONTE

Figados de Tigre! Tenho ouvido fallar... já cá temos uns poucos, que elle matou; mas parece que nos ultimos tempos deu em covarde, e que acabará em sandeu?

PLUTÃO

Vae buscal-o.

Caronte vae com o barco para a margem do mundo

CERVANTES

Boas tardes, senhor D. Plutão.

PLUTÃO

Adeus, Cervantes... (Apertando-lhe a mão) Como vae isso?

CERVANTES

Assim, assim... para fallar com franqueza, depois que morri, não tenho passado muito bem de saude.

PLUTÃO

Como tenciono dar hoje um baile e andam os empregados todos muito atarefados, com os preparativos para elle, não ha tempo de se fazerem as macaquices e ceremonias, que são de uso quando chega aqui uma alma. Desculpa, e entra ahi para dentro; conversa com minha mulher, que eu já vou.

CERVANTES

Muito obrigado.

Entra em casa de Plutão.

SCENA VII

PLUTÃO e D. QUIXOTE

D. QUIXOTE

Pobre Miguel de Cervantes! Cuidava que me tinha inventado!

PLUTÃO

Mestre D. Quixote, tenho recebido gravissimas queixas contra o senhor!

D. QUIXOTE

Pois tambem eu tenho muito de que me queixar!

PLUTÃO, sorrindo

Talvez de mim?

D. QUIXOTE

Que duvida tem? Ha perto de quinhentos annos, que estou á espera de uma certa Dulcinea, que me prometteste, e ella sem apparecer! Já disse que a quero para cá, porque me é muito precisa! Estou aborrecido de aturar o nervoso á tua mulher. Ainda agora lhe levei um barril de agua para as suas mézinhas!

PLUTÃO

E eu já disse, que não te dou a Dulcinea, emquanto não te curares da mania de desafiar e acutillar os meus amigos. Toma cuidado comigo!

D. QUIXOTE, cantando; musica da opera *Semiramis* no duetto de Arsace e Assur

Não me cantes como os grilos!
Porque se dás um só grito,
Arranco-te os gorgomilos!

PLUTÃO, cantando; a mesma musica

Se me insultas, eu apito!

D. QUIXOTE

Apita, meu capataz!
Manda vir a chuchadeira,
Se queres a cabelleira
Convertida n'um lambaz.

PLUTÃO

Prudencia, seu D. Quixote!...
Eu não sou nenhum catinga!
Se vossê vem com a pinga
Mando correl-o a chicote.

D. QUIXOTE, enristando a lança

Oh! Pancracio! pois comigo
Desejas entrar em briga?

Firmeza n'essa barriga,
Que te vou tirar o umbigo!...

PLUTÃO, recuando

Oh! da guarda! eil-o comigo;
D. Quixote d'uma figa,
Não me toques na barriga
Que eu juro ser teu amigo.

Duetto: repete cada um a sua ultima quadra.

D. QUIXOTE

Pois bem: eu vou contar-te o que fiz esta manhã; depois saberás o que tenciono fazer de tarde, para me vingar da semsaboria a que me tens condemnado! O teu amigo gigante Briareo tinha cem braços e eu cortei-lhe noventa e oito; tinha cincoenta cabeças, cortei-lhe quarenta e nove.

PLUTÃO

Estragaste-me o gigante! Compromettes a mythologia e tiras-me parte da minha importancia politica! Que mal te fez elle?

D. QUIXOTE

Que mal me fez? Eu não admitto que ninguem tenha mais braços e cabeças do que

eu! Dá-te por avisado e conta que hei de supprimir todos esses patifes, que por ahi temos eguaes a Briareo.

PLUTÃO

Que é feito de Tantalo e de Sysipho, que não os vejo nos seus supplicios? Aposto que tambem embirraste com elles?

D. QUIXOTE

Estou enfastiado de os ver fazendo sempre a mesma coisa! E vou d'aqui escangalhar todo o scenario d'esta farça ridicula chamada inferno, se me não dás a Dulcinea. Bem sabes que sou o teu braço direito; se tens tido maioria nas camaras, é porque eu faço calar a opposição com a minha lança, que é o verdadeiro palladio das liberdades publicas. Se te faltar o meu auxilio, os teus amigos tiram-te o sceptro e põem-te fóra da mythologia; ora sem mythologia, que ha de ser de ti? Toda esta bella composição de Cocyto, Acheronte, Tartaro e Phlegetonte, desapparece, do mesmo modo que já desappareceram esses vulcões por falta de car-

vão. Para começar, mesmo á tua vista, esborracho já o Cerbero, tiro as tripas ao Caronte, e esgano a tua familia toda!

Quer sair.

PLUTÃO

Suspende! (Áparte.) Deixa estar, que hasde pagar-me a picardia!... Exerces pressão sobre o poder moderador?! Quando um rei transige com dois ou tres subditos, prepare-se o povo todo para pagar a brincadeira! Disfarcemos e esperemos. (Alto.) Não faças mais asneiras! (Áparte.) Dou-lhe uma commissão para a outra banda, combino-me com o Caronte, para que abra um rombo no barco, e leva-o o diabo! É verdade que d'esse modo tambem dou cabo do meu pobre Caronte?... ora adeus! A vingança de um rei não se prende com tão pequenas miserias! (Alto.) Talvez ainda hoje mesmo te dê a Dulcinea, se te portares bem. Toma lá. (Tirando uma facha, que trás ao peito.) Faço-te Grão-Parlapatão da ordem militar dos paisanos.

D. QUIXOTE, ajoelhando

Oh! que honra, meu senhor!

Beija-lhe a mão.

PLUTÃO, áparte, levantando-o

Pedaço d'asno! Apanho-lhe seiscentos mil réis de direitos de mercê e elle fica-me muito obrigado! Os meus collegas lá de cima não sabem explorar este negocio! Téem uma mina inexgotavel na vaidade humana e andam quasi todos a tinir! Empurrem fitinhas, medalhinhas e trapinhos, a torto e a direito!... Ponham-lhe um preço razoavel e não haverá caixeiro, que não roube o patrão para ser commendador. (Alto.) Dize a Tantalo e a Sÿsipho, que vão para as suas obrigações. Temos hoje visitas, e por isso convem tornar o espectaculo mais apparatoso. (D. Quixote vae-se.) Vou mandar metter lenha nos vulcões; n'estes ultimos tempos tem-se feito despezas extraordinarias e não me posso alargar; mas um inferno sem fogo é uma vergonha! Em ultimo caso queimam-se duas ou tres duzias de hypocritas; as almas d'esses patifes não prestam para accender, mas ao menos servem para fazer fumo.

Entra em casa.

SCENA VIII

TANTALO, SYSIPHO, CARONTE, SOMBRAS, na margem do mundo

SYSIPHO

Ah! meu camarada; esta vida é insupportavel! Andar sempre a rolar uma pedra por um monte acima!...

TANTALO, puchando a tina para junto do chafariz

E eu, meu caro amigo?!... mettido dentro d'agua, sem poder beber; com um cacho de bananas ao pé da bocca, sem poder comer!... (Suspirando.) Oh!...

SYSIPHO, rolando a pedra para o sobpé do monte

Ah!... (Começa a rolal-a pelo monte acima.) Os nossos collegas, que atiçam os vulcões, sempre são bem felizes! Acabou-se-lhes o carvão e andam a passear!...

TANTALO, mettendo-se dentro da tina, com um copo na mão

É verdade! E os do chafariz estão aqui, estão a descançar tambem, por que a agua vae seccando á força de me ver! (Voltando-se

para a bananeira.) Póde começar o supplicio, que já cá estou em posição!

A bananeira inclina-se e, quando elle estende o braço para apanhar as bananas, torna a erguer-se; repetindo-se sempre estes movimentos desencontrados, emquanto Tantalo está dentro da tina.

SYSIPHO, rolando a pedra e cantando á moda da gente ordinaria do Brazil; musica do lundú, com andamento vagaroso e languido

Doces quindins brazileiros,
Todos melaço e denguice;
Que vale o amor das crioulas
Sem a vossa macaquice?

Vamos começar de novo! Ai, mulatinhas! Quando eu era gente!...

Péga na pedra ás costas, desce e recomeça a rolal-a pelo monte acima

TANTALO, vae para encher o copo em uma das bicas e a agua cessa instantaneamente de correr; approxima-o da outra e esta pára egualmente: o mesmo com a terceira e a quarta. Canta; musica do *Passarinho trigueiro*

Eu tenho fome, basta de asneira;
Se o meu destino se não melhora,
Corto as raizes á bananeira,
Dou ás canellas e vou-me embora.

Que aborrecimento! Nem agua nem ba-

nanas!... Não se póde aturar uma situação d'estas, que já dura ha mais de dois mil annos!

SYSIPHO, no alto do monte

Eu, d'alguma vez largo o meu rochedo cá de cima e vae tudo com seiscentos diabos!

TANTALO

Isso não é de bom companheiro! lembra-te, que eu estou cá por baixo.

SYSIPHO

Mas, se tu estás aborrecido?...

TANTALO

É verdade; porém não posso morrer segunda vez!

Cantam á duo; musica: A menina vae ao baile, oh vindima!

Sejamos bons camaradas,
Pois temos de viver juntos;
E aguentemos as massadas
Com prudencia de defuntos.

SCENA IX

TANTALO, SYSIPHO, CARONTE, FIGADOS DE TIGRE, SOMBRAS, na margem do mundo

FIGADOS DE TIGRE

Ora muito me conta! O Cerbero só com uma cabeça!...

CARONTE

Ainda assim, tome cuidado com elle!

FIGADOS DE TIGRE

Deixe estar; eu trago-lhe aqui um bolo, dos do Araujo da travessa de S. Nicolau, que elle hade ficar como um borrego quando o provar. Ih! como isto é feio cá por baixo! Tenho gramado um par de sustos n'esta jornada... nem pareço o mesmo homem! E, se tornar lá acima com vida e saude, bom será.

CARONTE

Desembarque. Bata áquella porta e diga quem é.

FIGADOS DE TIGRE, atirando um bolo ao cão

Péga lá; vê se me ficas conhecendo...

Gostas?... bom. — Mas se elle me morder, depois de comer o meu bolo?

CARONTE

Isso não é comigo.

FIGADOS DE TIGRE, desembarcando

Agora é que vão ser horrores! Até aqui foi tudo pão com mel! (Passando com muito receio pelo cão.) Chega-te para lá!... (Salta para o lado e vê Tantalo.) Oh! com os diabos... um homem no banho! Ó senhor, quer para ahi a sua roupa?

TANTALO

Cale-se, pedaço d'asno; vossê não vê, que eu estou no meu supplicio?

FIGADOS DE TIGRE

Perdôe, que eu não sabia. (Vendo Sisypho.) E aquelle senhor?

TANTALO

É o meu collega Sisypho.

FIGADOS DE TIGRE

Que diabo anda elle a fazer?

TANTALO

Anda a soffrer o castigo dos seus crimes, que é rolar perpetuamente aquella pedra para o alto da montanha.

FIGADOS DE TIGRE

Não é má pechincha! Mas porque motivo a traz elle para baixo ás costas? Se fosse eu, largava-a lá de cima.

TANTALO

Assim se fazia d'antes; porém, com o andar dos tempos, reconheceu-se que podia aleijar alguem, e fez-se esta innovação.

FIGADOS DE TIGRE

Acho muito bem entendido. E vossemecê, que faz ahi dentro d'essa tina?

TANTALO

O que faço? Nunca ouviu fallar no supplicio de Tantalo?

FIGADOS DE TIGRE

Tenho ouvido.

TANTALO

Pois é isto. Quando quero comer, fogem-me as bananas; quando quero beber, secca-se-me a agua.

FIGADOS DE TIGRE

Coitado! E porque lhe fizeram isso?

TANTALO

Calumnias... injustiças... Os meus inimigos politicos accusaram-me de ter dado meu filho a comer a Jupiter, uma vez que este foi jantar a minha casa.

FIGADOS DE TIGRE

Infames! E vossê estava innocente?

TANTALO

Innocentissimo!

FIGADOS DE TIGRE, áparte

Ora vejam! talvez eu matasse Pilatos sem elle ser culpado?... as apparencias... (Alto.) E aquelle?

TANTALO

Sisypho?... hum... rosna-se por ahi, que

não foi muito boa peça... valha a verdade; não sou eu que o digo. Elle affirma, que o condemnaram por ter sido sempre um homem de bem.

FIGADOS DE TIGRE, áparte

Que esperanças para mim! Já dois innocentes condemnados! (Alto.) Diga-me, porque se não levanta d'ahi?

TANTALO

Conveniencias da scena!... é preciso que eu esteja sentado.

FIGADOS DE TIGRE

E não come nunca? Como póde viver assim?

TANTALO

Vossê não vê que eu estou morto, homem? Isto é a minha sombra.

FIGADOS DE TIGRE, cedendo ao raciocinio

Não me lembrava. Quem o ouve fallar... e o vê com esse appetite!

SCENA X

FIGADOS DE TIGRE, TANTALO, SISYPHO, CARONTE, no barco, PROMETHEO, ATREO, EURYDICE, ORPHEO, SOMBRAS, na margem do mundo

PROMETHEO, correndo para Figados de Tigre

Um homem?! Um homem vivo! (Ao Imperador.) Anda, move-te, meche essas pernas, volta-te, levanta os braços... falla!... falla, que t'o ordena o teu senhor e o teu Deus! Fui eu que te fiz.

FIGADOS DE TIGRE, áparte

Este diabo não vem bom da cabeça!...

PROMETHEO

Tu não me conheces? Sou Prometheo; eu fabriquei os primeiros homens; eram compostos de barro e agua... roubei o fogo do céo para os animar; e Jupiter, invejoso da minha gloria, mandou-me comer o figado por um abutre. Agora, ando por aqui a passear sem figado!

FIGADOS DE TIGRE

E fizeste homens como eu?

PROMETHEO

Homens admiraveis! muito melhores do que tu; magnificos!...

FIGADOS DE TIGRE

E por uma acção tão nobre comeram-te o figado?! (Aparte.) Outra victima da injustiça! Homem de bem, e com tamanha habilidade! (Alto.) Sympathiso comtigo; dá-me um abraço.

Indo para o abraçar.

PROMETHEO

Não vês, que sou uma sombra?!...

FIGADOS DE TIGRE

É verdade! Eu logo vi que um homem d'estes, só por sombras!

EURYDICE, ao longe

Orpheo? querido Orpheo?

ORPHEO, com uma gaita de folles

Deixa-me, Eurydice, eu já te não quero.

Depois que morreste segunda vez, perdi o gosto ás mulheres... Agora contento-me com beber cachaça.

EURYDICE

Toca-me ao menos um bocadinho de gaita de folles, para me consolar.

ORPHEO

Isso sim, posso-t'o fazer.

Preparando a gaita.

FIGADOS DE TIGRE

O senhor é o grande musico Orpheo?

ORPHEO, medindo-o com olhar desdenhoso

E o senhor quem é? Aposto que toca trombone?

FIGADOS DE TIGRE

Não tenho essa honra.

ORPHEO

Ah! quem sou eu?!... Os meus triumphos assombraram os homens e os deuses. Os sons da minha lyra comoviam os proprios agiotas, embora fossem barões ou

commendadores! E até alguns estadistas deram signaes de enternecimento, ouvindo-me tocar... na sua corda sensivel! Depois! (Suspirando.) Ah!

FIGADOS DE TIGRE

Querem ver, que lhe fizeram tambem alguma injustiça?!

ORPHEO

É verdade; sou victima da inveja dos deuses!

FIGADOS DE TIGRE, áparte

Decididamente não ha no inferno senão pessoas de bem! Passo a offerecer-lhes uma pitada, como demonstração de sympathia e para lhes deixar uma recordação agradavel... (Apalpando as algibeiras.) Eu trouxe a minha caixa de prata... (Olhando para o caes, onde tinha deixado a bagagem.) E o meu sacco de noite?... E o guarda-chuva?... Safa, que os taes sujeitos calumniados, são uma suoia de ladrões!

Parte a correr, com o resto da bagagem, e enfia pela porta do palacio de Plutão.

SCENA XI

TANTALO, SYSIPHO, PROMETHEO,
ATREO, ORPHEO, EURYDICE, CARONTE,
no barco, SOMBRAS, na margem do mundo

PROMETHEO, tirando do bolso uma caixa de prata e tomando uma pitada.

Pois. senhores, não é mau este meio grosso!

ATREO, mettendo os dedos na caixa e tomando uma pitada

Foi vossê que lhe roubou a caixa?!

TANTALO

Dá-me uma pitada, por favor. Já era tempo de apanhar-mos uma distração!

ORPHEO

Uma pitada? Desgraçado!... não te lembras de que te não é permittido, porque estás no supplicio?

TANTALO

É verdade; (Sae da tina) dá-m'a agora.

Pega na caixa, que lhe offerece Prometheo, toma uma pitada e guarda a caixa

PROMETHEO

Olha, que te esqueces de me restituir a minha caixa?

TANTALO, mettendo-se na tina

Continue a massada, que eu já cá estou outra vez!

Recomeça o movimento da bananeira com elle.

ATREO

Repara, que não entregaste a caixa aqui ao nosso amigo.

TANTALO, com o copo ás bicas

Ladrão, que furta a ladrão, tem cem annos de perdão; e cem annos não são para desprezar n'esta situação estupida!

EURYDICE, de longe

Orpheo, querido Orpheo?...

ORPHEO

Agora não te posso dar corda.

SCENA XII

ORPHEO, EURYDICE, ATREO, SISYPHO, TANTALO, PROMETHEO, CARONTE, no barco, DISCORDIA, SOMBRAS, na margem do mundo

DISCORDIA

Bons dias, cavalheiros.

TANTALO, levantando-se e cumprimentando-a

Minha senhora dona Discordia...

Todos a cumprimentam.

SYSIPHO, pondo a pedra ao pé do monte

Desculpe v. ex.ª vir eu n'este estado apresentar-lhe os meus respeitos... mas, ando no meu picadeiro...

DISCORDIA

Não faça cerimonia, senhor Sysipho.

Vae para lhe apertar a mão.

SYSIPHO, vendo que tem as mãos sujas

Perdão!... (Correndo á tina de Tantalo e lavando as mãos dentro d'ella.) Dás-me licença, collega?

TANTALO

Lavas as mãos cá dentro?! Não vês, que é agua de beber?

SYSIPHO, limpando as mãos ao fato

Mas se tu não a bebes, que te importa?

DISCORDIA, passeando por entre os outros personagens

Quem ha ahi que seja assás amavel para me dar hoje de jantar?

TODOS

Eu!

DISCORDIA, mostrando-lhes uma laranja

Apenas tenho este pomo para a sobremesa. Affirmam os diccionarios mythologicos, que elle é de oiro; mas esta asserção é feita para deprimir os creditos de Juno, Pallas e Venus, que o disputaram nas bodas de Peléo e de Thetis. As deusas não cobiçam o vil metal, como algumas mulheres do mundo terrestre. A disputa foi devida a ter este fructo pertencido a Jupiter e a Marte, que, como todos sabem, são dois grandes maganões, que as divindades não detestam. Outr'ora dei-o á mais formosa; agora offereço-o ao mais velhaco.

Atira a laranja a rolar pelo chão.

TODOS, precipitando-se após o fructo

Sou eu!

ATREO, apanhando-o

Fóra, charlatães!

TODOS

Elle?!

TANTALO

Sejamos justos; se é verdade, que déste a comer a teu irmão o seu proprio filho, assado no forno como um leitão?...

ATREO, interrompendo-o

Não foi assado, foi frito.

EURYDICE, ao longe

Orpheo? querido Orpheo?...

ORPHEO

Faze favor de não me apouquentares mais!

SCENA XIII

TANTALO, ORPHEO, SYSIPHO, ATREO, DISCORDIA, PROMETHEO, EURYDICE, CRIME, CARONTE, no barco, SOMBRAS, na margem do mundo

SOMBRAS, cantando; musica popular da chula minhota

Oh, rio de amargo pranto,
Feito com tanto chorar;

Sobre as tuas aguas tristes
Quem me dera já passar!

CARONTE, ás sombras

Leva rumor, que eu quero dormir!

Deita-se no barco.

CRIME, com um garrafão e um feixe de punhaes; vem de casaca preta e luvas brancas

Viva a illustre rapaziada!

TODOS

O Crime.

CRIME

É verdade, sou eu; constou-me, que havia hoje visitas cá em baixo e venho ver se faço algum negocio. O commercio está precario; já não vem para o inferno senão gente muito fina e muito honrada! (Apregoando.) Quem quer veneno de todas as qualidades, que mata sem deixar signal? Quem quer punhaes, facas, pistolas, navalhas de ponta e mola, e varias outras machinas de patifaria, por grosso e miudo?!

SCENA XIV

TANTALO, SYSIPHO, ORPHEO, EURYDICE, PROMETHEO, DISCORDIA, ATREO, CRIME, D. QUIXOTE, dois CABOS DE POLICIA, CARONTE, no barco, SOMBRAS, na margem do mundo

D. QUIXOTE, correndo, com o escudo embraçado e a lança em riste

Arrombei a porta aos condemnados e vae tudo raso com elles! Plutão hade ver-se quente para os apanhar outra vez!

Foge.

TANTALO, saltando pela tina fóra

Valha-me o pae Tartaro! Fizestel-a bonita, patife!

CABOS DE POLICIA, correndo após D. Quixote

Agarra!...

Apitam e seguem-n'o; todas as personagens, que estão na scena do inferno, partem a fugir.

SCENA XV

PLUTÃO, PROSERPINA, FIGADOS DE TIGRE, CARONTE, no barco, SOMBRAS, na margem do mundo

PROSERPINA, de braço dado com Figados de Tigre, trás ao peito um ramo de carvalho com folhas e fructos de oiro

Querido Figados de Tigre, o teu negocio concluiu-se perfeitamente.

FIGADOS DE TIGRE

Grande e illustre dona Proserpina, se eu não precisasse da vida, para fazer a felicidade da minha familia e do meu povo, desejaria morrer — para ficar sendo a tua sombra.

PROSERPINA

Teu irmão tinha que esperar cem annos da outra banda, por ter morrido assassinado; mandou-se-lhe propôr, que te perdoasse a morte, com a condição de nós o despacharmos para um logar vago nos campos Elysios; elle acceitou a proposta, assignou um protocólo e já foi tomar posse do seu novo emprego, de Sombra feliz.

FIGADOS DE TIGRE, beijando-lhe a mão

Sabes que mais? Sinto-me tão grato, que estou capaz de assassinar o Plutão para... o patife já é velho; tem sido rei muitos annos e os povos infernaes devem estar aborrecidos de o aturar?...

PROSERPINA

Cala-te, imprudente! Olha que elle póde ouvir-te...

FIGADOS DE TIGRE

Que me importa?

PROSERPINA

Este ramo de oiro, que te permittiu achares o caminho dos infernos, ficará para sempre comigo, como lembrança do mortal querido que o trouxe...

FIGADOS DE TIGRE

Não digas mais nada, se não assassino já teu marido! Ha muito tempo que não mato ninguem; e, chamando-me Figados de Tigre, sinto que tenho feito em tudo isto um papel tristissimo. Sou um verdadeiro tyranno de farça! Para me consolar, mostra-me os campos Elysios, se acaso esse favor póde ser concedido a um mortal. Visto que estou aqui tão perto, não se me dava de os ver, ainda que fosse por um oculo.

PROSERPINA

Vamos logo para lá tomar café.

Começam a passar muitas sombras, que vão fugindo.

PLUTÃO

Que é isto?

UMA SOMBRA

D. Quixote arrombou a prisão dos comdemnados.

Foge.

PLUTÃO

Ai! o tratante, que nos metteu em boa!

FIGADOS DE TIGRE

Ha perigo, hein? Estamos perdidos?! Quem me mandou cá vir?! E agora me lembro, que não posso exercer a minha ferocidade, porque tudo isto são sombras de gente!...

PROSERPINA

Fuja! fuja! Venha comigo; vou fechal-o a cadeado n'um escaninho, onde tenho as minhas pomadas e fluidos transmutativos...

FIGADOS DE TIGRE, resistindo

Fechar-me a cadeado?!

PROSERPINA, arrastando-o

É o unico meio de o salvar! Ha lá tão mau cheiro, que nem mesmo o maior damnado se atreverá a approximar-se.

FIGADOS DE TIGRE, querendo escapar-lhe

Mas isso é uma judiaria!

PROSERPINA, levando-o á força

Eil-os ahi; fujamos!

Entram no palacio.

PLUTÃO

Agora vão lá apanhar os que se metteram nos pinhaes! (Gritando.) Um corneta! Venha aqui já um corneta!

SCENA XVI

PLUTÃO, um CORNETA,
CARONTE, IMPERATRIZ, PEDRO, LUIZ,
JOANNA, INFANTE, SOMBRAS

CORNETA, fazendo continencia militar

Meu commandante?

PLUTÃO

Toca á chamada.

CORNETA

Prompto.

Faz o toque militar de signal para reunir.

CARONTE

Aqui vae a familia do Figados de Tigre.

PLUTÃO

Quem diabo te mandou trazer cá essas empadas?

LUIZ

Empadas? Veja lá como falla, pedaço de camello!

PEDRO

Encosta! encosta o bote, que eu já ensino aquelle bruto! Saiba que nós somos gente que se trata e que se estima...

LUIZ, segurando Pedro

Espera, mano, espera; não te deites a perder! É necessario ter prudencia n'estes sitios. Ainda que isto seja um inferno de pano e papelão pintado, nunca é bom abusar, porque andamos sobre alçapões.

INFANTE

Oh! infeliz de mim, que tenho dois paes!

PEDRO

Não te queixes, filha; o que sobeja a uns,

falta aos outros. Aqui estou eu, que não tenho nenhum.

PLUTÃO

Ninguem acode á chamada!... Estamos bem aviados! Ah! uma idéia! (Ao Corneta.) Vae procurar Orpheo e dize-lhe, que venha já, já, fallar-me. (O Corneta sae a correr; a Caronte.) Deixa desembarcar esses patetas!

Entra em casa.

PEDRO, querendo saltar

Eu desgraço-me com aquelle mariola!

CARONTE

Desembarque e deixe-se de valentias! Não tenham medo do Cerbero; com estas trapalhadas, que hoje tem havido, não se lembrou ninguem de lhe dar de comer e o infeliz está quasi a morrer de fome!

Todos desembarcam; Caronte conduz o barco para a margem do mundo, a orchestra toca a marcha da opera o *Propheta.*

TODOS, cantando em côro

Dizem que os povos do inferno
São as sombras dos ladrões,
Que foram durante a vida
A flôr de muitas nações.

Quer seja assim, quer não seja,
Cuidado co'as algibeiras ;
Que as sombras, se não são ladras,
Protegem as ladroeiras.

SCENA XVII

IMPERATRIZ, PEDRO, INFANTE,
LUIZ, JOANNA, FIGADOS DE TIGRE,
CARONTE, no barco, SOMBRAS

FIGADOS DE TIGRE, sae do palacio a correr

Irra ! com a tal mania de me quer fechar na gaveta das mézinhas !... (Vendo os outros.) A minha familia aqui !...

Corre para os abraçar.

IMPERATRIZ

Detem-te, desgraçado ! tu já não tens familia.

FIGADOS DE TIGRE

Não tenho familia ? !

IMPERATRIZ

Não. (Chorando.) Eu nunca fui tua mulher... (Indicando a Infante.) Esta não é nossa filha... (Soluçando.) Quanto a Pedro... esteve para ser

nosso filho... mas... é filho de gente estranha.

FIGADOS DE TIGRE

Oh! mulher?... olha bem para mim! A vista do inferno não te transtornou a cabeça?

Imperatriz, chora sem responder.

LUIZ

Isso é uma historia muito comprida, que se não póde contar aqui.

FIGADOS DE TIGRE, a Joanna

E tu?

JOANNA, tirando um capotindo com que vinha embuçada

Eu é que sou a Imperatriz; e convido-os para um jantar no meu palacio, quando sairmos d'aqui.

Canta; musica do brinde da opera *Traviata:*
libiamo ne lieti calice

Partamos! no illustre solio
Eu já imagino ver-me;
E o povo a receber-me
Com festas e saraus!
E um regimento de principes,
Me faz mil gatimanhos;

E engrossam-se os rebanhos
Dos miseros pataus!

A orchestra toca a musica dos *Lanceiros*, no numero final e mais rapido.

TODOS, cantando e dançando

Ton, toron, toron, toron, toron;
Tin, tarin, tarin, tarin, tarin;
Ton, tiron, tiron, tiron, tiron;
Tin, tirin, tirin, tirin, tirin.

Param repentinamente.

FIGADOS DE TIGRE, a Joanna

De que modo és tu Imperatriz?

JOANNA

No dia do nosso casamento, fui roubada por uns piratas, que deixaram esta mulher em meu logar; ella parecia-se muito comigo n'esse tempo...

FIGADOS DE TIGRE

Que horror! Então os meus filhos de quem são filhos?

JOANNA

De ninguem.

FIGADOS DE TIGRE

Maldição! (Á Imperatriz.) E tu quem és?

IMPERATRIZ

Eu? espera... deixa ver se me lembro... Não sei; já não acho o fio da meada!

FIGADOS DE TIGRE

N'esse caso, vamos separar-nos todos?

LUIZ

É para isso que nos reunimos aqui.

FIGADOS DE TIGRE, furioso

Pois bem! uma vez que eu fico sem familia, tambem outros não hão de gozar-se da que foi minha! (Correndo á roda da scena.) Emprestem-me um machado, um chuço, um espeto, qualquer coisa, que sirva para matar os meus ex-parentes!

Todas as outras personagens começam a querer esconder-se d'elle, com medo

LUIZ

Suspende, tyranno! olha que ha uma justiça, que pune os criminosos!

FIGADOS DE TIGRE

Que me importa a justiça? Não póde fa-

zer nada peior que mandar-me para o inferno e eu já cá estou.

SCENA XVIII

FIGADOS DE TIGRE, IMPERATRIZ, PEDRO, INFANTE, LUIZ, JOANNA, CRIME, CARONTE, SOMBRAS

CRIME, correndo

Aqui tem o que precisa.

FIGADOS DE TIGRE, tirando-lhe um punhal e correndo para a Infante

Morre!

Fere-a no peito.

INFANTE, caindo

Ui! ui! ui! ui! ui! ui! ui! Lembre-se, que já foi meu pae!

IMPERATRIZ, ajoelhando

Pensa, que foste meu marido!

FIGADOS DE TIGRE, ferindo-a

Morre!

Imperatriz cae, correndo-lhe muito sangue do golpe.

IMPERATRIZ

Ai! ai! ai! ai! ai! ai! ai! ai!

JOANNA

Ó senhor Figados de Tigre, tenha dó de mim, que estava para ser imperatriz! (Figados de Tigre fere-a; Joanna cae, deitando tambem muito sangue pela ferida.) Oi! oi! oi! oi! oi! oi! oi! oi!

PEDRO

Covarde! assassino de mulheres inermes! Se eu tivesse aqui a minha espingarda, tu não mangavas comigo!

FIGADOS DE TIGRE

Põe-te lá a geito, anda!

Pega-lhe por um braço e vae para cravar-lhe o punhal debaixo do sobaco

PEDRO

Ahi d'esse lado, não; porque já tenho outro golpe, que me fez o Luiz Gregorio. (Levantando o outro braço.) Mata-me d'aqui. (Figados de Tigre fere-o, Pedro cae repuchando sangue.) Ei! ei! ei! ei! ei! ei! ei! ei!

CRIME, pulando de contente

Isto é que é festa! Nunca vi uma patuscada tão boa!

FIGADOS DE TIGRE, correndo sobre elle

Sim? Pois has de ter a tua parte!

Rasga-lhe a barriga com uma punhalada.

CRIME, segurando a barriga para lhe não caírem os intestinos

Ai! as minhas tripas! ai as minha tripas, que me caem! (Mettendo-se na tina de Tantalo.) Deixe-me metter aqui dentro, para não as espalhar pelo chão! (Cae dentro da tina.) Aiiii!

LUIZ, a Figados de Tigre

Matas-te o Crime! Não ha tratante, que não tenha alguma coisa boa!... Fizeste um grande serviço á humanidade e por isso me resolvo a deixar-me matar tambem. (Offerecendo-lhe o peito do lado do coração.) Faze isso com habilidade e não me estragues a carne. Vá!

Figados de Tigre enterra-lhe o punhal no coração, rebenta um repucho de sangue da ferida, que bate nos olhos de Figados de Tigre e cega-o.

FIGADOS DE TIGRE, largando rapidamente o punhal e tapando os olhos com as mãos

Ai! que me cegaste!

LUIZ, passeando pela scena com a mão a comprimir a ferida, que repucha sangue com extraordinaria força

Puniram-te os deuses! E eu aqui fico agora com um chafariz no peito! Quando acabará isto de correr?!

SCENA XIX

FIGADOS DE TIGRE, IMPERATRIZ, INFANTE, PEDRO, JOANNA, LUIZ, PLUTÃO, PROSERPINA, ORPHEO, PROMETHEO, SISYPHO, TANTALO, ATREO, DISCORDIA, D. QUIXOTE, EURIDYCE, CARONTE, CONDEMNADOS, SOMBRAS, CRIME, morte na tina. A orchestra toca a musica do côro do Cemiterio, da opera *Roberto do Diabo*. Um nevoeiro encobre todo o theatro, desde a margem dos infernos até á margem do mundo

TODOS, cantando em côro

Isto já cheira a massada,
E é bem tempo de acabar;
Antes que uma pateada
Faça o inferno desabar.

PLUTÃO, vendo os mortos

Que diabo fazem estes sandeus aqui estirados?

PEDRO, erguendo a cabeça

Oh insolente! Vossê não vê, que estamos mortos?

LUIZ, esguichando-lhe sangue da ferida para a cara

Fomos assassinados, aqui por este senhor.

PLUTÃO

Olha que me estragas o fato! (Olhando para o chão.) Vossês sujaram-me o inferno de sangue! Não se podiam ir matar alli para o rio? (Gritando.) Ó lá de baixo?! Eh! Vulcano?! Manda fungar esses vulcões, para enchugar isto cá em cima.

Os vulcões começam a deitar lavas, que vão augmentando gradualmente; a agua das bicas do chafariz torna-se em fogo e corre com mais rapidez.

EURYDICE, de longe

Orpheo, querido Orpheo, toca-me um bocadinho de gaita de folles; faze-me esse favor!

ORPHEO, mettendo a gaita na bocca

Lá vae, mulher, lá vae!

PEDRO, levantando-se

Oh! com os diabos, que calor! Não se

póde estar morto no chão! (Todos os outros se vão erguendo e saccudindo o pó dos fatos.) Vamos-nos embora?

PLUTÃO

Consinto, que se vão; não morrerão d'esta vez, porque desejo que levem grata lembrança da visita que me fizeram.

LUIZ

E as nossas feridas?

PEDRO

Eu tenho uma brecha enorme na cabeça e outra no sobaco!

PLUTÃO

Manda-se recado ao Faz-Tudo, para que lhes venha deitar uns gatos e ficam concertados para viverem ainda alguns annos.

FIGADOS DE TIGRE

Eu sinto-me bom da vista... Mas de que me serve ir para a terra, se já não tenho familia?!

PROSERPINA

É melhor ficarem todos como estavam, antes de ter começado o enredo.

Todas as personagens terrestres se consultam com a vista.

PEDRO

Parece-me acertado... Eu caso com a Infante; esta senhora, continua a ser Imperatriz e esposa do incomparavel Figados de Tigre...

LUIZ

Mas é que eu estava morto, quando a peça começou, e não quero tornar para o fundo do rio, com aquella pedra que sabem ao pescoço.

PEDRO

Tu casas com Joanna.

LUIZ, olhando para está

E ella quer?

JOANNA

Se isto acaba melhor assim?... O que eu quero é casar, seja com quem fôr.

FIGADOS DE TIGRE, dando o braço á Imperatriz

Então vamos d'aqui.

JOANNA, dando o braço a Luiz

Chamem o bote.

PEDRO, dando o braço á Infante e olhando para o rio

Eia que nevoeiro! Esperemos um instante a ver se aclara.

PLUTÃO, a D. Quixote

Porque soltaste os condemnados, patife?

D. QUIXOTE

Porque tu querias suppliciar o Miguel de Cervantes.

PLUTÃO

Toleirão! Eu havia de condemnar um homem, que fez de ti tão grande pedaço d'asno? Já o mandei para os campos Elysios.

D. QUIXOTE, abaixando a lança

Então perdôa; nunca mais tórno a pedir-te a Dulcinea.

PLUTÃO

E os condemnados?

D. QUIXOTE

Estão aqui todos; ouviram tocar mestre Orpheo e resignam-se a voltar para as suas prisões.

PLUTÃO

Pois que se vão; e, para recompensal-os da sua obediencia, ordeno, que lhes dêem chispe com ervas para a cêa.

TANTALO

Eu não posso ir para a minha obrigação, porque está um homem dentro da tina, com as tripas de fóra!

PLUTÃO

Não trabalhes hoje mais; dou feriado, para festejar a morte do Crime e a presença d'estes estrangeiros.

EURYDICE

Orpheo, querido Orpheo! Toca-me um bocadinho de gaita de folles, por favor!

ORPHEO

La vae, mulher, lá vae; bem vês que era preciso dar esta satisfação ao publico.

Toca a gaita de folles, que a orchestra acompanha, e marcha por detrás do palacio de Plutão, seguido pelos condemnados e mais sombras. Os vulcões e as bicas da fonte vomitam grandes lavas, que assustam todos os personagens, menos Plutão e Proserpina; depois extinguem-se completamente.

SCENA XIX

PLUTÃO, PROSERPINA,
FIGADOS DE TIGRE, IMPERATRIZ, PEDRO,
INFANTE, LUIZ, JOANNA

PLUTÃO

Estrangeiros, ide-vos embora; este negocio já vae enfastiando... Mas, antes de partirdes, dizei-me se tendes gostado?

FIGADOS DE TIGRE

Não podemos dar a nossa opinião, antes de vermos os campos Elysios. Leva-nos lá e depois fallaremos.

PLUTÃO

Ides vel-os. (A Proserpina.) Mulher, vae dizer que póde apparecer a vista dos campos Elysios. (Proserpina sae.) Vinde comigo; se não gostardes, calae-vos; se gostardes, applaudi; é um favor que me fazeis.

O pano cae e torna a subir logo que se faz a mutação; a orchestra toca durante ella

---

SEXTO QUADRO

Campos Elysios, ou logar das almas bemaventuradas, segundo a mythologia grega. Vergeis deli-

ciosos, cheios de fructos e flores de especies raras e maravilhosas. Quedas d'agua despenhando-se de grandes alturas. Redes de dormir, á moda do Brazil, atadas nas arvores. Bilhares, mesas de pedra, pianos, harpas e todos os instrumentos musicos, que se conhecem. Sophás e poltronas estofadas; estantes com livros; cavaletes para pintura; um jogo de bola e outro de chinquilho. Á esquerda, no primeiro plano, uma taberna de gallegos. Ao centro dos jardins um poste com este letreiro: É PROHIBIDO APANHAR FLORES E FRUCTOS; OLHAR, SEM TOCAR.

SCENA XX

SOMBRAS, de todos os tamanhos e feitios, vestidas phantasiosamente. Umas estão deitadas nas redes, dormindo ou baloiçando-se; outras, fumando em cachimbos ou charutos; algumas, tomam café, vinhos, licores, ponche queimado; jogam cartas, bilhar, e todos os jogos conhecidos; lêem livros e jornaes; desenham, pintam, tocam differentes instrumentos, dançam e cantam; diversas estão recostadas nos sophás e poltronas, conversando; e todas, finalmente, se occupam nos passatempos, que mais lhes agradaram em vida e que, na terra, compõem o quadro dos prazeres humanos. Na taberna, varias sombras de gallegos, comendo; e á porta uma sombra, assando castanhas, n'um assador de barro em cima de um fogareiro.

SOMBRAS, pouco depois de subir o pano, cantam; musica do côro das cruzes, da opera *Fausto*

Tambem o gozo enfastia,
Sendo o mesmo sem mudança;
E aqui nem uma esperança
Nos corta a monotonia!

Repete-se o côro; depois a orchestra toca a marcha da opera *Marco Visconti*, emquanto as personagens, que entram de novo, percorrem os Campos Elysios, admirando o que vêem.

SCENA XXI

PLUTÃO, PROSERPINA, FIGADOS DE TIGRE, IMPERATRIZ, INFANTE, PEDRO, JOANNA, LUIZ. **Os instrumentos continuam a tocar em surdina.**

IMPERATRIZ

Ai! como é bonito!

INFANTE

Ó Pedro, apanha-me uma flôr, d'essas maiores, para eu levar uma lembrança tua dos Campos Elysios.

PEDRO

É prohibido, Elisa... quero dizer: Thomasia; — que eu já não sou poeta; visto que vou casar-me, passo a ser pateta.

LUIZ

Vejo alli uma taberna, que estava antigamente ao pé do Gymnasio! E, por signal, que eu costumava ir lá beber o meu meio, nas noites em que figurava de comparsa!

PLUTÃO

Os gallegos — porque tambem para cá véem alguns — declararam, que não podiam passar sem gravanso e por isso lhes dei a tasca. Vae lá muita gente fina!

FIGADOS DE TIGRE

Sim, sim! (Aparte.) Eu mesmo, não se me dava de tomar agora uma pinga, se não fosse a responsabilidade da minha posição!

PLUTÃO

Vae anoitecendo; se vos fecham as portas, nunca mais podereis sair do inferno; ponde-vos a caminho quanto antes.

SCENA XXII

PLUTÃO, PROSERPINA,
FIGADOS DE TIGRE, IMPERATRIZ, PEDRO,
INFANTE, LUIZ, JOANNA, UMA SOMBRA

SOMBRA, a Plutão

O Sol manda perguntar que horas são e

pede licença para se ir deitar; diz que anda muito adoentado e que lhe parece que tem sezões, porque está tiritando com frio!

PLUTÃO

Pois que vá tomar um escalda-pés; e dize á Noite, que pode sair, e que, attendendo a eu ter visitas, pode vir estrellada e trazer Lua Nova.

A Sombra vae-se.

FIGADOS DE TIGRE, apertando as mãos a Plutão e a Proserpina

Adeus; e obrigado por tudo.

PLUTÃO

Espera; já agora deixa passar o Sol e vae por este lado, que é mais perto.

SOMBRAS, cantando em côro, a musica já citada

Tambem o gozo enfastia,
Sendo o mesmo sem mudança;
E aqui nem uma esperança
Nos corta a monotonia!

ULTIMO QUADRO

Emquanto se canta o côro, passa um grande fóco luminoso, cobrindo toda a largura do theatro; durante a sua passagem, desapparece o pano,

que formava o fundo do quadro anterior, e vê-se ao meio do theatro o rio Acheronte, a prisão dos condemnados e ao longe as margens do mundo.

SCENA ULTIMA

Após momentanea escuridão, que succede á passagem do SOL, apparece o ceo azul, povoado de ESTRELLAS brilhantissimas; a LUA NOVA, vem surgindo por detrás da prisão dos condemnados e alumia explendidamente todo o theatro. As margens do mundo estão cobertas de SOMBRAS, desde o caes até os cimos dos montes, todas com os braços estendidos, em gesto supplicante, para os Campos Elysios. Ao meio do rio, CARONTE, deitado no barco. Nos Campos Elysios, PLUTÃO, PROSERPINA, FIGADOS DE TIGRE, IMPERATRIZ, PEDRO, INFANTE, LUIZ, JOANNA, SOMBRAS. As personagens terrestres olham com admiração para as margens do mundo e para tudo quanto as rodeia

SOMBRAS, cantando, nas margem do mundo; musica melancholica, suave e saudosa, que se ouve como de grande distancia

Triste é viver d'esp'rança
Colhendo, anno após anno,
Por premio, o desengano
Do bem, que não se alcança!

SOMBRAS, nos Campos Elysios, musica do côro das cruzes, já citado

Tambem o gozo enfastia,
Sendo o mesmo sem mudança;

E aqui nem uma esperança
Nos corta a monotonia !

A orchestra toca repentinamente ora o *fado,* ora a *polka-mania,* ora o tango da zarzuella *El Joven Telemaco:* Me gustan todas. — Todos os personagens da peça, Homens, Mulheres, Deuses e Sombras, rompem n'uma dança furiosa uns com os outros; Caronte dança dentro no barco, Figados de Tigre, dança com Proserpina, Plutão, com a Imperatriz, etc., etc.; o pano cae.

NOTAS E ESCLARECIMENTOS

NOTAS E ESCLARECIMENTOS

I

... andava, desde muito tempo, com desejos de escrever uma peça, que, sem eu saber, rastejava pelos seus sonhos.

Pag. 12 — *linh.* 11

Havia dois annos que Garrett tinha fallecido, quando eu escrevi esta peça. Não ousei fazel-a em sua vida, porque, tendo-lhe communicado o projecto d'ella, elle condemnou-o, aconselhando-me, que não perdesse nunca o tempo com similhantes obras. Desde setembro de 1854 até dezembro de 1856 resisti á tentação; o espirito do mestre parecia pairar ainda em torno a mim, trazendo-me á memoria os conselhos, que elle me tinha dado. Mas o tempo, e a triste fraqueza humana, que já no Paraiso perdera Adão e Eva, venceram, por fim, a prudencia que me detinha, e o *Figados de Tigre* surgiu do meu cerebro sorrindo á aurora do carnaval de 1857. O maior castigo para

os que desobedecem á voz da razão e da amisade, está na consciencia das proprias faltas. A minha obra foi festejada por muita gente; mas eu sinto, que não devia tel-a escripto...

II

Se elle tivesse vivido assás para conhecer o general Boum, estou que faria a si proprio uma ovação, pelo ter adivinhado doze annos antes.

Pag. 15 — *linh.* 21

Um dos personagens da minha peça vinha vestido quasi como o da *Grã-Duqueza de Gerolstein*. Mas o que hoje agrada e se acha comico, pareceu então desengraçado a algumas pessoas, que accusaram o ensaiador de falta de gosto no vestuario do *Figados de Tigre*. A questão era de tempo!

III

... haver conseguido que me applaudissem, sem eu ter recorrido a meios licenciosos.

Pag. 16 — *linh.* 20

Se a alguem parecer o contrario, lembro, que nada ha n'esta peça que não seja ironico, simulado, burlesco, zombeteiro e

caricato. As trocas de mulheres, as complicações de parentesco e de enredo, são puros gracejos—parodias de peças—que julgo desnecessario citar, onde se vêem ao sério muitas d'estas embrulhadas.

IV

... a critica terá pouco que occupar-se d'ella.

Pag. 17 — *linh.* 6

A critica póde occupar-se de todas as obras, que se expõem ás provas publicas; o que eu queria dizer era que não valia a pena occupar-se com esta. Não é o desejo de me esquivar a qualquer apreciação severa quem dita estas palavras; é a consciencia que tenho de que as composições d'este genero não podem ser julgadas se não como simples brincadeiras. Assim o entendeu, entre outros jornalistas que me fizeram o favor de dar noticia das representações do *Figados de Tigre*, um esclarecido estrangeiro, que dirigia o jornal francez *Le Lisbonnin*, no seu numero 7, de 10 de fevereiro de 1857. Transcrevo o artigo, não

por algumas phrases de louvor, que elle contém, mas para testemunhar a boa fé com que acceito a apreciação:

« *Le Mélodrame des Mélodrames. Folie carnavalesque en sept tableaux, par M. Gomes de Amorim.*

Saisir le fil d'une intrigue aussi folle, aussi multiple, aussi décousue, aussi extravagante, aussi originale, aussi complexe, aussi drôle, aussi sérieuse, aussi embrouillée, aussi... que dirons-nous? est bien assurément la prétention la plus irréalisable, qui puisse venir à l'imagination d'un critique, de quelque pays qu'il soit. Certes, si la Fortune, plus libérale, nous eut doté de quelques centaines de mille livres de rente, nous ne croirions trop faire dans l'intérêt des lettres, en mettant à prix, non pas la tête (ce serait trop cher!), mais bien au moins, l'idée de l'auteur.

Mais puis qu'il en est autrement; sans nous creuser plus long-temps la cervelle, à chercher le plan général de l'ouvrage; plan qui peut-être n'a jamais existé, (et c'est

là son mérite !) — nous le déclarons indéfinissable, et ferons comme la plupart de nos collègues, *qui ont rendu parfaitement compte de la pièce, sans cepandant en dire un seul mot.*

Un mot! ah! pardon! — Nous pouvons au contraire en citer plus d'un, et des plus drôles. Car cette farce, cette folie carnavalesque, comme on la nomme, a le mérite d'en contenir de fort sensés, ma foi. M. Gomes de Amorim, dont le talent s'est révélé et développé, dans des ouvrages d'une tout autre valeur et d'une tout autre portée littéraire, n'a peut-être pas remporté dans celui-ci, tout le succès, auquel ses triomphes précédents lui donnaient le droit de prétendre. C'est pour lui, d'après notre opinion, une véritable bonne fortune. Nous ne voyons jamais sans quelque chagrin, le mérite élevé se dévoyer, et chercher dans des régions du second ordre, des applaudissements qu'il peut obtenir en plus haut parage.

Tel brille au PREMIER rang, qui s'éclipse au second.

Quoiqu'il en soit, et comme nous venons

de le dire, l'auteur, tout en n'ayant pas complètement réussi dans un genre aussi inférieur au sien, n'a pu s'empêcher toutefois, de laisser passer le petit bout d'oreille de l'homme d'esprit que nous connaissons. Les nombreux couplets, mordants, satiriques, acérés, sans méchanceté pourtant, qu'il a jetés à profusion dans sa pièce, sont là pour en témoigner surabondamment. Il serait difficile de les citer tous; mais les deux ou trois qui nous ont le plus frappé, donneront assez la mesure de la finesse et de la force des autres.

Caron, qui, soit dit en passant, a fourni à son jeune et intelligent interpréte, M. Carvalho, une nouvelle occasion de recueillir les applaudissements dont le parterre de D. Maria le laisse rarement chômer; Caron, disons-nous, est en train de passer dans sa barque (à vapeur!) *l'immortel* Michel Cervantés, qui vient de *mourir*. Maitre Caron, pour prévenir les reproches que l'illustre romancier pourrait lui adresser, sur la marche incertaine de son véhicule, s'écrie:

« Ah! Dieu! quelle vélocité!
« N'est-il pas vrai qu'on imagine,
« En voyant son agilité,
« Qu'il est portugais d'origine. »

Et puis, avec quel ton bonhomme et sarcastique tout-à-la fois, il envoie promener les ombres du Styx, trop pauvres pour lui payer l'obole du passage. Toi, dit-il à un anglais qui réclame fiérement ses droits:

« Non, ton visage britannique
« N'entrera pas dans mon vapeur;
« Je ne veux point d'une pratique,
« Prenant des airs de Protecteur.
« Loin cette gent sainte Nithouche,
« Qui, sous forme de s'allier,
« Vous tend la main, et ne vous touche
« La vôtre, que pour la broyer. »

« Et vous, » reprend-il, en adressant aux autres ombres, placées au fond de la scène, des paroles qui portent précisément au côté opposée:

« Vous direz que je suis avare;
« Oui, mais comment ne l'être pas?
« L'argent est devenu si rare,
« Et les vivres si chers, hélas!

« La balance de neuve espèce
« Qui règle ainsi notre destin,
« Fait que, quand le prix du blé baisse,
« On voit monter celui du pain. »

Et tous ceux que nous, comme bien d'autres du reste, n'avons pu saisir sur-le-champ; et ceux encore que nous avons compris, mais que notre mémoire rebelle a laissés échapper. » — V. R.

Alguns versos foram alterados agora na impressão do livro, por isso a traducção não corresponde em parte ao texto portuguez.

V

Representada a primeira vez, em Lisboa, no theatro de D. Maria II, em 11 de fevereiro de 1857.

Pag. 19 — *linh.* 3

Por equivoco se poz esta data como sendo da primeira representação, quando a peça já tinha muitas. A primeira representação foi em 31 de janeiro. Um cartaz, que se tomou por outro, produziu este engano, que será corrigido na segunda edição, se por ventura a houver.

VI

Primeiro que seu peito a ferir chegues

Pag. 28 — *linh.* 10

Estes versos são da *Nova Castro*, tragedia que toda a gente conhece — se não pelo seu merecimento litterario, pelo assumpto interessante que trata. A historia tragica e poetica dos amores de Dona Ignez de Castro com D. Pedro I, celebrada nos admiraveis versos de Camões, espera ainda por um homem de genio dramatico para a consagrar na scena. Tudo quanto até hoje se tem escripto para o theatro, a respeito d'aquelles infelizes amantes, está muito abaixo da altura litteraria que exige o assumpto. Garrett, que era o poeta mais proprio para tratal-o magistralmente, foi distrahido, no principio da tentativa, por não sei que estupidos negocios politicos de que o encarregaram, e poz de parte o trabalho começado, que por fim inutilisou!

E só um homem como o que escreveu o *Frei Luiz de Sousa*, será capaz de preen-

cher esta lacuna; mas quantos seculos decorrerão primeiro que elle appareça?

VII

Rosa de amor, rosa purpurea e bella,
Oh! leva-me comtigo á campa fria!

Pag. 30 — *linh.* 22 e 23

Estes versos pertencem ao canto v d'essa elegia sublime, que se chama *Camões*, de Garrett.

VIII

Sombra implacavel!... pavoroso espectro!...

Pag. 31 — *linh.* 14

É ainda um verso da *Nova Castro*, posto em prosa.

IX

... uma mãe não mata seu filho, morre por elle.

Pag. 32 — *linh.* 3

Palavras do *Templo de Salomão*, do sr. Mendes Leal.

X

... bicudo, pé de chumbo.

Pag. 46 — *linh.* 13

Bicudo, pé de chumbo e muitos outros epithetos ridiculos, são alcunhas com que os brazileiros mimoseiam os portuguezes. (Veja as *notas* do *Odio de Raça.)*

XI

... as aguas do Lethes apagam a memoria

Pag. 60 — *linh.* 23

Lethes — quer dizer esquecimento, e era um dos rios do inferno. Dizem, Virgilio e alguns outros auctores, que elle corria no fim dos Campos Elysios; outros querem que fosse contiguo ao Tartaro, onde havia uma porta que o communicava com a prisão dos condemnados. Mas todos são concordes em que os mortos bebiam das suas aguas, para apagarem a memoria da vida anterior. Crêem alguns escriptores, que os gregos imamaginaram esta fabula, para explicar, segundo o systema da metempsycose, como

uma alma póde passar d'um corpo para outro, sem ter consciencia do passado.

Os antigos deram a muitos rios da terra o nome de Lethes. Em Portugal chamou-se assim ao rio Lima, que corre na provincia do Minho; em Hespanha, ao Guadalete; na Grecia, a um que passava pela Arcadia, junto a Tricca, nas margens do qual nasceu Esculapio, deus da medicina. E havia ainda outro, na Beocia, com o mesmo nome.

XII

Alli começa o caminho dos infernos.

Pag. 61 — *linh.* 6

Infernos, *Aïdès*, *Hadès*, *Inferi*.—Com estes diversos nomes se acham, nos antigos escriptores, pinturas, que nem sempre concordam entre si, dos infernos da mythologia grega e romana. *Aïdès:* é umas vezes a divindade terrivel, outras, significa o logar onde reside a potencia infernal. Hesiodo, Homero, Virgilio, Ovidio, e outros muitos poetas e prosadores, escreveram largamente sobre

estes assumptos, tratando-os segundo as idéias e os conhecimentos do tempo em que viviam. O pae da poesia épica descrevia os infernos, ora como logares subterraneos, onde residiam as sombras dos mortos sob o dominio terrivel *d'Aïdès*, ora como uma região profunda e tenebrosa, além dos mares, nos confins do Occidente, onde não chegavam jámais os raios brilhantes d'Helios. Esta descripção nascia da ideia que o poeta formava do globo terrestre; conhecendo apenas uma parte mui limitada do nosso hemispherio, tomava os rochedos do Atlas por muralhas do mundo e suppunha que além d'ellas reinava uma noite eterna. «Partindo d'Æa, diz elle [1], deixando após si a Italia e a Sicilia e tomando o rumo de éste, chegar-se-ha, se o vento soprar do nordéste, depois de um bom dia de caminho, ás praias de Proserpina. É alli a triste morada *d'Aïdès*, onde o Pyriphlegetonte se lança no Acheronte, e onde corre o Cocyto, braço do Stygio. Proximo da margem vê-se o prado d'Asphodelias, onde passeiam as

[1] Trad. de Th. Bernard, *Biographie Mythique.*

sombras dos mortos. Atrás d'esta campina é o Erebo, o mais escuro sitio d'esse reino sombrio.»

Nas profundezas do Erebo residem as divindades infernaes — *Aïdès*, Proserpina, as Harpias, as Furias, o Cerbero, etc. Homero não explica a relação que existe entre o inferno, que elle colloca além dos mares, nas regiões sombrias onde não chega o explendor do sol, e o que diz existir no seio da terra. Serve-se de ambos sem distincção e sem dizer qual seja o verdadeiro ou o mais temeroso. É o caso de se dizer, que quem mente nunca acerta!

Hesiodo está de acordo com as tradicções recolhidas por Homero, ácerca dos dois reinos de *Aïdès*; mas logo que os gregos tiveram noções mais exactas da geographia, escolheram os infernos subterraneos, como preferiveis aos de além dos mares, provavelmente por serem mais confortaveis, e não terem os mortos de se exporem a viagens perigosas antes de lá chegarem. Deram então a estes logares a denominação de *Hadès*, que os romanos chamaram *Inferi*, aper-

feiçoando a composição grega e mettendo-lhe novos personagens.

A pintura feita por Virgilio, no livro VI da *Eneida*, é das mais bellas que se conhecem. Segundo este poeta, a entrada dos infernos era na Italia, perto de Cumes ou Cumas, onde residia a Sibyla, que ensinou a Eneas o modo de haver-se para conseguir o intento de ir visitar a sombra de Anchises, ao reino escuro. Outros querem que a porta fosse n'uma caverna profunda, em Licaonia, ou Laconia, no Peloponeso, junto ao promontorio Tenaro.

Ad Styga Tænaria est ausus descendere porta [1];

E d'aqui provem encontrar-se em alguns auctores, Tenaro, como synonimo de inferno.

Não foi só entre os escriptores pagãos, que a tradicção vulgarisou a crença de terem alguns heroes descido aos infernos, descriptos na sua mythologia. Tambem varios auctores da edade média dão como certo, que ao inferno, descripto pelo catholicismo, tem ido algumas pessoas audaciosas.

O inferno do Dante é um dos mais cele-

[1] Ovid. Met. x.

bres; mas encontra-se n'elle tanta mistura de paganismo e de christianismo, que o torna uma especie de inferno de systema mixto.

Todos conhecem os admiraveis quadros traçados por Dante e por Milton; abstenho-me por isso de dar aqui ideia d'elles e prefiro contar ao leitor uma viagem, menos celebre e menos agradavel que essas grandiosas composisões, mas não destituida de singelo encanto. É de um chronista da edade média [1] e traduzo-a de Collin de Plancy [2].

O landgrave de Thuringia fallecera, deixando dois filhos quasi da mesma edade, chamados Luiz e Hermann. Luiz, que era o primogenito e o mais religioso (visto que morreu nas cruzadas), após os funeraes de seu pae, publicou o seguinte avizo:

« Se alguem podér trazer-me noticias exactas do estado em que se acha ao presente a alma de meu pae, dar-lhe-hei uma boa herdade ».

Um soldado pobre, tendo ouvido fallar

[1] Cesarius, monge de Heisterbach.

[2] *Dictionnaire Infernal.*

d'esta promessa, dirigiu-se a um irmão, letrado, que passava por homem habil, e que tinha durante algum tempo exercido a nigromancia, e tentou seduzil-o com a esperança da herdade, que repartiriam entre ambos.

—Eu invoquei o diabo algumas vezes, respondeu o letrado; e d'elle obtive o que queria; mas o officio de nigromante é perigoso e não o exerço por isso ha muito tempo.

Apezar d'estes escrupulos, a ideia de vir a ser rico abafou-lhe as repugnancias e fez com que invocasse o diabo, que immediamente lhe appareceu, perguntando-lhe o que desejava.

—Estou vexado por te haver desamparado ha tanto tempo, respondeu com finura o nigromante; mas entrego-me de novo a ti. Indica-me, por favor, onde se acha a alma do landgrave, meu antigo amo.

—Se queres vir comigo, disse-lhe o diabo, posso mostrar-t'a.

—Iria de boa vontade, tornou o letrado; porém receio não voltar...

—Juro-te pelo Altissimo e pelos seus tre-

mendos decretos, que, se te fiares de mim, te levarei sem accidente ao pé do landgrave e tornarei a trazer-te aqui, são e salvo.

O nigromante, tranquillisado por tão solemne juramento, pôz-se a cavallo no demonio, que, tomando vôo, o conduziu á entrada do inferno.

O letrado teve animo para contemplar da porta o que se passava no interior, mas não ousou entrar. Viu diante de si um paiz horrivel e os damnados atormentados de mil maneiras. Um grande diabo, de aspecto aterrador, que estava sentado sobre a tampa de um poço enorme, perguntou ao conductor do lettrado:

— Que é isso, que trazes ás costas? Anda cá, para eu te tirar a carga.

— Não, respondeu o outro diabo; este sugeito é um dos meus amigos. Jurei que não se lhe faria mal nenhum, e prometti que vós terieis a bondade de lhe mostrar a alma do landgrave, seu senhor, afim de que, de volta ao mundo, elle proclame por toda a parte o vosso poder.

O grande diabo abriu então o poço e to-

cou uma buzina com tal força e ruido, que, comparados com este, os tremores de terra e o raio seriam apenas uma musica suavissima. Ao mesmo tempo vomitou o poço torrentes de enxofre inflammado; e, no fim de uma hora, a alma do landgrave, que subia do barathro no meio dos turbilhões flammejantes, deitou a cabeça fóra do boqueirão e disse ao homem:

— Tens na tua presença o infeliz principe, que foi teu amo, e que melhor lhe fôra não ter nunca reinado...

O nigromante respondeu:

— Vosso filho deseja saber em que vos occupaes aqui e se elle vos póde ser util de algum modo?

— Já sabes onde estou, tornou a alma do landgrave; para mim não ha esperança; mas se meus filhos quizerem restituir certos dominios, que te vou nomear, e dos quaes eu me apossára indevidamente, poderão alliviar-me.

— Senhor, vossos filhos não acreditarão o que eu lhes disser.

— Dir-te-hei um segredo, que fará com

que te creiam, porque só de mim e d'elles é sabido.

O landgrave disse quaes eram as propriedades, que deviam restituir-se, o segredo que testemunharia a veracidade da ordem dada ao letrado, e voltou para o abysmo. O poço fechou-se e o nigromante volveu á Thuringia, a cavallo no diabo conductor. Quando chegou á presença dos principes, ia de tal modo transfigurado, pelo horror que lhe causára a vista do inferno, que estes difficilmente o conheceram. Referiu-lhes o que tinha visto e ouvido; mas elles não quizeram restituir os bens, que seu pae lhes pedia que entregassem. Apezar d'isso, o landgrave Luiz disse ao letrado:

—Reconheço, que tu viste meu pae e que me não illudes; vou por isso conceder-te a recompensa promettida.

—Guardae a vossa herdade, respondeu o nigromante; o que eu preciso é tratar da minha salvação.

E foi metter-se monge».

Quem tiver desejo e pachorra de ler mais descripções infernaes, veja, além dos au-

ctores já citados, o *Dictionnaire Infernal*, par J. Collin de Plancy, onde encontrará com que satisfazer o seu appetite á farta.

XIII

Plutão era muito amigo de meu pae...

Pag. 61 — *linh.* 8

Plutão, Aïdès, Aïdoneus, Pluteus, Hadès — deus e rei dos infernos. — Aïdès e Hadès, que foram os primeiros titulos que davam a esta divindade, consideraram-se mais tarde como sendo excessivamente terriveis, para se usarem nos mysterios e usos da vida commum, e substituiram-se pelo sobrenome de Plutão. Os latinos chamaram-lhe *Dis* (de *dives*, rico), *Vœjovis* (Jupiter sinistro) e Orcus. Nos tempos primitivos invocaram-n'o, conjuntamente com a deusa Céres, para a prosperidade das seáras; e, mais tarde, como dispensador das riquezas mineraes.

Plutão foi filho de Saturno e de Rhea. E eis como, segundo uma das tradicções gregas, conseguiu escapar á morte, que seu pae

lhe destinava. Saturno, filho de Urano e da Terra, era um sugeito de tal calibre, que, para evitar que novos irmãos viessem servir de impecilhos ás suas ambições, capou o pae e tirou-lhe a corôa. Em seguida casou com sua irmã Rhea, afim de impedir complicações futuras. Urano e a Terra, justamente irritados pela picardia de que tinham sido victimas, predisseram-lhe, que elle seria devorado por um de seus filhos. Saturno, que não era deus que se expuzesse a ser comido, preferiu comer a prole. Parece que as coisas lhe correram á medida dos seus desejos, por que os filhos, que não foram poucos, tiveram a complacencia de nascerem todos a um tempo, como se deprehenderá do seguimento d'esta noticia. Quando Rhea se achou no seu estado interessante, pôz-se o marido á espreita do momento critico; e, assim que nasceram os filhos, enguliu-os inteiros, uns atrás dos outros, como qualquer creatura, que não fosse deus da fabula, poderia engulir cerejas com caroço. As crianças, que não tinham podido demorar-se no ventre materno alguns mezes mais,

além dos que permitte a natureza, acharam-se perfeitamente á vontade no estomago do pae e alli ficaram annos! Jupiter, que, por um estratagema de Rhea, conseguira escapar á voracidade paterna, logo que chegou á puberdade pediu auxilio a Metis, filha do Oceano, e esta deu um vomitorio a Saturno, com o qual lhe fez lançar vivos todos os filhos que tinha engulido! Estas crianças foram logo d'alli fazer guerra aos Titans, que eram outros tratantes da mesma laia!

Foi, pois, d'este modo que Plutão começou a sua vida, sendo comido e vomitado por seu pae! Quando se fizeram as partilhas do casal, tocou-lhe o imperio das sombras (veja a *nota* XII), com permissão de poder ir de vez em quando dar o seu passeio pela terra, e até de subir ao Olympo, quando lhe faltasse a respiração. Uma das suas façanhas mais insignes foi o roubo de Proserpina (veja a respectiva *nota*), que ia dando com Céres n'um hospital de doidos. A sua carreira como homem publico, quero dizer: como auctoridade, ou divindade, é

das menos importantes. Era creatura de maus figados, covarde, sinistro, e bulhento como um fadista bebado. Hercules deu-lhe pancadaria velha, ferio-o e deixou-o todo amarrotado n'uma bulha que houve entre elles; Theseo, Pirithoo, e outros, quizeram tirar-lhe a mulher; e não faltou quem affirmasse, que por causa da nympha Mintha e da oceanida Leucea, passara este pobre diabo trabalhos bem desagradaveis! Os homens detestavam-n'o mais que a qualquer outra divindade maléfica; e chamavam-lhe por vezes *Adamastos* (inflexivel), *Iphthimos*, *Pelorios*, *Cratéros*, *Stygéros*, terrivel, etc. Diz-se que para o rapto de Proserpina fôra elle n'um carro d'oiro, puchado por quatro cavallos chamados: Orphnæus, Aethon, Nycteus, Alastor. Os antigos erigiram-lhe templos em Elis, Pylos, Nysa, Coronea e Olympia. Em Athenas honravam-n'o no santuario das Furias. Os gregos invocavam-n'o ferindo a terra com as mãos e immolando-lhe, de noite, ovelhas pretas, entre os chifres das quaes queimavam incenso, voltando-lhes as cabeças para o

chão. Em Roma e Crotona tambem lhe ergueram templos; em Syracusa immolavam-lhe annualmente dois touros pretos, junto á fonte Cyane, onde elle raptara Proserpina. Diz-se que os primeiros habitantes de Lacio lhe fizeram sacrificios humanos, que mais tarde foram substituidos pelos touros e ovelhas pretas; estas eram sempre offerecidas aos pares, differentemente do que se usava para com os outros deuses. Antes da immolação os sacrificadores descobriam as cabeças; depois derramavam o sangue da victima n'um fosso profundo e reduziam-lhe a carne a cinzas. A sua festa fazia-se em Roma, no dia 20 de junho, e nenhum outro templo estava aberto n'esse dia. Os condemnados, que lhe eram sacrificados na cidade eterna, podiam ser mortos por qualquer cidadão. O narciso, o cypreste, o buxo e a avenca eram-lhe consagrados. Os monumentos antigos representam-n'o como seus dois irmãos Jupiter e Neptuno, porém com a physionomia mais grave, o cabello muito comprido, e uma corôa na fronte.

XIV

Orpheo, Alcides e Eneas...

Pag. 61—*linh.* 13

Orpheo.—Nem Homero nem Hesiodo fallam de Orpheo, e no tempo de Aristoteles duvidava-se que tivesse existido. Segundo uma das tradicções mais vulgares era elle um cantor thracio, filho de Apollo e de Clio, ou de Œagro e de Calliope. Nas *Argonauticas*, que tem o seu nome, é qualificado como chefe dos Ciconios; diz-se que fôra o inventor da cithara e que cantava e tocava lyra com tal encanto, que as arvores e os rochedos o seguiam fascinados, os rios suspendiam o curso para ouvil-o, e os animaes ferozes formavam circulo em torno d'elle, como bons e leaes amadores.

Querem outros que Orpheo fosse o primeiro theologo dos gregos, grande politico, maior musico, poeta e cantor admiravel, medico insigne e dotado de conhecimentos profundos em todas as sciencias do seu tempo; que inventára a arte medica, o alphabeto,

o rythmo, o culto de Céres e de Baccho, as orgias, os mysterios d'Eleusis, as expiações; finalmente: que todas as cerimonias religiosas tinham sido creadas ou introduzidas por elle na Grecia

Os criticos julgam-n'o o mais famoso de todos os aedos (cantores primitivos) da epoca ante-homerica, comquanto não haja nenhum testemunho que prove realmente a sua existencia.

Tendo acompanhado os Argonautas na expedição a Colchida, assignalou-se por numerosos feitos. A nau *Argos,* que estava em secco, apenas ouviu vibrar a sua lyra divina, correu para o mar e pediu com instancia, que lhe mettessem dentro os chefes indoceis, submettidos por elle ao poder de Jasão. Em Lemnos tirou os Argonautas da sua inacção; apasiguou a colera de Rhea, depois do combate contra os Cyzicenios, e pacificou em seguida os Symplegadas; evocou Hecate, para que abrisse a Jasão o caminho do bosque sagrado, e adormeceu o dragão; livrou os Argonautas do canto das Sereias; e fez muitas outras acções, que nos

nossos tempos lhe teriam adquirido boa dóse de commendas.

A lenda, immortalisada pelos versos de Virgilio, refere, que Orpheo tivera o desgosto de enviuvar no proprio dia do seu casamento com Eurydice.

A moral, nos tempos da Grecia primitiva, era ainda menos respeitada do que hoje. Os deuses e os homens não se ensaiavam para roubarem as mulheres uns dos outros; e as mesmas deusas, enfastiadas dos immortaes, compraziam-se em descer a miude á terra e em deixarem na sua passagem muitas creaturinhas com costella divina. As patifarias e licenciosidades de Jupiter, Marte, Apollo, Venus, — e outras e outros — deram brado no mundo antigo e foram celebradas nos versos dos maiores poetas, como favores que as divindades faziam aos humanos. Qualquer mulher casada, que tivesse um filho dos deuses, vangloriava-se tanto d'isso, como, depois que os deuses se foram, se ufanavam as que obtinham esse favor dos reis, para crearem uma nobreza orgulhosa da sua bastardia!

Em todos os tempos a vaidade humana, alimentando-se da propria vergonha, fez com que os descendentes d'uma esposa adultera, ou de uma solteira impudica, se gabassem publicamente da deshonra que maculara seus avós, para apregoarem, que vinham do sangue dos reis ou dos deuses! Achilles, Eneas e outros muitos pavoneavam-se de serem filhos das... divindades. É, pois, claro que n'um tempo em que os deuses eram os encarregados de depravar e preverter o genero humano, promovendo a prostituição em larga escala, não devia estranhar-se, que os homens os imitassem. Orpheo casara, no paiz dos Ciconios, ou Ciconianos, com uma dama por nome Eurydice; um certo Aristeo, que tambem tinha costella olympica, porque era filho de Apollo e de uma das nymphas que este maroto raptou, apaixonara-se pela noiva do cantor thracio; mas parece que ella lhe não dera corda. No dia do casamento, sem mais tir-te nem guar-te, e diante das visitas e testemunhas, desata Aristeo a correr atrás da moça, como verdadeiro desesperado! O marido,

em vez de pegar n'uma espada e abril-o de meio a meio, ou de o esborrachar com um penedo, põe-se a tocar lyra e a cantar atrás d'elle; mas o bruto a nada se movia! É de suppor, em vista dos costumes do tempo, que os espectadores applaudissem esta caçada e a maneira desusada porque o desposado defendia a sua honra; mas a historia, ou lenda, não nos diz como a coisa acabou. Apenas se conta que uma serpente mordera Eurydice; porém isto devia ser já muito longe do povoado, por não ser provavel que as serpentes andassem por entre as habitações. A moça morreu da mordedura do reptil; e o marido, que não soubera ou não quizera defendel-a do seu perseguidor, lembrou-se de descer aos infernos para pedir a Plutão que lh'a restituisse! Com a suavidade do seu canto conseguiu Orpheo comover as divindades infernaes; é fama que, ouvindo-o, choraram pela primeira vez as proprias Eumenides:

Tum primum lacrymis victarum carmine fama est
Eumenidum maduisse genas:

Disse Ovidio.

Deram-lhe a mulher, com a condição de a levar atrás de si e de não olhar para ella antes de ter passado os limites infernaes. O poeta, talvez arrependido do passo que havia dado, e reflectindo nos inconvenientes de possuir uma esposa, que outros lhe cobiçavam, e que, se fugira da primeira vez á perseguição, poderia lembrar-se das serpentes e não tornar a fugir, volveu a vista para trás e Eurydice desappareceu-lhe para sempre!

A morte de Orpheo refere-se tambem de differentes modos. Uns dizem que elle se matára para não sobreviver á perda da esposa, o que não tem sombras de verdade; outros, que perecera por não querer morrer em logar d'ella, o que póde ser certo; e alguns affirmam, que fôra fulminado por Jupiter, para não revelar os segredos dos deuses. A tradicção mais em voga diz que o poeta fôra despedaçado pelas mulheres thracias, ou pelas bacchantes, em consequencia de haver constado, que depois da morte de Eurydice elle se dedicára a amar os homens e tomára odio ao sexo femenino!

Quanto ao patife, que causára a morte da sua noiva, foi promovido a deus e ficou sendo adorado pelos pastores! A cabeça e a lyra de Orpheo foram lançadas no Ebro e levadas pelas ondas até Lesbos; ahi, a cabeça ficou entallada na fenda d'um rochedo, onde servia de oraculo; a lyra, collocada n'um templo, era conhecida ainda no tempo de Luciano; transportada depois aos astros formou a constellação da lyra. O tumulo de Orpheo mostrava-se em differentes logares; e chegaram a contar-se cinco Orpheos, em consequencia da contradicção que se notava entre algumas das obras que appareciam sob este nome.

Os cantos chamados orphicos, são, quasi todos, do tempo em que se travou a grande luta do christianismo com o paganismo; todavia, ha entre elles alguns, que téem o cunho de uma remota antiguidade. Pierron [1] traduz um d'esses cantos, conservado por S. Justino, martyr. Os poetas-sacerdotes, que formaram uma especie de seita sob

[1] *Histoire de la Littérature Grecque*, pag. 220, édit. de 1857.

a invocação de Orpheo, tornaram-se notaveis nos tempos de Pesistrato e as suas obras obtiveram grande popularidade. É de então que datam os principaes cantos orphicos. A arte plastica representa Orpheo com Eurydice e Mercurio, cercado de animaes attrahidos pelo seu canto, apasiguando o Cerbero, ou assaltado pelas Menades. Nos mais antigos monumentos apparece com o trage grego; nos mais recentes está vestido á phrygia.

Alcides. — Alceo, Alcides, ou Hercules, do grego (que eu não sei) *Hêraclès*. É o ideal d'um heroe, cuja vida fôra exclusivamente consagrada á defeza da humanidade ou d'uma nação. Não querendo, nem podendo, fazer d'estas *notas* um curso de mythologia, peço ao leitor benevolo e indulgente, que, áparte os factos capitaes, não tome muito ao sério tudo quanto vou escrevendo sobre estes assumptos fabulosos. Nos grandes poetas e nos historiadores antigos, encontrará, se tiver gosto por estas materias, com que fartar a curiosidade; as minhas *notas* são feitas a uma peça bur-

lesca e, necessariamente, téem de levar quasi sempre uma feição, que não desdiga inteiramente do texto. O meu desejo é menos instruir do que divertir; mas, não tendo a certeza de conseguir nenhum d'estes fins, divirto-me a mim proprio, referindo, a meu modo, as historias das divindades do paganismo, e dos seus parentes, que todos eram boas peças!

Hercules, segundo as mais antigas tradicções gregas, fôra filho de Jupiter e de Alcmena. Sua mãe era mulher casada, e, ao que parece, de bom comportamento, visto que Jupiter teve que disfarçar-se na figura de seu esposo Amphytrião, para poder illudil-a. Que ella engulisse ou não a pilula, o certo é que ficou pejada; estando proxima a dar á luz, o seductor jurou aos seus deuses, que a criança que n'aquelle dia nascesse do seu sangue reinaria sobre todos os povos circumvisinhos (a historia passa-se na Beocia, em Thebas). Juno, mulher de Jupiter, que as primeiras tradicções dão como a unica deusa que fora fiel ao marido, vivia despeitadissima com as traições que este lhe fazia e

quiz vingar-se transtornando-lhe o projecto de fazer rei o filho de Alcmena.

(Convem abrir aqui um parenthesis para declarar: que as tradicções modernas não còncordam com as antigas a respeito da honestidade de Juno; dizem que ella teve relações amorosas com Palico e com o formoso Aetos, que foi transformado em aguia; e que deu á estampa varios filhos adulterinos. Sendo isto assim, fica provado, que não houve uma unica deusa de bons costumes! Ainda mesmo que se creiam as primeiras tradicções, deve advertir-se que ellas referem dois factos assás difficeis de acceitar: é um o ter Juno cheirado uma flor e concebido, assim sem mais nem menos, seu filho Marte! O outro, não menos assombroso, foi ella cheirar uma alface e conceber Hebe! São de metter os tampos dentro! e *cheiram* a historias de frades, do tempo em que foi escripta a *Dona Ausenda*, do tomo segundo do *Romanceiro*, de Garrett:

> Á porta de Dona Ausenda
> Está uma herva fadada;
> Mulher que ponha a mão n'ella

Logo se sente pejada.
Foi por-lhe a mão Dona Ausenda
Em má hora desgraçada;
Assim que poz a mão n'ella,
Logo se sentiu pejada.

Que admira, que acontecesse á pobre Dona Ausenda o que succedera, por mais de uma vez, á immortal Juno?! Mas fechemos o parenthesis e venhamos ao nascimento de Hercules.)

Juno, para se vingar do marido, demorou sete dias o parto d'Alcmena, afim de que nascesse primeiro outra criança, tambem filha de Jupiter (elle tinha filhos aos centos!) e a este e não a Hercules pertencesse, segundo a jura paterna, o throno de Thébas. Esta perrice de Juno e todas as intrigas, de que depois fez victima o filho do rei dos deuses, não lhe fizeram móssa nem o impediram de ser o heroe mais celebre dos tempos ante-historicos. Os seus numerosos feitos encheram e assombraram o mundo antigo; foram taes e tantas as suas acções, que os historiadores e os poetas, julgando impossivel que tivessem sido prati-

cadas por um só homem, attribuiram-n'as a Hercules differentes, elevando estes até ao numero de quarenta e quatro, como refere Varron! Jupiter, não podendo revogar o decreto que, ao nascer, privara Hercules do poder supremo, em proveito de Eurystheo, conseguiu obter o consentimento de Juno para que o heroe, depois de morto, fosse feito deus; mas durante a sua carreira, perseguiu-o a deusa cruelmente, e, com o seu odio, deu origem aos principaes trabalhos que elle padeceu e dos quaes, todavia, saiu sempre victorioso.

Parece-me ocioso citar os numerosos successos da sua vida, por que elles andam referidos em todos os diccionarios da fabula; basta dizer-se, que elle se estreou aos oito mezes, levantando-se do berço para matar duas serpentes, que pertendiam devoral-o! Depois d'isto nada do que elle fez deve admirar. Eu contento-me com desenhar o lado menos estudado da sua physionomia, que tem sido injustamente desdenhado pela critica moderna.

Hercules é considerado, pelos historiado-

res e mythologos, como o ideal dos heroes e homem de bem ás direitas. Xenophonte refere do seguinte modo a allegoria de Prodicus, para justificar as boas qualidades do filho de Jupiter:

«Hercules, achando-se já crescido, foi para um logar solitario, afim de estudar o genero de vida a que deveria dedicar-se. Appareceram-lhe então duas mulheres de elevada estatura; a mais bella, que era a *Virtude*, tinha o rosto magestoso e cheio de dignidade, o pudor nos olhos, a modestia no gesto, e os vestidos brancos; a outra, chamada *Molleza* ou *Voluptuosidade*, era gorda, córada, tinha o olhar immodesto, e attrahia a attenção pela magnificiencia do trage. Esta, esforçou-se para seduzir Hercules; porém o heroe preferiu abraçar o partido da *Virtude*.»

Vejamos como elle seguiu este caminho. Aos desoito annos matou o leão do monte Citheron, que devastava os rebanhos d'Amphytrião, e de Thestius, rei dos Thespios. Este principe recebeu-o em sua casa, para lhe manifestar o seu reconhecimento, e Her-

cules seduziu-lhe cincoenta filhas (!) de todas as quaes teve filhos! Note-se que a esse tempo já elle tinha assassinado Linus, seu companheiro de infancia, por um simples murro que este lhe dera! Tendo casado com Megaro, filha de Creonte, atirou um dia ao lume com todos os filhos que d'ella tivera, e mais dois ou tres de Iphidès! Matou Anteo para lhe tirar a mulher, da qual teve um filho; deu sua esposa Megaro a Iolas, pretextando que os deuses não tinham approvado o seu casamento com ella; mas o motivo verdadeiro era para casar-se com Iole, filha de Eurytus, rei d'Œchalia. Tendo sido vendido como escravo, para obedecer ao oraculo, afim de se curar de uma doença, foi comprado por Omphale; d'uma escrava d'esta teve um filho por nome Cleolas; e outro da mesma Omphale, chamado Lamus, Tyrrhenus, ou Agelaus. Matou Eurypyles, em Cós, para lhe seduzir a filha, da qual teve outro filho, Thessalus; teve de Augea, Telephos; da filha do rei de Ephyro, Tlepolemo; assassinou o rei Amyntor, por este lhe não querer dar uma filha para amante...

Eu teria de ir muito além dos limites, que comporta uma *nota*, se quizesse descrever todas as façanhas e *virtudes*, que distinguiram este heroe, e que são das menos celebradas pelos diccionarios mythologicos. O numero dos seus filhos excedeu a setenta; o das amantes, não pôde ser calculado. Os assassinatos praticados por elle tambem foram sem conto! As violencias e roubos de toda a especie, as devastações de provincias, o incendio, o estupro, e toda a casta de crimes, que nos melodramas modernos se imputam a uns pobres scelerados de má morte, matisaram a vida de Hercules e deram-lhe jus incontestavel a ser posto entre os deuses, e a desposar Hebe, para o auxiliar a passar o tempo na bemaventurança!

Esquecia-me accrescentar, que tambem fôra bebado e comilão, como Achilles, seu rival em cavallarias — a quem alguns chamaram o mais bello, o mais agil e o mais esforçado dos hellenos; comtudo, a superior valentia de Hercules não póde ser contestada, por que lhe provinha do animo e da

força natural, emquanto que a bravura d'Achilles necessitava, para não esfriar, de ser alimentada com tutanos de leões, tigres, ursos e outras feras, que lhe dava o centauro Chiron seu mestre. Achilles era um grande piegas, comparado com Hercules; este, quando lhe recusavam a satisfação de um capricho ou a concessão de uma mulher, arrasava um reino e anniquillava um povo; aquelle, porque Agamemnon lhe tirou do lanço a creada Briseis, amuou-se, e durante dez mezes não quiz saír da sua tenda! Advirta-se de passagem, para gloria das creadas de servir, que ellas mereceram em todos os tempos a admiração e o affecto dos guerreiros. A Hercules, Agamemnon e Achilles, succederam, nos nossos dias, os soldados da Guarda Municipal, amadores decididos, se não exclusivos, das Briseis modernas.

A morte de Hercules foi horrivel, como é sabido, por causa do veneno contido na tunica de Nessus; mas, apesar das muitas acções meritorias por elle praticadas em favor dos opprimidos, eu, que não sou grego, e que

aprecio os factos alguns mil annos depois, entendo que foi merecidissima. O motivo porque Hercules era tão considerado e temido, e se tornou por assim dizer o typo da belleza guerreira, foi porque na Grecia antiga a força physica era tida como a primeira das qualidades, e a intrepidez como a maior das virtudes. Hercules era tão bravo e tão forte, que ousava arrostar com a colera dos deuses, combatel-os, feril-os e affrontava sem medo todos os perigos, ainda os mais desconhecidos. Elle desceu aos infernos e fez fugir as sombras dos mortos; feriu Plutão; acorrentou o Cerbero, trazendo-o á presença de Euristheo; matou as mais temiveis feras, os Gigantes e os Centauros, e tomava por armas, indistinctamente, rochedos, pinheiros, clavas de bronze, rios, que desviava dos leitos, e tudo, finalmente, que encontrava a geito e se prestava para arrasar cidades e destruir exercitos! Faz pena realmente, que este typo do valor incomparavel maculasse a sua vida com os actos e abusos mais brutaes! Porém, eram assim os grandes homens d'aquelle tempo... e os de

hoje não são melhores e são vinte vezes mais pequeninos.

Eneas. — Eneas foi tambem um heroe de estirpe divina; era filho de Venus e de Anchises. Seu pae, dotado de rara belleza, andava no monte Ida a guardar cabras, quando Venus, que o trazia d'olho havia tempos, lhe appareceu disfarçada em filha d'Otreus, rei da Phrygia. A deusa, depois de o haver seduzido, deu-se-lhe a conhecer e predisse-lhe o destino do filho, que havia de nascer d'aquelle encontro; mas intimou-o para que não revelasse nunca a origem de Eneas, sob pena de ser severamente punido. Anchises ficou pulando de contente e prometteu guardar segredo; mas, n'um dia em que estava bebado (até onde desciam as deusas!) gabou-se da influencia que tinha no Olympio e dos seus amores com Venus! Por isto foi fulminado, ficando cego, dizem uns auctores, e outros querem que ficasse paralytico de um lado. Apezar d'isso, a acidalia dignou-se honral-o ainda com a sua sympathia, dando a Eneas um irmão.

Eneas valia tanto para os troyanos como

Achilles para os gregos. Na sua infancia crê-se que não fôra muito valeroso; uma tradicção refere que Achilles o correra a pau, bem como a um rancho de pastores com quem elle andava. Depois, fez-se bravo por necessidade. Alguns pertendem, que Heitor lhe fôra superior em coragem, mas não em sabedoria e prudencia. Sendo, como Achilles, filho de uma divindade, tambem como este tinha cavallos de *origem divina* (não sou eu que o digo, é Homero) e era protegido pelos deuses em todas as batalhas em que entrava, e curado por elles das feridas que recebia. Homero não duvida classifical-o como o guerreiro mais intrepido e o chefe mais prudente do exercito troyano, que o reverenciava como um deus. A tradicção homerica é assás conhecida e a de Virgilio, que differe pouco d'aquella, é mais sabida ainda. A descida aos infernos está admiravelmente pintada na Eneida; e, em geral, Eneas não é menos bello no poeta latino do que no grego. Além de sabio e valeroso, o heroe troyano era tambem dotado de tamanha piedade filial, que basta-

ria esta só virtude para o tornar celebre.

Grandes pintores immortalisaram na tella a tradicção de Virgilio, quando descreve Eneas saindo da cidade com Anchises ás costas, tendo confiado a este os deuses penates, e levando pela mão seu filho Ascanio e sua mulher Creusa.

Mas a gloria e a celebridade em todos os tempos têem tido detractores invejosos! Apezar dos versos divinos d'Homero e de Virgilio, e da reputação immaculada, que os dois maiores poetas da antiguidade fizeram a Eneas, ha, comtudo, escriptores que affirmam ter sido este individuo covarde e traidor á patria! Dizem que elle se havia ausentado na occasião da tomada de Troya, tendo, por ciumes ou com o intuito de conservar as suas riquezas, combinado primeiro a entrega da cidade aos gregos! Tito Livio, diz, que de todos os troyanos sómente Eneas e Antenor não foram tratados pelos helenos como inimigos. Asseveram outros que a razão d'isso póde ter sido devida á prudencia do filho d'Anchises e aos conselhos de paz que sempre dera, desde o

principio da guerra, propondo até que se restituisse a bella Helena a seu marido.

Segundo Virgilio, veiu elle á Italia, depois da guerra de Troya, e alli casou com Lavinia, filha do rei Latinus. Ovidio segue, com pequena differença, as mesmas tradicções.

Os amores de Dido e Eneas, durante as viagens d'este, não inspiraram só os poetas antigos, nem só os estrangeiros. A Cantata do nosso Garção, se exceptuarmos a ultima parte cuja fórma desdiz da primeira, rivalisa em belleza com os versos de Virgilio e é superior aos de Ovidio, n'este assumpto.

XV

eu não tenho o ramo de oiro...

Pag. 61 — *linh.* 22

A Sibylla de Cumas, como conta Virgilio, disse a Eneas, que era facil descer aos infernos, cuja porta estava noite e dia aberta; porém, que a grande difficuldade consistia em voltar do reino escuro. O unico meio para um mortal poder fazer essa via-

gem era levar a Proserpina um ramo de oiro, que estava occulto n'uma arvore copada em um bosque proximo do Cocyto (veja a *nota* XVII). Essa arvore era consagrada á Juno infernal. Sendo os fados propicios ao mortal, que pertendia cortar o ramo, este destacava-se por si mesmo e vinha caír-lhe nas mãos; porém, se os destinos fossem adversos, nenhuma força humana o podia separar do tronco. Arrancado o ramo, cujos fructos e folhas eram d'oiro, brotava logo no logar d'elle outro similhante. Eneas foi guiado por duas pombas até á arvore mysteriosa; eu entendi que Figados de Tigre não carecia explicar como encontrara o ramo fatidico, porque a questão, para este, reduzia-se a achal-o, fosse como fosse.

XVI

para levar de mimo a Proserpina.

Pag. 61 — *linh.* 23

Proserpina, em grego, Perséphone. — Acha-se escripto este nome de differentes modos nos auctores antigos. Homero escreveu,

Perséphoneia; Hesiodo, Perséphone; Pindaro, Perséphona; outros, Persephassa, Phersephassa, Persephata, Phersephata, Pherephassa, Pheréphata, e Phersephoneia [1]. É uma das divindades cuja historia se acha mais embrulhada na mythologia grega. Querem uns que seja filha de Jupiter e de Céres; outros, de Neptuno e Céres; alguns, dizem que fôra sua mãe a Stygia; muitos a confundem com outras deusas, identificando-a com Isis, a Terra, Vesta, Rhea, Pandora, Diana, Hecate, Céres, etc. O que passa por mais certo é, que fôra filha de Céres e que tivera um irmão cavallo, por nome Arion.

A historia d'este parentesco não póde ser deixada no escuro, visto tratar-se da familia de Proserpina. Neptuno, vendo que seu mano Jupiter se apossára á viva força de sua irmã Juno e a fizera sua mulher, entendeu que devia tomar tambem para si a mana Céres, quer ella quizesse quer não.

A deusa, parecendo-lhe mal similhante atrevimento, fugiu de casa e foi correr

[1] Dr. Jacob — *Biographie Mythique*, Traduit par Th. Bernard.

mundo; chegando á Arcadia, constou-lhe que o mano ia atrás d'ella, e metamorphoseou-se em egua, suppondo que assim escaparia á concupiscencia do bruto. Baldado esforço! O genero era de feição para o seu perseguidor, que immediatamente se transformou em cavallo e, entrando na manada em que ella se tinha refugiado, demonstrou-lhe, que para cavallo é que elle tinha geito. A lenda não diz se os dois viveram muito tempo como bestas, nem se Proserpina nasceu antes ou depois do fructo da união cavallar; mas parece que fôra depois e que Jupiter tivera suas idéias de quebrar os queixos a Neptuno, quando lhe tirou a irmã.

O rapto de Proserpina, por seu tio Plutão, descripto por quasi todos os poetas antigos, é um escandalo dos mais notaveis que se encontram na mythologia grega. A coisa passou-se como se passam todas as patifarias d'este genero entre os homens, acrescendo algumas parvoices feitas pelos deuses, que os homens nem sempre praticam. As divindades, que, como se tem visto,

eram immoralissimas nos seus amores, divertiam-se ás vezes intrigando-se mutuamente, para cortarem a monotonia da immortalidade. Jupiter, tendo tido, provavelmente, algumas questões com Plutão, quiz, por occasião de se reconciliarem, dar-lhe uma demonstração de affecto e offereceu-lhe Proserpina, sem que esta ou sua mãe Céres fossem ouvidas. É o assumpto d'uma comedia, como as que se vêem nos theatros! Venus foi encarregada de apaixonar o deus infernal; e este, apenas ferido pelo farpão do Amor, agarra em Proserpina, e elle ahi vae como um raio, direito ao seu subterraneo! A pequena gritava e debatia-se, durante a viagem, nos braços do roubador; mas ninguem lhe accudia. Hecate e o Sol, unicas testemunhas do rapto, não deram palavra; e quando a mãe afflicta começou a chamar a filha em altos gritos e accendeu dois pinheiros no cimo do Etna, para prevenir o raptor e o pôr em guarda, as duas testemunhas contaram o caso, mas declararam que o não tinham conhecido. Tambem nenhuma das outras divindades sabia quem

elle fosse! Veja-se que deuses, que nem sequer sabiam o que se passava entre elles!

Quando Céres teve conhecimento de que fôra seu irmão Plutão o criminoso, recolheu-se ao Olympo e jurou que nunca mais fecundaria a terra nem protegeria os fructos e as searas. Debalde a imploraram homens e deuses; foi necessario que Jupiter lhe promettesse, que se Proserpina não tivesse comido ainda coisa alguma do inferno, volveria para junto de sua mãe. Infelizmente, a filha tinha já provado um fructo (sempre um fructo a ser fatal aos homens e aos deuses!) e apenas se lhe concedeu que podesse estar seis mezes do anno com a mãe e outros seis com o marido.

Ovidio refere, nas *Metamorphoses*, que Proserpina disputára a Venus a posse de Adonis; e que este, vendo-se atrapalhado por não saber a qual das duas devia pertencer, recorrera a Jupiter, que decidiu a questão dando a posse d'elle quatro mezes por anno a cada uma, e deixando-o livre outros quatro. A belleza physica era um

grande perigo no tempo dos deuses e das deusas!

Proserpina foi adorada em toda a Grecia e em Roma; em muitos pontos lhe ergueram templos e estatuas. As festas celebradas em sua honra tinham quasi sempre um caracter de mysterio e muitas vezes nem era permittido aos homens tomar parte n'ellas, nem entrar nos templos consagrados á deusa. Ella é representada ora ao lado de Plutão, ora só, com um sceptro ou um narciso na mão.

XVII

bosques do Cocyto...

Pag. 61 — *linh.* 24

Estes bosques eram nas proximidades do averno. Cocyto, Cocytus, ou Kokytos foi um dos rios do inferno. Segundo Homero era um braço do Pyriphlegetonte e com este se lançava no Acheronte. Virgilio diz, pelo contrario, que o Acheronte desaguava no Cocyto. Este rio, affirmam elles, é pantanoso e corre em volta do Tartaro, prisão dos condemnados. Muitas vezes se emprega o seu

nome como synonimo de inferno; este nome parece provir de *lamentar*, porque o rio é composto das lagrimas dos mortos. Hoje já não existem bosques infernaes; a necessidade de alimentar os vulcões fez, provavelmente, com que Vulcano, de accordo com Plutão, derrubasse todo o arvoredo para fazer carvoaria. Quanto aos rios infernaes, foram substituidos por um systema de Cocytos muito aperfeiçoados, feitos com elementos peiores do que as lagrimas dos damnados: são os canos da cidade de Lisboa.

XVIII

Reino das sombras...

Pag. 73 — *linh.* 8

Sombra. — Eidolon e Phantasma, em grego (affirmam os que dizem saber grego); Umbra, Simulacrum, em latim. Segundo os antigos, as sombras dos mortos eram intermediarias entre o corpo e a alma. Tinham a figura d'aquelle, mas eram impalpaveis e serviam de encadernação a esta. Depois da morte, a sombra do defunto descia para o

inferno e ficava no Erebo, que era o primeiro posto ou casa de entrada, se acaso os seus crimes mereciam simples expiação; se, pelo contrario, o morto ia ser damnado, encaixavam-n'o no Tartaro; e se tinha tido vida virtuosa, passava para os Campos Elysios (veja as *notas* relativas a estes nomes). Cria-se que as sombras, apezar de impalpaveis, podiam sentir o prazer e a dôr physica; e Ulisses viu a sombra de Sisypho suando como um cavallo!

Este systema das sombras é muito complicado, e ás vezes contraditorio. Hercules, por exemplo, depois de ter morrido como qualquer outro mortal, estava no inferno como sombra e habitava nos ceos como deus! Não ha um unico mytho, grego ou romano, ácerca do qual sejam concordes todos os escriptores. As tradicções variam com os tempos e não é raro haver confusão mesmo a respeito das principaes dignidades do Olympo.

Jupiter, que era o rei dos deuses, é um d'aquelles sobre que ha mais duvidas e maior confusão. Cicero citava tres Jupite-

res; e Varron não se contentava com menos de tresentos! Em vista d'isto, cada qual póde ter a opinião que quizer; a minha, é, que não houve nenhum. (Veja a *nota* XLVII.)

A theoria das sombras foi, talvez, arranjada pelos antigos com o fim de dar um papel e um destino á sombra, que, na terra e durante a vida, acompanha todos corpos e lhes segue todos os movimentos!

XIX

Que devo fazer para aplacar os teus manes?

Pag. 75 — *linh.* 11

Manes, segundo os poetas, eram as almas sobrevivendo á destruição do tempo. Mas na mythologia grega, onde tudo é confuso e complicado, esta palavra significava primitivamente os *bons* ou *felizes,* depois da morte, e empregava-se para evitar o uso de uma expressão mais triste e mais directa. A convicção de que as almas dos bons se aproximavam e partecipavam alguma coisa da perfeição divina, fez com que erigissem altares aos Manes e lhes chamassem deuses. Cada filho, considerando seu pae digno da

apotheose, consagrava-lhe, depois da morte, um culto respeitoso; d'aqui provinha a grande quantidade de deuses Manes *(dii Manes)* em que se cria na Grecia e em Roma, e ao seio dos quaes o homem só podia ser admittido depois de haver passado pela prova da morte e ter sido purificado pela deusa Mania (então havia uma só; hoje ha milhares de manias)!

Em Roma celebravam-se tres festas annuaes aos deuses Manes, os quaes n'esse dia deviam sair do inferno por um buraco, que durante o resto do anno estava tapado com uma pedra manal *(lapis manalis)*. Tambem por honra d'elles se celebravam as *Feralias*, a que ninguem deixava de render culto. Os cemiterios e os tumulos estavam sob a protecção dos Manes; em frente de cada epitaphio lia-se: *Dîs Manibus*. Os logares destinados ás sepulturas dos mortos, consagrados sempre aos *diis inferis*, chamavam-se *loca religiosa;* os dedicados aos *diis superis*, ou deuses de cima, denominavam-se *loca sacra*. O cypreste era tambem consagrado aos deuses Manes. O ruido e o som

do bronze e do ferro eram-lhes intoleraveis e faziam-n'os fugir; mas o fogo attrahia-os e alegrava-os, e por isso todos os povos de Italia encerravam nos tumulos lampadas tetragonas [1].

Tambem alguns auctores chamam deuses Manes aos deuses infernaes; outros os confundem com os deuses Lares, com as Larvas (almas dos maus) ou Lemures, etc.; e é muito difficil, se não impossivel, precisar a differença que existia entre as diversas concepções de phantasia, que se encontram na religião dos antigos!

XX

não posso entrar com elle nos Campos Elysios, porque não cabe pela porta.

Pag. 76 — *linh.* 16

Campos Elysios é um logar afortunado, além dos mares, onde a terra se cobre tres vezes por anno de fructos e flôres, e onde os heroes vivem felizes. É esta a opinião de Hesiodo. Homero colloca os Elysios nos limites occidentaes da terra, áquem do

[1] Dr. E. Jacobi — *Biographie Mythique.*

Oceano, e diz que n'elles reina perpetuamente a primavera e o sol, e que as tempestades e a chuva não perturbam nem intristecem jámais os heroes, que lá habitam no seio da felicidade. Pindaro crê, que o sitio é nas ilhas Afortunadas, que Saturno tem lá uma casa de campo, de sociedade com Radamantho, e que ninguem póde ser admittido n'essa região dos felizes sem ter passado por tres grandes provas na terra e no inferno. Luciano, quer que os Campos Elysios sejam na lua, o que não é de todo desacertado para evitar que lá se vá metter muita gente sem ter direito para isso; Plutarcho, opina pelo centro da terra e Dionysio, o geographo, pelas ilhas Brancas; Virgilio affirma, que este eden de delicias era na Italia; e eu digo, que é em uma camara legislativa, porque n'estas se têem visto varios Saturnos e alguns, ainda que poucos, Radamanthos. Ninguem póde negar, que muitos deputados tenham sido sombras de gente que viveu virtuosamente, nem que alguns passam por tres provas para conseguirem entrar no paraizo politico. A pri-

meira prova é alcançar uma recommendação do governo; a segunda, fazer um ou mais discursos, que convençam os eleitores; e a terceira, é ganhar a eleição.

Acontece ás vezes, que estes bemaventurados sejam, no Olympo ministerial, comidos pelo Saturno que lhes dera o ser; mas resta-lhes sempre o meio de se fazerem vomitar pelo pae e poderem reentrar nos Elysios, sujeitando-se a novas provas.

Fica portanto demonstrado, que uma camara de deputados é um paraizo de gregos, e grego se vê não poucas vezes o paiz que a elege!

XXI

Ainda que no inferno vão sumir-se,
Lá mesmo, ardendo em raiva, irei buscal-os!

Pag. 96 — *linh.* 4 *e seguintes*

Estes versos são do acto da coroação de *Dona Ignez de Castro*, feito, me parece, por José Maria da Costa e Silva. Cito de memoria, mas tenho hoje boas razões para me fiar pouco d'ella.

XXII

mandou-m'o o Antonio Moutinho, que é moço delicado e sabe o que é bom

Pag. 99 — *linh.* 13

Este Antonio Moutinho, moço delicado que sabe o que é bom, não é nenhum personagem de phantasia; é um amigo real e verdadeiro, com virtudes sinceras e talento provado, que honra o auctor com a sua amizade. Quem não conhece Antonio Moutinho de Sousa, um poeta portuense, que esconde a musa e mostra o coração a todos? Um artista, que se lembrou um dia de trocar as doçuras da patria e os carinhos da familia pelo palco do theatro, em terra estrangeira, e voltou para nós carregado de palmas e corôas, entre as quaes, todavia, trazia uma com espinhos?!... Antonio Moutinho foi um actor distinctissimo, que no Brazil honrou a arte dramatica e a terra em que nascera. Casou n'aquelle paiz, e o fallecimento de sua esposa, succedido pouco tempo depois de lhe haver nascido um filhinho, afastou-o, talvez para sempre, do theatro. A esses

acontecimentos foram feitos os versos, que adiante transcrevo, pedindo ao auctor que me perdôe publical-os n'este logar, que lhe parecerá talvez improprio para taes assumptos. Mas a verdadeira poesia é bem cabida em toda a parte; e eu não pudé resistir á tentação de revelar um poeta, a quem só falta a publicidade para ser applaudido. Os seus versos não ficarão maculados por apparecerem entre as *notas* de um livro comico; os diamantes encontram-se misturados com seixos; as violetas não perdem a belleza por nascerem entre cardos e ortigas, antes communicam o seu grato aroma a tudo que as cerca; do mesmo modo os versos de Moutinho perfumarão estas paginas, sem que ellas lhes diminuam o valor.

DESTINO

A Francisco Gomes de Amorim

Quando mancebo inesperto
Sentia d'alma no fundo
Um vacuo immenso e profundo,
Auzencia d'estranho bem:
Não achava doce allivio

Aos meus anceios internos,
Nem entre affagos fraternos,
Nem entre os braços de mãe!

E eu scismava então sósinho,
E perguntava á minh'alma
Se do meu anceio a palma
Não seria o estudo só?
E tão louco, então julgava
Que a minh'alma respondia,
Que o saber só tem valia
Da campa por entre o pó!

Procurei entre os amores
Aos meus anceios um termo;
E n'um coração enfermo
Minh'alma joven nutri!
Esse meu primeiro affecto
Foi morto por esquivança!
Esqueceram que a criança
Um homem resume em si!

Desci depois á mentira!
Nos excessos das orgias
A meus desvairados dias
Busquei ameno prazer!
Pobre criança que eu era
Em tão desastrada luta!
Bebia amarga cicuta
Suppondo nectar beber!

Desejei depois a gloria
E fui entre os campos da arte
Desenrolar o estandarte
Que da minh'alma era luz!
Fiz do passado a mortalha,
E envolto no meu sudario
Ao cimo d'esse calvario
Fui levar a minha cruz!

Mas entre as folhas de louro
Que deram ao pobre artista
Por tropheus d'uma conquista
De bem nobre aspiração...
Nasceram agros espinhos
Cuja seiva fere e escalda!
Que se elle a fronte engrinalda
Sente em luto o coração!

Mais tarde risos sentidos
Vieram seccar meu pranto.
Encontrei o mago encanto
Dei allivio a tanta dor.
Achei a luz que faltava
Á perdida borboleta,
Repousando a fronte inquieta
Sobre um sacrario d'amor!

Mas quão breve foi tal gozo!
Foi ventura passageira,
Essa illusão derradeira,

Meigo sonho que sonhei!
Pobre de mim que não via,
Que tanta luz me cegava,
Que soube só que sonhava
Quando VIUVO accordei!

Animo! Cessem queixumes!
Não tem ao pranto direito
Quem póde unir ao seu peito
Da sua *flôr* um *botão.*
Quando o homem vive em trevas
Sem que veja ao sol o brilho...
Se Deus lhe concede um filho,
É presagio de perdão!

Cheguei pois ao que aspirava
Em meu ancear afflicto!
Em nova patria — proscripto —
Colhi o divo tropheu!
Não deseja maior gloria
Nem mais honrosa homenagem,
Quem possue na terra, a imagem
D'um anjo que está no ceu!

ANTONIO MOUTINHO DE SOUSA.

XXIII

loja do Chico, alli á rua Augusta

Pag. 103 — *linh* 16

Julgo que não ha em Lisboa pessoa que ignore quem é o Chico barbeiro. Todavia,

direi algumas palavras a seu respeito, não para lhe augmentar a popularidade, mas para lhe testemunhar a estima que tenho por elle, que é igual á que lhe consagram todos quantos o conhecem.

Francisco Augusto Pereira é um homem que illustra a classe dos barbeiros portuguezes e que pertence, de direito, á dos homens honrados. Seu pae, Manuel Joaquim Pereira, serviu-lhe de modelo e exemplo de probidade e seriedade até seus ultimos momentos; o filho não tem degenerado; a affeição com que o distinguem os homens mais notaveis d'este paiz, attesta as suas virtudes. A sua loja é, desde muitos annos, logar de reunião agradavel, onde se encontram muitas vezes os grandes politicos, os litteratos e os poetas distinctos, os advogados e os medicos celebres, os artistas eminentes, os negociantes poderosos, e, em geral, os homens de bem de todas as classes. Grandes e pequenos são tratados, pelo dono da casa e por seus officiaes, de modo que quem entra a primeira vez n'aquelle estabelecimento nunca mais deixa de lá ir.

Dizer estas verdades é apenas fazer justiça; e eu folgo sempre que tenho occasião de exaltar a virtude dos filhos do povo, cujo sou tambem.

XXIV

plantar mandióca...

Pag. 114 — *linh.* 18

Mandióca é a raiz de que no Brazil se faz a farinha de pau. (Veja as *notas* do *Odio de Raça.)*

XXV

piráreca secco.

Pag. 114 — *linh.* 20

Piráreců, ou pirá-urucú, é um peixe da provincia do Pará e do Amazonas. (Veja as *notas* do *Odio de Raça.)*

XXVI

rio Acheronte

Pag. 117 — *linh.* 2

Acheronte era um rio do inferno, que corria em sentido contrario ao Cocyto e no

qual desaguava o Phlegetonte (que significa: *incandescente*). Segundo alguns auctores, Acheronte era um filho de Céres, ou da Terra; foi precipitado nos infernos e convertido em rio, por ter matado a sede aos Titans, quando estes combateram contra Jupiter. Affirmam, que as suas aguas são lodosas e amargas e que a sua corrente é rapida e tumultuosa. Em muitos auctores se acham embrulhados o Acheronte com o Cocyto e o Stygio ou Stygia, rio ou lagôa, que alguns criam que rodeava nove vezes os infernos. A coisa é difficil de aclarar. Virgilio, ao contrario de outros, disse que o Acheronte vomitava a sua immunda lama no Cocyto. Lá se avenham.

XXVII

barco de Caronte.

Pag. 117 — *linh.* 7

Caronte, filho do Erebo e da Noite, era o barqueiro que passava as sombras através dos rios infernaes. Não ha noticia exacta do feitio do seu barco e por isso me pa-

receu conveniente fazel-o movido a vapôr, para não deixar o inferno em atraso de progresso. Virgilio diz que elle era negro; e descreve Caronte como um velho robusto, cara feia e medonha, barba inculta e branca e olhos flamejantes. Dos hombros pende-lhe um manto, de cuja immundicia se póde fazer idéia, attendendo a que é sempre o mesmo e que o usa ha muitos milhares de annos! Alguns pintam-n'o calvo, com a testa enrugada e um ar de ferocidade, que atterra. Cada sombra pagava um obolo a Caronte, pela passagem da barca, sem o que não podia nenhuma ser admittida nos infernos. Era-lhe prohibido passar os vivos, porque os deuses infernaes tinham seu medo d'estes, e não era sem razão. Hercules e outros que lá foram em vida, não se portaram muito bem com as divindades; deram pancadaria n'umas, quizeram roubar outras e trouxeram o Cerbero a passeio pela terra, deixando o Tartaro sem guarda! Caronte, que, naturalmente, fôra peitado para passar os mortaes, deu ao diabo a sua cubiça, quando viu as desordens e anarchia que el-

les fizeram, e esteve por um triz para perder o emprego! Valeu-lhe o não haver outro pedaço d'asno como elle, que quizesse trabalhar depois de morto, e o não se saber ainda n'aquelles tempos para que servia o dinheiro no inferno. Ainda assim, teve que aguentar-se durante um anno, acorrentado como um macaco, por castigo da sua falta! O logar de Caronte era rendoso bastante; mas o barqueiro não tinha em que gastar o que ganhava, e foi acumulando o dinheiro até desabar a caranguejola mythologica.

Se um ministro da fazenda achasse hoje a mina de Caronte, matava o *deficit* sem sacrificio.

XXVIII

torre de diamente, onde se acham presos os condemnados

Pag. 117 — *linh.* 8

A prizão dos condemnados é muitas vezes denominada — Tartaro — nos auctores antigos. A tradicção de Virgilio diz, que era ella uma vasta fortaleza, erguida sobre uma rocha e flanqueada por triplices muralhas; que a rodeava a rapida e inflammada tor-

rente do Phlegetonte, arrastando com medonho fragor pedaços de rochedos; era fechada por uma porta immensa, sustida sobre columnas de diamante, que nenhuma força humana, nem mesmo divina, poderia arrombar. Ao centro da fabrica elevava-se até ás nuvens [1] uma torre de ferro. Seria longo enumerar todos os horrores do Tartaro, pintados pelo poèta latino, por Hesiodo, e por Homero; era nos abysmos d'essa fortaleza, que estavam acorrentados os Titans, filhos da Terra, fulminados por Jupiter; e, com elles, todos os grandes patifes, que viveram á solta no mundo: os que desobedeceram aos paes, os traidores, os adulteros, os maus ministros, (ólhem se fosse nos nossos tempos, que enchente!) os que foram infieis aos seus amigos, (hoje, era de atulhar seis Tartaros por anno!) e os que sustentaram guerras injustas.

É triste comparar-se a pequena variedade de tratantes, que possuia o mundo antigo,

[1] Esta mythologia é de dar a agua pela barba! Como viria a torre até ás nuvens, estando os infernos no seio da terra?!

com a enorme quantidade em que abunda o mundo moderno! A humanidade tem progredido tão espantosamente, n'este genero de individuos, que a classificação d'elles tornou-se completamente impossivel! Onde achariamos Tartaro em que elles coubessem, se ainda vigorasse o systema mythologico dos gregos e romanos?

Hesiodo personifica o Tartaro, dizendo, que elle fôra filho da Terra e do Ether e pae dos gigantes. Algumas vezes dá-se a Plutão o epitheto de *Pater Tartarus*.

XXIX

Cão Cerbero

Pag. 117 — *linh* 18

Não se julgue que foi puro capricho da minha parte, determinar, que se fizesse representar o Cerbero por um gozo com uma só cabeça. Em primeiro logar, havia a difficuldade de se encontrar cão, que tivesse mais de uma, e que, possuindo tal raridade, quizesse prestar-se, como qualquer mulher de bigodes, ou homem sem braços, a mos-

trar-se por dinheiro, n'uma composição que elle não tinha feito; a segunda difficuldade sería consentir um podengo, que lhe puzessem algumas cabeças de papelão, ao lado da sua natural; a terceira duvida consistiria em achar um homem, que acceitasse o papel de cão, quando se tem visto actores regeitar papeis de homens; e se, finalmente, eu pudesse triumphar de todos estes embaraços, restar-me-ia ainda um, maior que todos os primeiros, qual era o de saber ao certo quantas cabeças tinha o Cerbero!

É verdade que alguns poetas lhe chamaram cão trifauce, e dizem que tem tres guellas e uma cauda de dragão; que traz ao pescoço uma rodilha de serpentes; e que deita pelas boccas um veneno, negro como azeviche! Mas não é menos verdade, que Hesiodo lhe chama o CINCOENTA CABEÇAS, e Lycophron, o auctor da *Cassandra,* denomina-o, assim como Horacio, CÃO DE CEM CABEÇAS — *canis centiceps* — diz o epicurista de Tibur.

Foi movido por estas duvidas, que me pareceu dever pôr o cão com uma só ca-

beça, sem faltar á verdade na arte. Todavia, se a critica, que tambem é ás vezes phantasiosa, se lembrar de occupar o seu tempo com o *Figados de Tigre* (o que não creio) e me quizer pedir contas de eu ter supprimido ao Cerbero as cabeças que elle tinha antigamente: peço, desde já, que me digam quantas eram, para eu reformar o cão — tomando a palavra *reformar* no sentido das reformas que augmentam.

O Cerbero está umas vezes na embocadura do Acheronte, outras á entrada do Orco, onde assusta com os seus latidos todos quantos se lhe approximam. Elle impede não só a fuga das sombras, que estão no inferno (para onde iriam ellas se fugissem?) mas tambem que lá vão metter-se, sem licença, as que na margem do mundo esperam por vez para entrarem nas regiões tenebrosas. A porta onde elle está chama-se *Portæ Cerberæ,* porta do Cerbero. Era fama que ninguem podia aplacal-o; porém, Mercurio domesticou-o com o caduceo; Orpheo, fascinou-o com os sons da lyra; Deiphobe, a conductora de Eneas, adormeceu-o com um

bolo; e Hercules, depois de o ter moido com pauladas, trouxe-o para a terra manso como um borrego!

Diz-se que o cão, ao ver a verdura que cobria o solo cá de cima, se babára de puro gozo, e que o veneno deleterio, derramado por elle sobre as plantas, servira depois para os encantamentos e mysterios dos magicos.

Este bicho era filho do gigante Typhon e de Echidna — monstro, metade mulher e metade serpente, que tambem teve a satisfação de dar á luz a hydra de Lerna, a Chimera e o leão de Nemeia. — Boa peça!

XXX

Caronte, vestido de palhaço, com uma commenda ao peito

Pag. 117 — *linh.* 28

Ha muita gente de boa fé, que julga achar em cada personagem de comedia ou de romance uma pessoa do seu conhecimento. É por isso provavel, que alguem creia ver n'este palhaço de commenda ao peito um ente do mundo real; mas affirmo e protesto solemnemente, que não copiei

ninguem, que em ninguem pensei, nem penso nunca quando escrevo as minhas modestas composições.

Se alguma vez, ao correr da penna, o desejo de seguir o preceito do latinista moderno

Castigat ridendo mores

me leva para o campo da censura, ou mesmo da satyra, não o faço nunca dirigindo-me ás pessoas; só penso em corrigir os costumes. Seria vil e indigna covardia offender os que me não provocam nem conhecem, e eu vanglorio-me de não ter jámais praticado actos, que me rebaixem perante a minha consciencia ou aos olhos dos que me julgarem com imparcialidade.

Ha muitos palhaços com commendas; mas ha tambem muitos commendadores, que são homens sérios e honradissimos e com a amizade dos quaes eu me honro e desvaneço, porque tambem os estimo devéras. É certo que, nos nossos tempos, a febre das condecorações se tem tornado uma doença universal, que ataca... o fato. As commendas

são a lepra das casacas; apparecendo n'estas a primeira fitinha, é como o primeiro signal corrosivo da lepra humana! Ha apenas duas pequeninas differenças entre uma e outra; a primeira é: que se deseja que a lepra do corpo não ganhe terreno, e aspira-se a ver o peito alastrado pela do fato; a segunda differença é: que uma devora *as* carnes, e a outra as algibeiras!

Eu não as tenho, graças a Deus! mas nem por isso deixo de apertar as mãos dos homens honrados, que padecem de qualquer d'ellas. Tambem as não desejo; mas em todo o caso, calamidade por calamidade, antes a das casacas que a do corpo!

XXXI

Sombras passeando pelo caes

Pag. 118 — *linh.* 1

As sombras tinham de esperar na margem do primeiro rio, á entrada dos infernos, que chegasse a cada uma a sua vez de a levarem para o outro lado, afim de ser julgada. Algumas demoravam-se alli cem an-

nos; outras, mais ou menos, segundo a natureza da morte que tivessem padecido. Pareceu-me por isso bem, que ellas passeassem e cantassem, emquanto esperavam, para se distrahirem do aborrecimento que, naturalmente, deviam sentir. (Veja a *nota* XVIII.)

XXXII

Quarenta e oito por cento
Levou a um pobre empregado!

Pag. 121 — *linh.* 11

Encaxei esta sombra no boqueirão dos infernos fabulosos, por não poder mandal-a, mythologicamente falando, para um logar peior. Servindo-me da liberdade com que os antigos tratavam estes assumptos, pondo um homem, depois de morto, no ceo e no inferno ao mesmo tempo, tambem lá metti um agiota, que era vivo ainda ao tempo em que se representou o *Figados de Tigre*. Este sugeito, cujo nome calarei porque o homem é já fallecido, tinha-me levado quarenta e oito por cento, da primeira e unica vez em que na minha vida tive de recor-

rer a um emprestimo de tal genero! Além d'este juro enorme, passei-lhe uma letra de duzentos mil réis, e dei-lhe documentos em penhor, no valor de trezentos — tudo isto para obter vinte libras! E note-se mais, que o usurario dependia de mim, porque na Pagadoria de Marinha, onde eu era empregado, lhe fazia todas as semanas, e todos os principios de mez, immenso trabalho gratuito, verificando relações de férias e de recibos, que não eram serviço da repartição, para elle receber o pagamento do que descontava (e roubava) aos pobres operarios e empregados de Marinha!

Eu não sei se Deus dá ou não n'este mundo o castigo das más acções; o povo affirma, que tudo se paga cá; e eu tenho a fraqueza de crer em muitas coisas que o povo diz. O meu agiota, que á força de tirar a pelle aos outros alargara a sua e fizera uma fortuna, que tinha só o inconveniente de ser amontoada com lagrimas, viu um dia morrer-lhe o filho mais velho, que era já homem feito; depois, o segundo; e afinal morreu elle, ainda na flor da vida,

deixando a umas filhas crianças o dinheiro da usura, que não as livrou da orphandade, e quem sabe se chegariam a gosar-se d'elle depois de crescidas?!

Revejam-se n'isto os que levam quarenta e oito por cento.

XXXIII

Yo soy Cervantes

Pag. 122 — *linh* 19

Miguel de Cervantes Saavedra, auctor do famoso *Don Quixote*, foi posto por mim no inferno, entre os personagens da Grecia e da Roma pagãs, com a mesma liberdade usada por Dante no seu inferno. Não é preciso ser grande homem para fazer um d'estes feitos; comtudo, espero que a patria não seja ingrata para comigo, quando reparar que antes de mim só os maiores poetas se atreveram a levar os seus heroes onde eu levei o meu Figados de Tigre.

XXXIV

Como elle corre! na rapidez
Parece mesmo que é portuguez.

Pag. 123 — *linh.* 23

Este epigramma não tem hoje applicação

como tinha quando foi feito. Agora possuímos vapores, que andam mais depressa; mas eu não me pude esquecer ainda de um, que, em 1852, me levou ao Porto em cincoenta e duas horas!

XXXV

Os juizes o dirão

Pag. 127 — *linh.* 8

Eram tres os juizes dos infernos e chamavam-se: Minos, Radamantho, e Eaco. Foram os dois primeiros, filhos de Jupiter e de Europa; e o ultimo, de Jupiter e Ægina. Esta Ægina era filha do rio Asopo; Jupiter, depois de a ter seduzido, roubou-a ao pae e como este corresse atraz do roubador, para que lh'a restituisse, foi por elle fulminado com um raio! Era uma consolação possuir deuses d'aquelles!

Minos é o encarregado de citar as sombras, perante o tribunal que tem de julgal-as; lê o processo, e examina severamente a vida de cada uma. É a um tempo beleguim, escrivão, e juiz do seu proprio

tribunal. Que grande economia, se os homens quizessem, n'esta parte, imitar os deuses infernaes! E não se julgue que o officio, assim sobrecarregado com estas funcções diversas, ficaria desprezivel. Minos tinha sido rei e legislador celebre em Creta e por isso o fizeram, depois de morto, juiz do inferno; isto prova que elle subiu e não desceu em dignidade. Virgilio descreve-o agitando nas mãos a urna fatal, onde está encerrada a sorte de todos os mortaes.

Os antigos confundiram algumas vezes este rei com outro, do mesmo nome, que foi seu filho, o qual teve por mulher a Pasiphaè, amante d'um touro e mãe do Minotauro.

Rhadamantho, ou Rhadamanthys, foi quem ensinou Hercules a atirar á frecha. Passava, no seu tempo, por homem de juizo e equidade; para recompensal-o deram-lhe os deuses o logar de juiz infernal, que estava vago. A sua auctoridade estende-se até aos Campos Elysios, e está a seu cargo a policia civil de todas as regiões do inferno.

Eaco tambem fôra em vida o mais equi-

tativo rei do seu tempo; a justiça com que governara os povos obteve-lhe, no outro mundo, o honroso emprego de juiz. As suas attribuições são julgar os europeus; e estão confiadas á sua guarda as chaves do inferno. É por isso que o representam com um sceptro e uma chave. Os antigos reverenciavam-n'o como semi-deus e erigiram-lhe templos em diversos logares.

Durante a sua carreira de homem, procedeu sempre com dignidade; gosava de grande influencia com os deuses; uma vez, tendo-se acabado os homens quasi todos, por effeito d'uma peste, pediu elle a Jupiter seu pae, que lhe arranjasse com que povoar de novo o seu reino; e o rei dos deuses, chegando-se a um formigueiro, converteu em gente todas as formigas que n'elle habitavam.

Os homens-formigas ficaram-se chamando *Myrmidons* ou *Myrmidones*. Alguns escriptores dizem, que este nome lhes vinha de Myrmex, donzella que Minerva transformara em formiga, e que fôra mãe do citado formigueiro.

Eaco foi pae do famoso Peleo, a quem os deuses deram Thetis por mulher.

XXXVI

Deusa dos Mares.

Pag. 128 — *linh.* 5

A Deusa dos Mares é uma barca de banhos, no Tejo, com grandes creditos de luxo e commodidades, e á qual se póde bem applicar o rifão: *Cria fama e deita-te a dormir*.

O auctor d'este livro foi lá uma vez tomar um banho de chuva e teve que vir para casa lavar-se da agua com que o serviram; era peior do que se tivesse sido tirada do Cocyto ou do Acheronte! Alugaram-lhe por lençol um trapinho esburacado, que não chegava para lhe cobrir os hombros! Foi sem duvida por alguma recordação tão grata como esta, que Cervantes comparou a barca de Proserpina com a Deusa dos Mares. O Tejo, ao pé de Lisboa, tem occasiões em que não póde haver Acheronte ou Cocyto mais immundo; e estou que se a esposa de

Plutão o visse n'esses dias, não trocaria por elle os seus rios do inferno.

XXXVII

Soy un hombre enamorado

Pag. 134 — *linh.* 8

Estes versos são de uma zarzuela de D. Agustin Azcona, intitulada: *El Suicidio de Rosa.*

XXXVIII

o que lhes parece filho da imaginação, existe realmente n'outra parte.

Pag. 135 — *linh.* 8

Muitos annos depois de representado o *Figados de Tigre*, e, por consequencia, da asserção de Caronte, que dá assumpto para esta *nota*, publicou-se em França um livro, intitulado: *Paris na America*, por Mr. René Lefebvre; na segunda e terceira paginas d'essa obra lê-se o seguinte:

— « Imagina que D. Quixote e Sancho,

Robinson e Vendredi, Werther e Carlota, Tom Jones e Sophia nunca existiram? Pois o homem não póde crear um atomo de materia e suppõe-se que elle póde crear, com todas as peças, almas que nunca hão de morrer? Não acredita mais no D. Quixote do que em todos os Artaxerxes? Robinson, para o collega, vive tanto como os Drake, ou os Magalhães?»

— «D. Quixote viveu? Poderia eu conversar com o illustre e sabio prefeito da ilha de Barataria?»

— «Sem duvida. Saiba comprehender o que é o poeta. É um vidente, um propheta, que se eleva até ao mundo invisivel; lá, entre os milhões de sêres que viveram e cuja lembrança se perdeu cá em baixo, escolhe aquelles que quer fazer reviver na memoria dos homens. Evoca-os, escuta-os e escreve o que elles lhe dictam. O que a parva humanidade toma por invenção do artista não é se não a confissão de um morto desconhecido...»

É, pouco mais ou menos, a theoria que eu estabeleci na minha peça a respeito de

D. Quixote! E folgo que, depois de mim, viesse um escriptor distincto, que de certo não conheceu o meu escripto, expor a mesma idéia de modo, que parece a traducção do que eu havia dito annos antes! E este encontro de uma opinião que parece extravagante, ennunciada por nós ambos como um gracejo, não será uma revelação? Dar-se-ha caso, que eu e o sr. Lefebvre descobrissemos uma grande verdade? Quem sabe?!

Levar-me-hia muito longe a investigação philosophica ou psycologica; todavia, não é impossivel que a verdade ande perto das minhas theorias e das do romancista francez. O homem não cria nem inventa. As obras do espirito humano são, talvez, revelações mysteriosas; o auctor inspirado é um *vidente*, que escreve o que está vendo e que existe realmente n'outra parte. Quem sabe portanto onde estará o imperador Figados de Tigre com toda a sua familia? Agora, corroborada a minha doutrina com a do auctor estrangeiro, acredito que não o inventei, nem a nenhum dos outros personagens.

XXXIX

Briareo tinha cem braços.

Pag. 144 — *linh.* 14

Briareo era um dos gigantes de cem braços e cincoenta cabeças, que nasceram da união do Ceo e da Terra. Elle e outros dois irmãos revoltaram-se contra Jupiter e quizeram expulsal-o do ceo; o rei dos deuses precipitou-os no abysmo do Tartaro, onde ficaram encadeados algum tempo. Quando os Titans combateram contra os deuses no Olympo, fizeram estes as pazes com os gigantes e pediram-lhes auxilio; Briareo e seus irmãos, que não tinham achado graça á prisão, entenderam que lhes convinha ter Jupiter por alliado e collocaram-se a seu lado como amigos dedicados. Só elles atiravam de cada vez tresentos matacões enormes aos inimigos! Com esta metralha era impossivel deixarem de vencer. Os Titans foram por sua vez aferrolhados no inferno e guardados pelos tres colossos!

Estes sugeitos eram alliados magnificos para a guerra; mas, a idéia de que entre

os tres havia cento e cincoenta boccas, era de atterrar!

XL

Tantalo e Sisypho

Pag. 145 — *linh.* 5

Tantalo, filho de Jupiter e de Pluto, era rei da Lydia, da Phrygia, ou da Paphlagonia. A sua maior celebridade provém-lhe do castigo que lhe foi imposto nos infernos; mas não se sabe a verdadeira causa porque o condemnaram. Uns dizem que revellara um segredo de Jupiter, que o tinha convidado para jantar; outros, que roubara da mesa dos deuses o nectar e ambrosía, e que fôra repartil-os pelos seus amigos; alguns, que sacrificara um filho ás divindades, como para as experimentar; e, finalmente, querem tambem que fosse punido por ter furtado, de sociedade com Pindaro, um cachorro de oiro, que guardava o templo de Jupiter, em Creta. Apezar d'estas differenças parece que o seu crime principal foi o de ladrão; e admira que o castigassem por isso, visto que, homens e deu-

ses, não eram muito escrupulosos em se apossarem do alheio no tempo em que Tantalo viveu.

O modo mais geral porque se descreve o seu supplicio é o seguinte:

Está elle devorado de sede, no meio de um lago immenso, cuja agua lhe chega ao queixo e lhe foge rapidamente, cada vez que elle a quer beber; sente-se faminto e rodeiam-n'o arvores carregadas de fructos deliciosos, que lhe pendem sobre a cabeça; cada vez que o desgraçado estende a mão para os apanhar, um vento furioso levanta até ás nuvens os ramos d'onde elles pendem!

Sisypho foi um dos maiores scelerados e dos mais habeis ladrões que teve a antiguidade. A sua vida é toda cheia de lances picarescos e alguns d'elles téem graça. Um dos seus amigos roubava-lhe os bois, que elle tinha furtado a outros; Sisypho, para conhecer os que eram seus, marcava-os nas plantas dos pés e ía depois buscal-os ao rebanho do amigo. Este achou tão engenhoso o meio, que, para testemunhar

a Sisypho a sua admiração, permittiu-lhe que tivesse amores ilicitos com sua filha! Sisypho deu brado com as suas rapinas e patifarias! Uns dizem que elle fôra morto por Theseo; outros contam, que indo a Morte para o apanhar elle a acorrentara, e que durante muito tempo não morrera ninguem! Esta prisão da Morte estabelecia, porém, um desiquilibrio no mundo, e por isso foi Marte encarregado de ir libertal-a. Logo que ella se viu livre fez de Sisypho a sua primeira victima; mas este teve ainda tempo de recommendar a sua mulher, que não o amortalhasse nem enterrasse, oque ella cumpriu. Chegando aos infernos, queixou-se Sisypho a Plutão de que sua mulher não tivesse cumprido para com elle as obrigações devidas aos mortos; e pediu-lhe licença para ir punil-a; o deus infernal consentiu; e a sombra, depois de se apanhar na terra, andou por cá muitos annos sem querer reentrar no imperio da morte! Foi necessario que Mercurio viesse dar-lhe caça; e diz-se que foi n'essa occasião que o precipitaram no logar onde soffre o seu castigo.

Tambem os auctores, todos concordes em que Sisypho foi ladrão, impio, ávido de ganho como todos os da sua raça, não combinam ácerca dos motivos porque elle foi suppliciado. O seu supplicio é rolar um grande rochedo para o cimo d'um monte; quando o infeliz está proximo do alto da montanha, uma fôrça mysteriosa precipita a pedra na planicie e elle tem que recomeçar a sua tarefa dolorosa!

XLI

Cocyto, Acheronte, Tartaro, Phlegetonte.

Pag. 145 — *linh.* 21

Já se explicou em outros lugares o que sejam estes rios.

Cocyto, Acheronte, Tartaro, Phlegetonte, Peryphlegetonte, Orco, Styge ou Stygia, Lethes, e ainda outros, que agora me não occorrem, são nomes de rios e lagos infernaes e muitas vezes designam tambem exclusivamente o inferno.

XLII

Araujo, da travessa de S. Nicolau.

Pag. 151 — *linh.* 11

É um dos mais famosos fabricantes de doces que tem Lisboa. Os seus pasteis são populares; os seus bolos, de variadissimas qualidades, são tão bons, que lhe téem dado não só a celebridade mas tambem a fortuna, o que é um pouco melhor.

XLIII

Fui eu que te fiz?

Pag. 156 — *linh.* 11

Segui, a respeito de Prometheo, a lenda que o faz auctor ou fabricante de homens. A sua historia é tambem muito complicada e cheia de obscuridade. Não se sabe ao certo quem foram seus paes; uns dizem que elle pertencia á collecção dos gigantes, outros que era um dos Titans. Uma das tradições conta assim o motivo porque elle foi encadeado no monte Caucaso, onde uma aguia lhe comia o figado, que renascia sem-

pre: — Estando os deuses em ajuste de contas com os homens, em Sicyone, Prometheo desejou experimentar se Jupiter seria realmente um deus ou um charlatão. Para isso matou um boi, esfolou-o, abriu-o, e cortou-o em pedaços; feito isto, embrulhou a carne toda no coiro, pondo-lhe por cima as tripas e todos os mais intestinos; a outro lado collocou os ossos, cobertos com a gordura; chamando depois o rei dos deuses, deu-lhe a escolher um dos quinhões. Jupiter preferiu o que lhe pareceu maior e melhor, mas vendo-se com os ossos e o cebo, ficou furioso e mandou, por Mercurio, amarrar Prometheo ao rochedo. Vê-se que a sua ira provinha de ter sido apanhado como um sendeiro, porque não podia ser grande deus, nem inspirar consideração alguma séria, uma divindade, que caía n'um lôgro, como se fôra o mais estupido dos mortaes. Tão certo é que os grandes nunca perdoam a humilhação porque os fazem passar os pequenos, que Jupiter ficou, d'alli em diante, com asco a Prometheo; aborrecido de o ver sempre com figados novos, fulminou-o um

dia com o raio e fez com que a sua sombra fosse para o inferno acorrentada ao rochedo fatal!

Outra lenda diz, que elle fôra amarrado por ter querido violentar Minerva; mas isto não é provavel, porque as deusas gregas humanisavam-se demasiado; e ha outra tradição, que affirma ter sido Prometheo e Minerva que fizeram os homens, com pedaços de diversos animaes, após o diluvio de Deucalião.

Ainda outros acreditam que o crime de Prometheo fôra ter aconselhado os homens, para que se despojassem, em favor das serpentes, da faculdade, que primitivamente possuiram, de se remoçarem. No cimo do Caucaso mostravam-se antigamente as cadeias com que elle estivera alli acorrentado e suppunha-se que fôra Hercules quem o soltara. O motivo porque Figados de Tigre via a sua sombra em liberdade, no inferno, foi porque Jupiter tinha ordenado, que Prometheo alli estivesse preso até que outro deus descesse ao abysmo para o desligar. Chiron foi quem lhe fez esse favor; alguns preten-

dem que fôra o proprio Jupiter, para recompensal-o d'uma prophecia que elle lhe tinha feito. Foi Prometheo adorado pela antiguidade e teve um altar em Athenas, nos jardins da Academia, onde se celebravam as Lampadophorias, cerimonias feitas com lampadas e tochas, em memoria de ter elle roubado o fogo celeste. Ha muitos baixos relevos antigos representando scenas da sua vida, taes como a creação do homem, o supplicio do Titan, o seu livramento etc.

XLIV

Deixa-me, Eurydice

Pag. 157 — *linh.* 21

Eurydice foi mulher d'Orpheo (veja a *nota* XIV). No dia do seu casamento com este poeta, um tio d'ella, por nome Aristeo, quiz raptal-a, como era costume vulgar n'aquelles tempos em que os deuses eram os primeiros a dar exemplos de patifaria. A moça, quando fugia do seu perseguidor, foi mordida por uma serpente e morreu da mordedura.

A historia dá noticia de muitas mulheres d'este nome, todas mais ou menos notaveis; mas nenhuma foi tão celebre, como a desposada do cantor thracio, em consequencia da sua morte e dos extremos que este fez por ella indo aos infernos pedil-a aos deuses, como já se referiu no logar competente.

XLV

Cachaça.

Pag. 158 — *linh.* 3

É aguardente feita da canna do assucar.

XLVI

Apenas tenho este pomo.

Pag. 163 — *linh.* 9

A Discordia, ou Eris, era a divindade que presidia aos assassinatos e ás guerras, e que promovia as desuniões entre os povos e as familias.

Eis como a descreve Homero: «A insaciavel Discordia, irmã e companheira do homicida Marte, é a deusa, que, fraca ao nascer, cresceu tão rapidamente, que tendo

os pés na terra esconde já a cabeça no ceo; é ella que, atravessando a multidão dos guerreiros, derrama em todos os corações um odio fatal, precursor da carnificina. A sua voz rebenta em gritos terriveis e espantosos, e desperta nos animos dos bravos um valor feroz, que os excita para a matança sem tregoas. Ella compraz-se em ouvir os gemidos do valente que morre; e, já dedepois de todos os deuses se haverem retirado do combate, fica ainda no campo da batalha para pascer a vista no espectaculo horrendo dos mortos e dos moribundos.»

Como não sei grego, traduzo isto do francez e deixo a belleza ou fealdade da pintura a cargo do primeiro traductor. Infelizmente, a verdade não anda muito longe d'este desenho; porque, de alguns mythos gregos e romanos, que não acabaram ainda de todo, a discordia é um dos que promettem viver eternamente com o genero humano!

A Discordia é filha da Noite e do Erebo; e, segundo Hesiodo, foi mãe da Miseria, do Olvido, da Fome, das Dores, dàs Ba-

talhas e Combates, do Homicidio, da Contradicção, da Mentira, da Injustiça, da Cegueira, e de varios outros tratantes.

Esta creatura, que dotou o mundo tão generosamente, foi expulsa do ceo, por Jupiter, em consequencia das intrigas e desordens que promovia sem cessar entre os deuses.

Quando estes casaram Thetis com Peleo não convidaram a Discordia para as bodas; esta deusa, furiosa por tal desconsideração, appareceu inesperadamente entre os convivas e lançou sobre a mesa um pomo, onde se lia: *Á mais formosa.* Juno, Venus e Minerva disputaram a posse do fructo; Jupiter, ordenou-lhes que fossem todas tres ao monte Ida, onde se achava o famoso Paris, para que este resolvesse qual d'ellas o merecia. Juno e Minerva levaram ricos presentes ao moço troyano, para que elle lhes concedesse o pomo; Venus não lhe offereceu mimos, mas prometteu-lhe a posse da bella Helena; Paris deu o fructo a Venus. Alguns auctores dizem, que as deusas se mostraram a Paris, completamente

nuas, para que elle podesse avaliar, com inteiro conhecimento de causa, qual era a mais formosa!

Representa-se a Discordia coroada de serpentes, tendo em uma das mãos uma tocha accesa e na outra um punhal e uma cobra. Diz-se que tem côr denegrida, olhos desvairados, bocca espumante e mãos ensanguentadas.

XLVII

Juno, Pallas e Venus

Pag. 163 — *linh.* 12

Juno foi, como já se viu em outras notas, mulher de Jupiter e supposta a mais honesta das deusas, apesar de se contar que ficara duas vezes pejada por cheirar alfaces e flores!

Esta historia era dura de roer; mas, como o rei dos deuses lhe fazia milhares de infidelidades, julgou a proposito não apurar o negocio. Apesar de Juno ser sua mulher, elle não a considerou nunca egual a si, deixando-a sempre n'uma condição inferior.

Pallas, Athenea, ou Minerva, deusa da

sabedoria e da guerra, era filha de Jupiter, de cuja cabeça saíra armada, segundo rezam as tradições posteriores a Homero. É talvez a mais celebre das deusas, e foi das que receberam mais sincero culto dos antigos gregos e romanos. Todavia, nada ha mais confuso e embrulhado que os mythos relativos a esta divindade. Contam-se muitas Minervas differentes; mas a grega, que denominavam Athenea, era considerada como sendo dotada de um espirito austero e viril, virgem por excellencia, que fugia do amor, porque tinha o coração inacessivel ás paixões. Era uma personificação da razão superior. Diziam, que ella fôra insensivel aos amores; porém, as tradições modernas fazem-n'a mãe, por mais de uma vez.

As artes plasticas immortalizaram-n'a no marmore, no bronze e no oiro, repetidas vezes. A Phidias se deveu a realisação completa do ideal de Minerva, tal como a tinham concebido os antigos. O artista executou, por ordem de Pericles, uma estatua colossal da deusa, feita de oiro e márfim, que

foi collocada na Acropolis. A figura era grandiosa e representada em pé, tendo na mão a estatua da Victoria e o seu escudo aos pés. Outros monumentos antigos, que gozaram de grande reputação, foram: a Minerva de bronze, feita depois da batalha de Marathon; a Minerva Lemnianna, consagrada a Athenas pelos habitantes de Lemnos. Os romanos tambem lhe erigiram muitas estatuas e baixos-relevos.

Venus, foi mulher de Vulcano, ao qual logrou todas as vezes que quiz. Por ser creatura muito conhecida e não faltarem hoje outras Venus que se pareçam com ella — menos na belleza — julgo inutil descrevel-a.

XLVIII

Peleo e Thetis

Pag. 163 — *linh.* 13

Peleo foi pessoa de grandes creditos e influencia nos tempos heroicos. Os deuses, e sobre todos Jupiter, gostavam tanto d'elle, que o quizeram ter por amigo e parente e deram-lhe Thetis em casamento.

Thetis, filha de Nereo e de Doris, não gostou de que a casassem pobremente com um mortal e fugiu ao marido, andando muito tempo a monte. Depois de grande choradeira do esposo, consentiu afinal em se unir a elle e d'essa união nasceu Achilles. Porém, a deusa nunca poude conformar-se com a sua sorte; de vez em quando fugia de casa, rosna-se que por motivos nada lisongeiros para ella. Jupiter quiz tomal-a para si, mas Prometheo prophetisou-lhe, que do seu casamento com ella nasceria o mais poderoso dos deuses, que teria maior auctoridade do que todos os outros e isto fez com que Jupiter desistisse do seu proposito, para que não viesse a haver ninguem que lhe fizesse sombra no ceo; e diz-se, que por esta prophecia perdoara a Prometheo e o soltara. (Veja a *nota* XLIII).

XLIX

A Jupiter e a Marte

Pag. 163 — *linh.* 17

De Jupiter (Zeus) tem-se dado sufficiente noticia no decurso d'estas *notas*. Para o tra-

tar como elle merece, isto é: como o primeiro e o maior dos libertinos que tem existido (se é que elle existiu), seria necessario um volume. Em todos os livros de mythologia se descreve este sultão, de um modo pouco em harmonia com a gravidade que seria para desejar no rei dos deuses. Ao nascer devia elle ser comido por seu pae Saturno, como succedera a seus irmãos; porém Rhea, desejando subtrahil-o ao estomago paterno, deu a Saturno uma pedra embrulhada n'um trapo, dizendo-lhe que era o filho, e o asno engoliu-a sem mais exame! A parvoíce de taes deuses está comprovadissima, por isso prescindirei de mais uma vez chamar sobre ella a attenção dos leitores.

Jupiter, apenas cresceu, fez com que o pae vomitasse os irmãos, tirou-lhe o reino, tomou para mulher sua irmã Juno e fez as partilhas á sua vontade, guardando para si o bolo maior, que era o céo. Os parentes não se deram por satisfeitos e começaram a brigar com elle. Jupiter varreu-os do Olympo, e tomando a figura de um carneiro correu

aquella sucia de covardes até ao Egypto. Foi então que os gigantes quizeram escalar o céo, sobrepondo montes uns nos outros; Jupiter, que já tinha arranjado o raio, fulminou-os e metteu-os no inferno, debaixo dos proprios montes por onde elles queriam subir. Depois d'esta victoria tratou de se divertir e gosar a vida a seu modo.

Disfarçou-se em satyro, para seduzir Antiope; em chuva de oiro, para entrar n'uma torre onde estava Danàe; em toiro, para roubar Europa; em cysne, para fecundar Leda, que pariu dois ovos dos quaes nasceram Castor e Pollux, Helena e Clytemnestra, isto é: dois casaes de patos; tomou a figura de Diana, para seduzir a nympha Calisto; arranjou, finalmente, milhares de disfarces que seria longo enumerar, para roubar filhas aos paes, esposas aos maridos, donzellas, casadas, viuvas, deusas — foi tudo razo com este patife, que até por fim roubou Ganimedes, preferindo-o a Hebe, para lhe apresentar o nectar!

Tal era o sugeito, que os antigos consideravam como *deus maximo*, senhor abso-

luto de tudo, a quem se ergueram os templos mais sumptuosos de todo o mundo pagão, e que é representado em cima de uma aguia, com o raio na mão! Deram-se-lhe muitas denominações differentes e contam-se nos escriptores mais de trezentos Jupiteres, provavelmente para significar, que pareceria mal accumular sobre a cabeça de um só a enorme somma de patifarias que elle praticou.

Marte, Arés, em grego; Mavors, nos poetas; Mamers entre os antigos Sabinos, é o sugeito, que Juno concebeu sem auxilio do marido. Bastou á deusa cheirar uma flôr dos campos de Qleno e ficou pejada! Que perigo, que era a vizinhança dos taes campos, para os homens casados e de boa fé!

Marte é o feroz deus da guerra, sedento de sangue e de matança, que predomina ainda nos nossos dias, com a mesma — se não com mais bruta selvajaria, que nos tempos antigos! — Apezar da sua crueldade e rudeza, foi um namorador temivel; as suas façanhas amorosas não são menores, que as dos seus collegas de mais nomeada.

Venus gostava muito d'elle; e é fama, que seu marido Vulcano os apanhára uma vez n'uma rede e os dera em espectaculo aos outros deuses. Foi um capitulo de Paulo de Kock, passado no Olympo!

L

déste a comer a teu irmão o seu proprio filho

Pag. 164 — *linh.* 6

Atreo, filho de Pélops e de Hippodamia, era irmão de Thyestes, ao qual deu a comer dois filhos d'este, em vingança de outras atrocidades semilhantes! A historia d'estes dois irmãos é um acervo de horrores, que faz arrepiar. O proprio sol ficou tão encommodado, quando viu Thyestes a comer os filhos em casa de Atreo, que recuou o carro para trás, a fim de não presenciar o espectaculo. Entretanto, nas tradições dos tempos anti-historicos, e mesmo nos começos dos tempos historicos, não ha genero de crimes que fizesse hesitar a maldade humana; porque razão mostraria pois o sol tanta susceptibilidade n'uma occasião, e n'ou-

tras não? Questão de sympathias! O crime de Saturno, que engolia os filhos, não é menor que o de Atreo, e nem o sol nem ninguem se espantou com elle.

LI

O crime!

Pag. 165 — *linh.* 10

Como os antigos personificavam tudo, entendi que o Crime não podia deixar de se fazer representar dignamente no inferno d'elles. Mandei-o vestir de casaca e luvas brancas para o pôr em harmonia com os progressos do tempo. Esqueceu-me dar-lhe tambem uma commenda, que o caracterisaria melhor; mas nem tudo lembra!

LII

Sou um verdadeiro tyranno de farça.

Pag. 168 — *linh.* 13

Accusaram Figados de Tigre de ser um tyranno extremamente benigno e bonachão. Um amigo meu pediu-me, n'um artigo em

que dava noticia da primeira representação da peça, que obrigasse o protogonista a praticar mais sevicias e atrocidades. A coisa era facil e simples; se eu não satisfiz o pedido, foi por me parecer que o tyranno deixaria então de ser parodia, como eu queria que fosse. Se entendi mal, agora é já tarde para emendar o erro.

LIII

Eh! Vulcano?!

Pag. 181 — *linh.* 10

Vulcano, deus do fogo, era considerado como elemento saindo do seio da terra pelas erupções vulcanicas, e como meio indispensavel para a civilisação.

Foi filho de Jupiter e de Juno e o mais infeliz de todos os deuses. Nasceu debil, manco, e feio de metter medo! Sua mãe, vexada por ter parido semilhante aleijão, atirou-o ao mar, onde elle foi caridosamente acolhido por Thetis, que o creou. Entrando no Olympo, depois de crescido, quiz um dia defender Juno do marido, que lhe queria

bater; — o pae pegou n'elle por um pé e precipitou-o segunda vez. Ainda não morreu d'esta! Conseguiu reentrar no ceo, onde, d'ahi em diante, serviu de mofa aos outros deuses, que se divertiam com a sua difformidade. Apezar d'ella, o coxo tinha qualidades que lhe mereceram a posse de Venus; mas esta esposa, como é sabido, foi a mais desaforada das adulteras e o marido acábou por se costumar ás infidelidades d'ella!

Vulcano era muito industrioso. Tinha varias forjas em que fazia os raios de Jupiter, e, provavelmente, todos os utensilios necessarios para o serviço dos deuses. Os Cyclopes (gigantes que tinham só um olho) foram seus officiaes; além d'elles tinha feito um ou dois operarios de oiro, que trabalhavam, andavam e fallavam como os outros. Era um artista de mão cheia!

Concluindo aqui o que diz respeito á mythologia pagã, sinto-me alliviado de um grande peso. Não só o meu estado de saude e o pouco saber me impediram de tornar estas *notas* amenas e agradaveis, mas a na-

tureza do assumpto privar-me-ia de tirar d'elle maior partido, ainda mesmo que as forças me auxiliassem mais. Que monotonia, que aridez, e que bruto materialismo em todas essas longas tradições e lendas religiosas dos antigos! Que serie de contradicções, que disparates, e que falta de consolações para a alma humana! Nem amor verdadeiro, nem familia, nem caridade, nem esperança! Gozo material, prostituição do corpo e do espirito, devassidão completa entre os homens e as divindades, ainda além da morte! deuses que se vingam; deusas que se offerecem, que roubam ás esposas os maridos, e ás mães os filhos; a crapula na terra, no inferno, e no Olympo; a ignorancia das divindades maior, por vezes, que a dos humanos; a maldade egual em uns e outros; a força bruta considerada uma virtude; nenhum respeito pelos fracos; a protecção paga por um preço infame; mythos do bem e do mal confundidos, unidos e respeitados egualmente; nenhuma segurança para as mulheres; a virgindade e a castidade tornadas impossiveis, porque as

divindades eram as primeiras a atacar o pudor; altares erigidos á impudencia; violação e profanação de todos os direitos, de todos os principios, de todas as verdades e de todas as pessoas! — Tal era a religião dos gregos e dos romanos, que caíu desfeita como pó, quando apareceu a consoladora doutrina do Divino Mestre.

LIV

Faz-Tudo.

Pag. 182 — *linh.* 14

Assim denominavam em Lisboa um operario, dotado de grande habilidade para concertar todos os objetos quebrados, de qualquer natureza.

LV

olhar, sem tocar.

Pag. 187 — *linh.* 12

Achava-se este distico na quinta de um florista de Lisboa, e pareceu-me que com mais razão o deveria haver nos Campos Elysios, para impedir que as sombras felizes não estragassem as plantas e os fructos, que eram objectos de ornamentação.

INDICE